

23

cadernos temáticos CRP SP

***Psicologia e o resgate
da memória: diálogos
em construção***



Conselho Regional de **PSICOLOGIA SP**

Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região - CRP 06



cadernos temáticos CRP SP
***Psicologia e o resgate
da memória: diálogos
em construção***

CRP 06 · São Paulo · 2019 · 1ª Edição

XV Plenário (2016-2019)

Diretoria

Presidenta | Luciana Stoppa dos Santos
Vice-presidenta | Larissa Gomes Ornelas Pedott
Secretária | Suely Castaldi Ortiz da Silva
Tesoureiro | Guilherme Rodrigues Raggi Pereira

Conselheiras/os efetivas/os

Aristeu Bertelli da Silva
Clarice Pimentel Paulon
Edgar Rodrigues
Evelyn Sayeg
Guilherme Rodrigues Raggi Pereira
Maria das Graças Mazarin de Araújo
Maria Rozineti Gonçalves
Monalisa Muniz Nascimento
Regiane Aparecida Piva
Reginaldo Branco da Silva
Rodrigo Toledo
Vinicius Cesca de Lima

Conselheiras/os suplentes

Beatriz Borges Brambilla
Beatriz Marques de Mattos
Bruna Lavinias Jardim Falleiros
Ed Otsuka
Ivana do Carmo Souza
Ivani Francisco de Oliveira
Magna Barboza Damasceno
Maria Mercedes Whitaker Kehl Vieira Bicudo Guarneri
Mary Ueta
Maurício Marinho Iwai
Rodrigo Fernando Presotto

Organização do caderno

Yasmin de Sousa Pereira

Apoio Técnico

Marcos Antonio de Toledo
Letícia Weber
Cristina Fernandes de Souza
Adolfo Barros Benevenuto

Revisão ortográfica

Itala Moradei

Revisão Técnica

Bruna Borba de Araújo Tchalekian
Rodrigo Toledo

Projeto gráfico e editoração

Paulo Mota | Micael Melchiades

C755q Conselho Regional de Psicologia de São Paulo.
Psicologia e o resgate da memória: diálogos em construção.
Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. - São Paulo: CRP SP, 2019.
92 p.; 21x28cm. (Cadernos Temáticos CRP SP /nº 23)

ISBN: 978-85-60405-48-0

1. Psicologia – História e Memória. 2. Movimento Estudantil.
3. Ditadura Militar. 4. Resistência Política. 5. Fúlvia Rosemberg 6. Maria Nilde
Mascellani. 7. Iara Iavelberg. 8. Ecléa Bosi. 9. Virgínia Bicudo. I. Título

CDD 150.9

Ficha catalográfica elaborada por Marcos Toledo CRB8/8396

Cadernos Temáticos do CRP SP

Desde 2007, o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo inclui, entre as ações permanentes da gestão, a publicação da série Cadernos Temáticos do CRP SP, visando registrar e divulgar os debates realizados no Conselho em diversos campos de atuação da Psicologia.

Essa iniciativa atende a vários objetivos. O primeiro deles é concretizar um dos princípios que orienta as ações do CRP SP, o de produzir referências para o exercício profissional de psicólogas(os); o segundo é identificar áreas que mereçam atenção prioritária, em função de seu reconhecimento social ou da necessidade de sua consolidação; e o terceiro é efetivamente, ser um espaço para que a categoria apresente suas posições e questionamentos acerca da atuação profissional, garantindo assim, a construção coletiva de um projeto para a Psicologia que expresse a sua importância como ciência e como profissão.

Esses três objetivos articulam-se nos Cadernos Temáticos de maneira a apresentar resultados de diferentes iniciativas realizadas pelo CRP SP que contaram com a experiência de pesquisadoras (es) e especialistas da Psicologia para debater sobre assuntos ou temáticas variados na área. Reafirmamos o debate permanente como princípio fundamental do processo de democratização, seja para consolidar diretrizes, seja para delinear ainda mais os caminhos a serem trilhados no enfrentamento dos inúmeros desafios presentes em nossa realidade, sempre compreendendo a constituição da singularidade humana como fenômeno complexo, multideterminado e historicamente produzido. A publicação dos Cadernos Temáticos é, nesse sentido, um convite à continuidade dos debates. Sua distribuição é dirigida a psicólogas (os), bem como aos diretamente envolvidos com cada temática, criando uma oportunidade para a profícua discussão, em diferentes lugares e de diversas maneiras, sobre a prática profissional da Psicologia.

Este é o 23º Caderno da série. O seu tema é Psicologia e o resgate da memória: diálogos em construção.

Outras temáticas e debates ainda se unirão a este conjunto, trazendo para o espaço coletivo informações, críticas e proposições sobre temas relevantes para a Psicologia e para a sociedade.

A divulgação deste material nas versões impressa e digital possibilita a ampla discussão, mantendo permanentemente a reflexão sobre o compromisso social da nossa profissão, reflexão para a qual convidamos a todas (os).

XV Plenário do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo

Os Cadernos já publicados podem ser consultados em www.crsp.org.br:

- 1 - Psicologia e preconceito racial
- 2 - Profissionais frente a situações de tortura
- 3 - A Psicologia promovendo o ECA
- 4 - A inserção da Psicologia na saúde suplementar
- 5 - Cidadania ativa na prática
- 5 - Ciudadanía activa en la práctica
- 6 - Psicologia e Educação: contribuições para a atuação profissional
- 7 - Nasf - Núcleo de Apoio à Saúde da Família
- 8 - Dislexia: subsídios para políticas públicas
- 9 - Ensino da Psicologia no Nível Médio
- 10 - Psicólogo judiciário nas questões de família
- 11 - Psicologia e diversidade sexual
- 12 - Políticas de saúde mental e juventude nas fronteiras psi-jurídicas
- 13 - Psicologia e o direito à memória e à verdade
- 14 - Contra o genocídio da população negra: subsídios técnicos e teóricos para Psicologia
- 15 - Centros de Convivência e Cooperativa
- 16 - Psicologia e Segurança Pública
- 17 - Psicologia na Assistência Social e o enfrentamento da desigualdade social
- 18 - Psicologia do Esporte: Contribuições para a atuação profissional
- 19 - Psicologia e Educação: desafios da inclusão
- 20 - Psicologia Organizacional e do Trabalho
- 21 - Psicologia em emergências e desastres
- 22 - A quem interessa a Reforma da Previdência?

Sumário

Psicologia e o resgate da memória: diálogos em construção

- 7** APRESENTAÇÃO
- 8** I Ciclo de Debates do GT História e Memória: Experiências Clínicas e de Resgate de Memórias
Bruna Borba
Lúcio Costa
Ana Turriani
Maria Cristina Ocariz
Debates
- 33** Lançamento do Repositório Digital do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo
Luciana Stoppa
Rodrigo Toledo
Marcos Toledo
Julia Rosemberg
Benedito Medrado-Dantas
Debates
- 51** Fórum sobre a História e Memória da Psicologia: Psicologia e Constituição de campos de atuação – Homenagem Ecléa Bosi
Rafael Rosa Plastino
Maristela de Souza Pereira
Jéssica Daiana de Oliveira
Debates
- 61** Fórum “A contribuição dos pioneiros da Educação na luta por direitos” - Homenagem à Maria Nilde Mascellani
Juliano Bernardino de Godoy
Daniel Chiozzini
Maria Teresa de Arruda Campos
Debates
- 79** A Psicologia e o Movimento Estudantil: A História e as Contribuições no Passado e no Presente, na Luta por Direitos.
Maria Orlene Daré
Giovana Moreira Sanches
Sophia Miranda de Paula
Debates

Apresentação

GT História e Memória da Psicologia do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo – CRP 06

O presente Caderno Temático originou-se da necessidade do GT História e Memória do CRPSP registrar os debates que vem produzindo sobre a Psicologia e o resgate de memória, em especial à partir do trabalho com a clínica do testemunho e a contribuição de importantes pioneiras da Psicologia no estado de São Paulo.

O GT História e Memória foi constituído em 1999 e denominado Grupo de Trabalho Memória da Psicologia – atualmente renomeado de “GT História e Memória” – no momento de sua constituição teve como principal objetivo registrar o desenvolvimento da Psicologia no Brasil e com este trabalho buscava contribuir para a construção da identidade da psicologia brasileira.

As diretrizes estabelecidas pelo GT, deste a sua constituição, são mantidas até hoje por todos os plenários do CRP SP e destacamos a participação do GT em diversas atividades de eventos científicos, na constituição e na atualização de uma página no site do Conselho, chamada a “Memória da Psicologia”.

O GT História e Memória, é composto por quatro grandes projetos, desenvolvidos simultaneamente: 1) Projeto Memória da Psicologia em São Paulo que hoje tem uma produção de 13 documentários em vídeos que contam as trajetórias de importantes contribuições da Psicologia produzidas no Estado de São Paulo; 2) A Linha do Tempo da Psicologia Brasileira, que é uma ferramenta de atualização permanente; 3) A galeria dos Pioneiros da Psicologia no Estado de São Paulo que apresenta alguns e algumas dos grandes Pioneiros no campo da Psicologia; 4) O CEDOC – Centro de Do-

cumentação do CRP SP e o 5) Repositório Digital Fulvia Rosemberg.

Entendemos que ao trabalhar com a memória, para preservá-la e compreendê-la como construção histórica, o GT História e Memória busca elucidar as relações da Psicologia com a sociedade brasileira, no sentido de ampliar o campo de reflexão acerca da função da Psicologia, dos limites e das potencialidades de sua atividade.

Esperamos que os textos aqui contidos sejam disparadores para uma reflexão sobre a importância de nos apropriarmos da nossa história e que possamos romper com a reprodução dos estigmas e preconceitos e desenvolver novos modos de operar as relações e o conhecimento.

Que o legado das pioneiras e pioneiros da Psicologia Brasileira sensibilize a todas na direção de lutarmos por uma sociedade mais justa e menos desigual.

I Ciclo de Debates do GT História e Memória: Experiências Clínicas e de Resgate de Memórias

Bruna Borba de Araujo Tchalekian

Psicóloga e mestre em Psicologia da Educação pela PUC-SP. Atua como professora universitária no Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Guarulhos. É membro do GT História e Memória e da Comissão de Ética do CRP SP.

É com muita alegria que iniciamos esse primeiro ciclo de debates. A proposta é compartilhar e dialogar sobre experiências que têm em comum o eixo central de trabalhos voltados e que priorizam um tema fundamental que é a memória. O “GT História e Memória” tem o foco na divulgação da construção da Psicologia, enquanto ciência e profissão por meio da retomada da contribuição de seus personagens pioneiros, campos, as grandes áreas, e atualmente estamos também nos debruçando sobre a garantia de direitos.

Ana Turriani, da psicóloga Maria Cristina Ocariz e do psicólogo Lúcio Costa, sobre suas atuações e suas trajetórias profissionais.

“GT História e Memória” tem o foco na divulgação da construção da Psicologia, enquanto ciência e profissão”

Essa construção foi se desenvolvendo a partir da participação da categoria, em todas as etapas dos processos, pensamos e construímos esse espaço para compartilhar. Entendendo a memória enquanto um direito e convidamos pessoas que de alguma forma trabalham nesta interface. Teremos a fala da psicóloga

Lúcio Costa

Psicólogo, mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e perito do Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura. Psicanalista em formação pela Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPB).

Sou de São Paulo, da região de Sorocaba. Militante da luta antimanicomial em Sorocaba, que era até três anos o maior polo manicomial do país, com sete hospitais psiquiátricos e cerca de três mil pessoas morando neles. Fizemos um trabalho de denúncia sobre o que acontecia dentro desses hospitais psiquiátricos.

Sou psicólogo por formação, mestre em Educação, Comunidade e Movimentos Sociais que é uma especificidade da Universidade Federal de São Carlos. Fui para Brasília em 2013 trabalhar no Ministério da Saúde, especificamente na saúde prisional, na Coordenação Nacional da Saúde Prisional do Ministério da Saúde onde pude contribuir com a formulação de uma portaria¹ específica na reinserção de pessoas com transtorno mental em conflito com a lei, popularmente conhecida como “loucos infratores”. Foi a primeira portaria do Ministério da Saúde e primeira ação do Ministério da Saúde destinada à essa população.

A partir dessa portaria fui para a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, na Coordenação de Direitos Humanos e Saúde Mental, e hoje estou no órgão de estado chamado “Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura” que é uma espécie de braço da Organização das Nações Unidas (ONU) aqui no Brasil, que tem a finalidade de prevenir e combater a tortura a partir de inspeções em instituição de privação de liberdade.

Instituição de privação de liberdade é um conceito muito amplo, são desde presídios militares, hospitais psiquiátricos, comunidades terapêuticas. É qualquer instituição que submeta o indivíduo contra a vontade dele seja por ordem judicial ou por determinação administrativa. Assim como funciona no caso de hospitais psiquiátricos, o meu trabalho atualmente é inspecionar essas instituições, entender os processos de violação e

de tratamento cruel, desumano e degradante que acontece nesses espaços.

Criamos recentemente, no campo particular, um projeto em Brasília chamado “Clínica na Terra” a ideia é ofertar atenção e atendimento clínico às pessoas assentadas em um acampamento específico do Movimento Sem Teto (MST). Tirar a psicologia de um contexto elitista, de um contexto em que poucos acessam e socializar a psicologia a partir de outra perspectiva, enfim, levar uma escuta para pessoas que talvez jamais tivessem acesso a ela. Acho muito oportuno, pois estamos talvez vivenciando o momento mais preocupante dos últimos 30 anos.

“estamos talvez vivenciando o momento mais preocupante dos últimos 30 anos.”

O momento social que nós vivemos gera uma desorganização de todas as ordens enquanto sofrimento, enquanto adoecimento e falar sobre memória é fundamental porque nos foi tirado o direito, o nosso direito de ter memória, a nossa memória foi roubada literalmente. Vivemos em um país que tem 300 anos de escravidão e que não conhecemos sequer o que isso representou nesses 300 anos, não temos lembranças desse período no Brasil.

O Brasil foi o último país das Américas que aboliu a escravatura, e não foi por bondade e sim porque não aguentava mais a pressão. Todos os países da América aboliram a escravidão e o Brasil por consequência teve que adotar essa prática. Não conhecemos isso, não conhecemos detalhes sobre os processos ditatoriais que vivemos. O último durou 21 anos e simplesmente desconhecemos esse processo ditatorial civil-militar. Qualquer tentativa de se falar em memória sobre esse período é atacada e hostilizada.

1 Revogação da PORTARIA Nº 019/2006-GAB/SES e criação do Programa de Atenção Integral ao Louco Infrator no Estado de Goiás – PAILI -

“O momento social que nós vivemos gera uma desorganização de todas as ordens enquanto sofrimento, enquanto adoecimento e falar sobre memória é fundamental porque nos foi tirado o direito, o nosso direito de ter memória, a nossa memória foi roubada literalmente. Vivemos em um país que tem 300 anos de escravidão e que não conhecemos sequer o que isso representou nesses 300 anos, não temos lembranças desse período no Brasil.”

A comissão nacional da verdade, por exemplo, levantou uma série de arquivos que hoje estão sob o poder do governo federal, quer dizer, não sabemos se daqui um ano esses arquivos ainda existirão, são poucos arquivos, mas arquivos que pincelam nossa história, que pincelam a nossa memória.

Estamos na verdade no momento de manifestação do nosso recalque. Agora explodiu e as coisas estão voltando ao cenário que se apresenta. Um cenário assustador e insistir nesses adjetivos sobre o cenário que nós vimos é importante, mas esse diálogo deve servir para nos fortalecermos. Talvez a tentativa seja de constatação sobre o momento, mas é uma constatação que nos exige, inclusive, criar uma estrutura emocional. A primeira coisa que essa onda de ataques faz é matar os nossos desejos, em momentos como nesses encontros, temos que potencializar a nossa capacidade de desejar, de ter outra perspectiva, que não é essa em que nos encontramos.

Para falar da memória, a meu ver, e sem colocar no grau do que significa mais ou menos importante, mas tão importante quanto, o projeto de escravidão que vivemos. Somos um país que nunca superou qualquer violação de direitos humanos, inclusive, para falar de ditadura militar, não podemos esquecer-nos de falar do processo escravagista. Não nos libertamos desse projeto de escravidão, desse projeto de violação a um grupo e essa cultura de que determinados corpos são torturáveis tem como base essencial o projeto de escravidão.

“esse diálogo deve servir para nos fortalecermos. Talvez a tentativa seja de constatação sobre o momento, mas é uma constatação que nos exige, inclusive, criar uma estrutura emocional. A primeira coisa que essa onda de ataques faz é matar os nossos desejos, em momentos como nesses encontros, temos que potencializar a nossa capacidade de desejar, de ter outra perspectiva, que não é essa em que nos encontramos. ”

O que se vê no processo de redemocratização do país é que ainda temos, pelo menos, do ponto de vista institucional superado a ditadura militar no Brasil, mas não superamos o projeto de escravidão e esse processo de redemocratização, portanto, tenha talvez suspenso algumas ações institucionais antidemocráticas para alguns grupos, mas o projeto de escravidão continua. Temos um projeto de assassinato das pessoas negras do nosso país, e isso não podemos perder do horizonte e para falar sobre qualquer processo de memória e de história, temos que falar sobre esse projeto de escravidão, desse projeto de assassinato da população negra que está em curso no nosso país desde sempre e desde que a escravidão foi abolida.

“Não nos libertamos desse projeto de escravidão, desse projeto de violação a um grupo e essa cultura de que determinados corpos são torturáveis tem como base essencial o projeto de escravidão”

Trouxe alguns números porque é importante começarmos a dimensionar e recuperar a memória

a partir deles. Se nós olharmos os nossos presídios, vamos identificar qual é a população que está presa: população negra, pobre e periférica. Em outra perspectiva existe o processo de assassinato que vivemos do ponto de vista histórico. Para isso, apresento alguns dados: em 2015 fizemos um estudo na época que eu estava na Coordenação de Direitos Humanos e Saúde Mental da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência para entender como o Sistema Único de Saúde (SUS) acolhia as vítimas de violência de estado, em especial as vítimas de violência policial, ou seja, como o SUS acolhe as pessoas vitimadas pelo Estado, em especial pelos agentes da polícia.

“O que se vê no processo de redemocratização do país é que ainda temos, pelo menos, do ponto de vista institucional superado a ditadura militar no Brasil, mas não superamos o projeto de escravidão”

O estudo foi construído a partir de uma interlocução com a coordenação de reparação psíquica do Ministério da Justiça, que não existe mais desde 2016. Foi uma pesquisa que usamos para compreender alguns dados que nos chamaram atenção. O primeiro deles é que em 2012 a Organização Mundial de Saúde (OMS) realizou uma pesquisa em 133 países e identificou que 475 mil pessoas nesses 133 países morreram em decorrência de violência. A partir deste estudo, se atualizasse uma taxa, digamos que um ser humano que morra, não é aceitável, mas uma taxa mundial sobre os homicídios no mundo é de 6.7 pessoas para cada 100.000 habitantes. A taxa mundial de homicídios hoje é de seis pessoas mortas para cada 100.000 habitantes nessa pesquisa feita pela Organização Mundial da Saúde. Lembrando que a violência é a terceira maior causa de morte no planeta. Outro dado que traduz a nossa compreensão sobre a importância da recuperação da memória, porque lembremos que embora o processo de redemocratização tenha acontecido, várias estruturas de estado não foram abandonadas como a Polícia Militar, criada na ditadura militar.

Com o processo de redemocratização, essa

estrutura do estado que tinha a finalidade de matar pessoas continua existindo, importante registrar isso. Tentam polarizar o nosso discurso nos colocando de maneira rasa e contra os policiais. É importante lembrarmos que a maioria é jovem, negro e periférico que tem sido usada pelo próprio estado para matar outro jovem, negro e periférico. A nossa crítica central sempre é o Estado e não o agente, que também sofre das mesmas consequências desse Estado.

Porém, há um dado interessante que divido com vocês de alguns bancos de dados do Sistema Único de Saúde: de 1980 a 2012 morreram no país 1.200.000 vítimas de homicídio, enquanto que acidentes de transporte de carro foram 1.000.041 pessoas e pessoas que se suicidaram 216.000 pessoas. Nós estamos falando desde 1980 até 2012. A maior causa morte hoje no país é em função da violência, que perpassa esse projeto de escravidão no país. Outro dado: em 2009 no Brasil foram 51 mil pessoas mortas, lembrando que a taxa mundial é de seis pessoas para cada 100 mil habitantes. No Brasil, por exemplo, em 2009 era de 27 pessoas para cada 100 mil habitantes. Nesse ano de 2018, o último dado que nós temos, é que 60 mil pessoas morreram no país vítimas de violência, podemos colocar uma taxa de 30 pessoas para cada 100 mil habitantes.

“para falar sobre qualquer processo de memória e de história, temos que falar sobre esse projeto de escravidão, desse projeto de assassinato da população negra que está em curso no nosso país desde sempre e desde que a escravidão foi abolida”

Um disparate perto da taxa mundial. Percebemos que a violência é crescente em nosso país, fruto de um aprofundamento das estruturas políticas que tem por finalidade a execução de determinados segmentos sociais. Um desses elementos na atualidade é a política de drogas. A política das drogas na verdade é um novo instrumento, a nova

justificativa para matar esse segmento: negro, pobre, periférico. Sob a justificativa da política de “guerra às drogas”, assassinatos acontecem de maneira impressionante. Um dos combustíveis, digamos assim, é o aumento do assassinato no nosso país pautado sob a velha política que deveria ter sido superada no processo de redemocratização.

Se por um lado matamos, temos que assumir que matamos enquanto sociedade, não dá para transferir o peso desses dados para o policial. Esse é um projeto nosso, se por um lado matamos, por outro, o estado não cuida.

“A política das drogas na verdade é um novo instrumento, a nova justificativa para matar esse segmento: negro, pobre, periférico. Sob a justificativa da política de “guerra às drogas”, assassinatos acontecem de maneira impressionante”

Alguns dados do Sistema Único de Saúde sobre cuidado que também chama atenção. O SUS tem vários bancos de dados, mas 2 principais são o “SIM” que é o “Sistema de Informação sobre Mortalidade”, através do qual sabemos quantas pessoas morreram no país, onde elas morreram, e a causa mortis. O outro é “SINAN” que é o “Sistema de Informação de Agravos de Notificação”. O “SIM” registra e cataloga todas as mortes do país e o SINAN é um banco de dados que todo profissional de saúde tem que notificar quando o agravo é identificado. Agravo é “qualquer dano à integridade física ou mental do indivíduo, provocado por circunstâncias nocivas tais como acidentes, intoxicações por substâncias químicas, abuso de drogas ou lesões decorrentes de violência interpessoais, como agressões, maus-tratos e lesão autoprovocada”. No caso das tentativas de suicídio ou em caso de acidente de trânsito, o profissional da saúde que recebe a pessoa tem que notificar no SINAN, ou seja, sempre que uma pessoa é vítima de uma violência o profissional da saúde precisa elaborar a notificação.

Essa pesquisa buscou o estado desses

bancos de dados, e um índice que chama muita atenção é que, se por um lado matamos enquanto estado, por outro, a política de saúde não cuida dessas pessoas ou não presta o auxílio devido.

Para compreender a complexidade do que significa isso, identificamos nessa pesquisa que de 2009 a 2014 segundo esse banco de dados do SUS apenas oito pessoas foram vítimas de violência policial em São Paulo. Qual é a estratégia do SUS? Porque se pensarmos que as pessoas estão sendo vitimadas, é papel fundamental do SUS olhar para essas vítimas, inclusive, para formular políticas de prevenção, políticas de diálogo com comunidades assassinadas.

Lembro, por exemplo, a importância da interlocução do SUS com essa realidade de vítima de violência policial em um dos debates que fizemos aqui em São Paulo para entender e levantar essas informações da realidade do Município de São Paulo. Uma pessoa disse que na zona leste de São Paulo, por exemplo, começou a ter uma recorrência de jovens morrendo por suicídio, e isso chamou atenção das equipes de saúde do território. O resultado foi que a partir dessa preocupação do SUS, aconteceu um diálogo com a comunidade para investigação sobre esse processo, foram entender que agentes policiais estavam incitando jovens a se suicidarem sob a pena de que se eles não se suicidassem, as famílias sofreriam as consequências, ou seja, o jovem para não ver sua família vítima da violência policial, se suicidava.

Evidente que quando falamos do aumento de suicídio não são dez mil suicídios, sejam cinco suicídios, seis suicídios, quatro suicídios, é para denotar e marcar a importância da interlocução do SUS com essa realidade da violência. O que constatamos é que não há essa interlocução do Estado, quer dizer, o estado opera na perspectiva de assassinato dessa população.

Outro dado importante, temos mais um banco de dados, o da Segurança Pública. Interessante pensarmos o quanto que o SUS está fora desse debate. Em 2013, por exemplo, foram 57.396 pessoas assassinadas em todo país. Desse total o sistema de informação sobre mortalidade do Ministério da Saúde, o SIM, identificou que 592 pessoas morreram assassinadas por policiais, enquanto que SINESP que é o “Banco Nacional de Segurança Pública” identificou que no mesmo ano, 2.012 pessoas morreram vítimas de violência policial.

Os dados não revelam aquilo que deveríamos conhecer enquanto sociedade. Isso é fruto da falta de memória. O Estado opera e atua em cima do furto que tivemos enquanto coletividade da nossa memória em todos os países que passaram por situações de terror, seja em função da ditadura militar, em função de grupo de extermínio ou de perseguições nazistas. A memória é a base da construção social e o nosso país não conta com essa memória. Fato é que não contar com a memória faz com que continuemos reproduzindo questões que já deveriam estar superadas há muito tempo.

“O Estado opera e atua em cima do furto que tivemos enquanto coletividade da nossa memória em todos os países que passaram por situações de terror, seja em função da ditadura militar, em função de grupo de extermínio ou de perseguições nazistas”

Essas são algumas informações para dizer o quanto precisamos recuperar a construção de um Estado que preserva sua memória, sua história e suas barbáries. Um discurso hoje que tem fomentado o momento eleitoral que nós vivemos é a segurança pública. É interessante perceber que algumas pessoas que se identificam com determinado candidato, alegam o voto dizendo que nós vivemos em uma situação tremenda de insegurança e essas pessoas estão certas.

Nós vivemos de fato muita insegurança, vide o crescimento dos homicídios no Brasil, vide uma série de questões/problemas que é a resposta pelo voto na figura que às vezes manifesta o seu desejo e intenção de voto. Falta compreensão das pessoas, pois é em função desse pensamento que nos encontramos nesse cenário, e se não superarmos a estrutura violenta do estado com processo de redemocratização do país, qual seria o resultado se não o que estamos vivendo? E a opção das pessoas para determinadas figuras é que representa esse passado, e inclusive reafirma a lógica da

violência como alternativa; de modo que não conseguimos traduzir que precisamos avançar por outro caminho, no sentido de desdobrar políticas públicas, e mudar a lógica como as polícias interagem.

“não contar com a memória faz com que continuemos reproduzindo questões que já deveriam estar superadas há muito tempo”

Fui Conselheiro do Conselho Nacional de Política sobre Drogas e em uma reunião específica recebemos o delegado responsável pelas fronteiras do Brasil. Era o responsável por toda Força Nacional que fazia a proteção das fronteiras do nosso país, e uma informação interessante que ele trouxe é que a maioria das pessoas hoje presas por tráfico de drogas no país, não são presas fruto da inteligência da Polícia Federal ou Polícia Civil. As pessoas são presas fruto da ronda ostensiva da polícia militar na periferia.

Prende-se muito hoje nessa concepção de polícia que temos, ela é antiga e prende mal, porque a operação logística do tráfico de drogas continua, e continua lucrando demais, pois quem é preso é o jovem negro, periférico de boné na cabeça, de calça larga, com um quilo de maconha guardado consigo. Quem opera a logística do tráfico não é o jovem negro periférico e não tem um quilo com ele, mas tem toneladas guardadas. Se a Polícia Militar prende, o que a Polícia Federal e a Polícia Civil estão fazendo em termos de inteligência?

A Segurança Pública funciona com a finalidade de exterminar, dentro desse projeto racista de sociedade, isto é, se você não é subordinado à máquina produtiva, você vai ser encaixotado nos presídios, nos manicômios e agora na nova face dos manicômios, as comunidades terapêuticas destinadas a tratamento de usuários de drogas, que na verdade cumprem um papel segregador dessa juventude negra e periférica.

“A Segurança Pública funciona com a finalidade de exterminar, dentro desse projeto racista de sociedade, isto é, se você não é subordinado à máquina produtiva, você vai ser encaixotado nos presídios, nos manicômios e agora na nova face dos manicômios, as comunidades terapêuticas destinadas a tratamento de usuários de drogas, que na verdade cumprem um papel segregador dessa juventude negra e periférica”

Arrisco atribuir que grande parte desses problemas é em função da nossa ausência de memória, de compreender o que foi a escravidão, de compreender o que significam essas ditaduras no nosso país, que não conseguimos sublimar. A diferença da sublimação para o recalque é nítida: você sublima e investe todo aquele seu desejo reprimido para produzir algo diferente, o recalque você guarda e aquilo vai se manifestar em algum momento da sua vida de outra forma, é isso que está acontecendo agora. Nós guardamos toda a nossa história, não a conhecemos, ela está se manifestando de novo em alguma medida.

“A diferença da sublimação para o recalque é nítida: você sublima e investe todo aquele seu desejo reprimido para produzir algo diferente, o recalque você guarda e aquilo vai se manifestar em algum momento da sua vida de outra forma, é isso que está acontecendo agora. Nós guardamos toda a nossa história, não a conhecemos, ela está se manifestando de novo em alguma medida”

Uma frase que eu queria deixar, aliás, duas frases. Porque uma eu tenho certeza que é anima-

dora, a outra talvez, a depender da perspectiva de vocês. Um pensamento do Gramsci diz que *“contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática”*. Contra pessimismo da razão, o otimismo da nossa prática. Nós podemos construir uma nova realidade. A outra frase, essa eu ouvi hoje e me empolgou é: *“Combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”* da Conceição Evaristo. Temos que levar em conta, porque temos que combinar a nossa resistência, combinar os nossos afetos, estamos desafetados.

“Temos que levar em conta, porque temos que combinar a nossa resistência, combinar os nossos afetos, estamos desafetados”

Há um pensamento do Zygmunt Bauman, que é sobre atualidade *“nós vivemos uma multidão de solitários”* e o avanço do processo do sistema capitalista visa isso, enquanto função é o indivíduo acima de todos e a coletividade perde espaço. A troca de afeto, de olhar hoje é muito difícil, você não para a sua rotina para conversar com alguém, o diálogo e o encontro com o outro é a coisa mais natural do mundo. Nós perdemos a capacidade de afeto e estamos criminalizando o afeto.

Hoje, por exemplo, existe um legislador no Congresso que diz quem que eu devo amar, como se o amor não fosse algo de ordem subjetiva. Eu amo quem eu quiser, não é uma legislação que vai dizer que você pode amar somente alguém do sexo oposto, isso é uma construção moral legitimada em uma perspectiva de que a nossa memória não consegue lembrar.

“Eu amo quem eu quiser, não é uma legislação que vai dizer que você pode amar somente alguém do sexo oposto, isso é uma construção moral legitimada em uma perspectiva de que a nossa memória não consegue lembrar”

Membro do Margens Clínicas desde sua fundação, dedica-se à pesquisa de metodologias clínicas comunitárias voltadas para a recuperação e construção de memória coletiva. Desse trabalho desenvolve o projeto *Cartografia das Memórias*. Foi membro do Centro de Atención Psicosocial a Víctimas de Violencia Política (CAPVVIPO) da Escuela de Psicología de la Universidad de San Carlos de Guatemala e é membro da Red de Investigadoras del Departamento Ecueménico de Investigaciones (DEI/Costa Rica) Integrou a VI Turma de Formação em Eutonia do Núcleo Berta Vishnivetz de 2010 a 2013. Foi coordenadora do Centro de Estudos em Reparação Psíquica e do Projeto Clínicas do Testemunho nas Margens e é coordenadora da Dançarilhos - espaço para corpo e arte em movimento. Atua nas áreas de psicanálise política, clínica aplicada, teoria social, memória coletiva. Mestre e doutoranda em Ciências pelo programa de pós-graduação "Humanidades, direitos e outras legitimidades" (DIVERSITAS/USP) Possui graduação em Psicóloga pela Universidade de São Paulo (2010).

Meu nome é Ana Turriani, membro do Coletivo "Margens Clínicas"², atuo desde 2012 na atenção psicossocial às vítimas de violência policial nas periferias de São Paulo e desde 2015 tive a oportunidade de coordenar e participar de um dos núcleos das Clínicas do Testemunho, o segundo edital do primeiro projeto de reparação psíquica do Estado, das vítimas da violência do Estado. Sou psicanalista e psicóloga com ênfase no trabalho, sobretudo na área da Psicologia Social. Concorro com a análise do Lúcio, de que grande parte do mal que estamos vivendo é pelo modo como aprendemos a nos "desafetar" e é por isso que eu trabalho com memória. Não estou aqui hoje representando Clínicas do Testemunho, mas sim como pesquisadora que estuda há mais de uma década o que é memória.

"grande parte do mal que estamos vivendo é pelo modo como aprendemos a nos "desafetar" e é por isso que eu trabalho com memória"

Começo com duas cenas: a primeira cena é de 2006, quando era jovem universitária desiludida com o que se aprende nas universidades, decido colocar uma mochila nas costas, ir embora para a América Latina e "mochilar" na América Central. Vou do México até o Panamá em três meses. Nes-

se processo eu parei na Guatemala e entrei em contato com o livro "O assassinato do Monsenhor Gerard", um livro de ficção que contava a história do Arcebispo Monsenhor Gerard que foi responsável pela primeira Comissão da Verdade da Guatemala.

Não é exatamente uma Comissão da Verdade porque a Guatemala nunca teve uma Comissão da Verdade, ela teve um processo de recuperação de memória. Gerard entendia como função a recuperação da memória, mas muito atrelado à Igreja e o Estado cria logo depois outro processo de memória, voltado para a população como um todo e não vinculado à Igreja. Dois dias depois da publicação das memórias ele foi assassinado na sacristia da igreja. O livro ficcional investiga um pouco sobre quem pode ter cometido o crime. Na realidade não houve uma investigação e o livro existe justamente por isso, lendo descobri que a Guatemala teve uma ditadura de 36 anos e que foi a primeira revolução comunista, socialista da América Latina em 1944, muito antes de Cuba.

Che Guevara passou pela Guatemala antes de chegar à Cuba, e na ditadura Guatemalteca morreram 250 mil pessoas, e eu, uma militante que vestia a camisa do Brasil, ser contra a ditadura era ser nacionalista, eu me choco com o que aconteceu no Brasil, não foi pior do que aconteceu, ainda que não possamos dimensionar uma vida sempre é uma vida. Eu acreditava que o acontecido no Brasil era de uma ordem tremenda e entro em contato com o país que tem um vigésimo do tamanho do Brasil, a Guatemala é do tamanho do estado de São Paulo, e teve 250.000 mil assassinatos e um milhão e meio de vítimas indiretas.

Fui para Guatemala estudar em 2007, e comecei a trabalhar com políticas de memória. Foi essa descoberta de que o Brasil não se aliava à

2 Margens Clínicas, é um "coletivo formado por psicanalistas e psicólogas, dedicado a pensar as interfaces do sofrimento psíquico com as patologias do social, elaborando, a partir da escuta clínica, insumos para o enfrentamento à violência de Estado." <https://www.margensclinicas.org/>

uma espécie de memória latinoamericana, o que escutávamos sobre o nosso passado era uma história tomada como o mais terrível que existe, sem levar em consideração, inclusive, essa história inscrita em uma história maior que é a história da América Latina. O primeiro choque foi nunca ter ouvido falar da relação da ditadura do Brasil com as ditaduras da Argentina, México, Guatemala, Chile, Uruguai e não saber que existiu um capital internacional durante a ditadura que fomentou todas as ditaduras da América Latina e que o Brasil recebeu 75% de todo o financiamento dos Estados Unidos e repassou para a ditadura se instaurar no Brasil.

Essa é também a razão pela qual morremos menos, porque a nossa força de inteligência foi maior. Você não precisa matar direto, porque você consegue um sistema tão perverso de manipulação da memória que, através do suicídio, morre-se menos pessoas pela mão do Estado porque se morre de outros modos, morre-se justamente criando certa mitologia do narcotráfico, as próprias pessoas se matam e os grupos hegemônicos não precisam construir um mecanismo para matar, tal qual, na Guatemala.

“Você não precisa matar direto, porque você consegue um sistema tão perverso de manipulação da memória que através do suicídio, morre-se menos pessoas pela mão do Estado porque se morre de outros modos, morre-se justamente criando certa mitologia do narcotráfico, as próprias pessoas se matam e os grupos hegemônicos não precisam construir um mecanismo para matar, tal qual, na Guatemala”

A ditadura Guatemalteca, que é a mais perversa de todas, tinha fetos pendurados em árvores, muitas mulheres foram assassinadas, esturpadas e depois seus úteros eram abertos a machadadas e os fetos pendurados em praças, como

um evidente sinal de genocídio. Não é uma questão de comparar de 6.000, 4.000, 40.000, 80.000 qual é o valor, mas o grau de perversidade em que está envolvido o ato do assassinato. Na Argentina, por exemplo, escondiam os corpos, lá o corpo era exposto, a vítima morta era colocada em praça pública. Porque você não pode ser índio, você não merece a vida. Esse foi primeiro choque que me fez pensar pela primeira vez na memória, porque que eu não sabia dessas coisas.

Em 2008, trabalhando na Guatemala e estudando que a guerra tinha acabado em 1996, eu vivo o segundo susto quando chego para trabalhar no estágio na faculdade e a professora diz: “hoje vamos para o centro da cidade, porque chegou uma família de vítimas”. Nos assustamos porque atendíamos às vítimas daquele conflito que tinha acabado em 1996 e era isso que nos dedicávamos a fazer na Universidade. De repente estávamos em 2007/2008 no centro da Guatemala, centro da capital, a caminho de atender pessoas que eram vítimas naquele momento, e descobrimos que os assassinatos que teoricamente tinham acabado ainda aconteciam nos interiores da Guatemala. Trago essas duas cenas para elucidar o lugar de onde comecei a me interessar e a trabalhar com a memória.

A maioria de nós psicólogas/os que consegue ascender ao ensino superior, já faz parte de um grupo cuja memória já está determinada em certo lugar. Nossa memória não atravessa a ponte, a nossa memória não escuta o que o frentista do posto de gasolina do Jardim Ângela fala; a nossa memória não escuta o que o lavrador do interior de São Paulo fala; a nossa memória não escuta o que a boia-fria quer dizer; a nossa memória não escuta o nordestino migrante, assim como não escuta as próprias empregadas domésticas; não escuta as memórias das mulheres. Temos conversas minimamente superficiais com elas. Não se trata de preocupação de classe, “está precisando de alguma coisa? Eu te ajudo, dou um dinheiro a mais, dou minhas roupas usadas, há solidariedade com a pessoa, mas não tem uma escuta para ela. Eu não sei da história dela, não sei de onde vem, eu não sei. Eu não estou dizendo que somos muito importantes, eu vou fazer críticas muito duras e elas não são individuais, não é uma crítica ao sujeito e não é esse o ponto.

“Nossa memória não atravessa a ponte, a nossa memória não escuta o que o frentista do posto de gasolina do Jardim Ângela fala; a nossa memória não escuta o que o lavrador do interior de São Paulo fala; a nossa memória não escuta o que a boia-fria quer dizer; a nossa memória não escuta o nordestino migrante, assim como não escuta as próprias empregadas domésticas; não escuta as memórias das mulheres”

Temos que entender isso como parte de um processo histórico, entender que a nossa memória também está condicionada a lembrar, perceber e rememorar determinadas coisas porque nós também fazemos parte desse universo. E se não tivermos humildade de reconhecer que também temos um ato falho, que temos os nossos microrracismos porque crescemos em uma estrutura racista, não tem como você não reproduzir uma frase como a “denegriu a minha imagem” e chegar a um lugar e dizer “nossa aqui tá o samba do crioulo doido”. Uma série de expressões que fazem parte do nosso linguajar popular quando vamos conversar com os amigos do movimento negro, eles na hora dizem: “Você está percebendo que essa frase que você disse marca o racismo estrutural?” Se não pudermos olhar para isso, para essa dívida histórica, a nossa memória, inclusive, ficará afetada.

“Se não pudermos olhar para isso, para essa dívida histórica, a nossa memória, inclusive, ficará afetada”

Uma proporção bastante ampla da sociedade, ao pensar na palavra “preto” associam coisas ruins a esse significante, e quando pensamos em

“branco”, ocorre o oposto. Se não entendemos os marcadores subjetivos dessas palavras, também como esses significantes se colocam na nossa memória, tendemos a realizar um trabalho falho de memorização, porque vai continuar um trabalho que só contará o que é bonito. Não queremos falar da barbárie, contar da nossa responsabilidade, contar as histórias ruins, não queremos que as pessoas lembrem do que fizemos, até nos nossos lares em uma reunião de família quando sua mãe começa a lembrar de algo que você já fez, você já vai para a defensiva.

“A memória mesmo para ser coletiva precisa ser uma a uma, ela é a memória de todos nós, é a memória de cada um de nós que constrói uma memória coletiva, uma memória que pode ser sustentada fora do “um a um”, o processo de construção de memória precisa ser um processo que passa pelo coletivo”

Faço o contraponto dessa memória desde uma perspectiva coletiva e macro. A memória mesmo para ser coletiva precisa ser uma a uma, ela é a memória de todos nós, é a memória de cada um de nós que constrói uma memória coletiva, uma memória que pode ser sustentada fora do “um a um”, o processo de construção de memória precisa ser um processo que passa pelo coletivo.

E nessa ida à Guatemala para trabalhar com essas populações, comecei a entrar em contato com o que é perspectiva das populações ameríndias, sobre o que é memória. É muito bonito, porque quando você pergunta para o Maia militante que trabalha dentro do universo dos direitos humanos “o que é memória coletiva?” ele diz assim: “memória coletiva é a resistência dos povos”. Achei impressionante essa noção que eles têm muito clara de que memória é resistência. Ele e toda a vida dele são memória, os laços sociais o tempo todo marcados pela memória, como os símbolos do calendário deles, que significa “hoje é dia disso”. Historicamente seriam nessas datas festi-

vas, mas nas nossas datas festivas nós (brasileiros) vadiamos na praia só para pegar um feriadão emendado. Não há uma relação de memorização ou pior, é onde entramos em um tema muito complexo que é o da memória instrumental mais do que a nossa memória ser roubada, nossa memória é instrumentalizada.

“memória coletiva é a resistência dos povos”

Temos datas e o que acontece nas nossas datas? Aviões desfilam no céu, grupos militares fazem desfiles e assistimos a eles. Tem feriado do dia 21 de Abril, mas não é feriado no dia 19 de Abril que é Dia do Índio, são dois dias de diferença, mas o Dia do Índio é só um “diazinho” já o dia 21 é Tiradentes que, sem dúvida, foi revolucionário, mas tiveram tantos outros que não estão inscritos na história, que não ganham um feriado. O dia 20 de novembro é ponto facultativo, mas são poucos os estados do Brasil que tem o dia da Consciência Negra como feriado. O Sul do país por exemplo não tem. Essas datas marcam o que é memória social, o que é um projeto de construção de memória social, o que se escolhe para ser um feriado e o que não se escolhe para ser um feriado, o que é história para ser lembrada e o que se escolhe para não ser lembrada.

A Guatemala é um país que conseguiu demonstrar de modo bastante cruel o que é a barbárie e que se apresenta em termos, inclusive, de construção social. Isso porque na Guatemala teve a classe média branca ilustrada, os que lutaram na ditadura, os que estudaram na Europa e os que fizeram o terceiro grau e puderam ser letrados também, e as pessoas que não chegaram ao ensino superior, mas que eram operários, militaram no movimento comunista operariado. Há os paramilitares e os militares, esses dois polos de guerra, polo comunista socialista e polo conservador. Nas comunidades indígenas há um dado muito importante, do total de pessoas assassinadas na Guatemala cerca de 10% são de responsabilidade da esquerda.

A esquerda diz para entendermos sobre mulheres militantes soldadas que foram violadas pelos seus próprios comandantes, escutamos nos nossos consultórios, o projeto como “clíni-

cas do testemunho” consegue falar do Ustra³, que colocou rato na vagina de pessoas torturadas, é abominável, absurdo, o que os torturadores fizeram no Brasil. Tampouco podemos ignorar que as mulheres nas décadas de 1970 e 1980 dentro do próprio movimento de esquerda militante também eram desmerecidas e violentadas por parceiros de esquerda, e não estou generalizando, mas existem histórias a respeito e temos uma esquerda parcial; e ao dizer parcial, digo sobre uma esquerda que não está comprometida com a causa negra, com a causa feminista, com a causa de libertação do corpo da mulher, com a causa de libertação do corpo do negro, é muito importante olharmos para essas falhas do nosso processo enquanto esquerda, não para se culpabilizar mas para que possamos nos responsabilizar pelas muitas falhas cometidas.

É fundamental debruçarmos sobre essas falhas para entender os desdobramentos desses fenômenos até hoje, pois qual é a relação do Jair Bolsonaro com o capital internacional, que são muito mais poderosos que nós e possuem o controle da mídia e o controle das armas. Já está comprovado que a guerra é o que move a economia. Os Estados Unidos da América (EUA) são a economia que são porque estiveram fora da Segunda Guerra Mundial e alimentaram a Europa durante esse período. Assim, não entender por qual motivo o Bolsonaro vai falar na Hebraica para o judeu, qual é a relação que ele tem com Israel, o maior produtor de armamento do mundo. Israel fomenta determinadas guerras de genocídios gigantescos e nós não estamos atentos às marcas que a memória nos traz. Não é à toa que ele quer liberar o armamento, porque assim, Israel poderá vender armas ao Brasil e os brasileiros poderão comprá-las, eles vão ficar milionários à custa do nosso assassinato, à custa de estarmos nos matando.

Hoje no Brasil e no mundo existem dois discursos dentro do campo da memória social. Algo que é da ordem do campo da “memorialização”, políticas de memória, são vários nomes para falar disso, é o trabalho com a memória; e existem dois modos básicos resumidos de agentes, refiro a isso: memória histórica e memória coletiva. O que será observado no levantamento bibliográfico é: “o que é memória histórica”? É justamente essa memória

3 Carlos Alberto Brilhante Ustra foi um coronel do Exército Brasileiro, ex-chefe do DOI-CODI do II Exército, um dos órgãos atuantes na repressão política, durante o período da ditadura militar no Brasil.

escrita, e que ganha um lastro de verdade. Essa memória que a “Comissão da Anistia” junto com a “Comissão da Verdade” fez foi um processo de memória histórica e de memória coletiva também porque move, coloca as pessoas para falar.

Qual é o propósito da memória histórica? Fazer um relatório e que esse relatório tenha valor, dados de verdade. Não é por acaso que ela chama “Comissão da Verdade”; podemos consultar esse documento e dizer o que aconteceu naquele período, e que essa é a história do Brasil através da memória, ou seja, não é da recuperação de dados objetivos como a historiografia faria. A historiografia iria fazer um recorte de jornal aos objetos, a uma série de dados concretos com a história oral que vai trabalhar também a parte da narrativa e vai construir a história. A memória histórica é essa que ganha um dado de fato, é um fato que aconteceu, mas esse fato é comprovado através da memória.

O que observamos na América Latina? Novamente essa dicotomia guatemalteca entre militares e a esquerda. Quando eu falei que a esquerda era branca, estou fazendo referência a todos os nomes indígenas de outras populações e quando os acordos de paz começam a ser assinados, os indígenas são deixados de lado, eles não faziam parte da esquerda organizada. Em 1980, os guatemaltecos se declararam como comissões de povos e resistência afirmando em carta aberta de que eles não eram um povo armado, eles não faziam resistência armada, eles não queriam ser confundidos com a guerrilha, isso porque nos últimos 20 anos eles também tinham sido violentados pela esquerda e pela guerrilha.

Os guatemaltecos se declaram como povos de resistência, de modo que quando os acordos de paz foram assinados em 1996 e as lideranças das *Comunidades de Población en Resistencia* (CPRs) não são inseridas nesses acordos, a liderança da esquerda se junta com a liderança da direita - governo, o Estado, Polícia - e eles assinam os acordos de paz, ou seja, aquela população que foi a mais violentada durante o regime, aproximadamente 240.000 indígenas foram assassinados, não fizeram parte dos acordos de paz e não foram incluídos dentro do projeto de Anistia. E eu trago isso, para também escutar que o nosso processo de Anistia é muito recente e que as populações indígenas eram consideradas vítimas da ditadura, a população negra assassinada durante a ditadura ainda não é considerada vítima.

“a população negra assassinada durante a ditadura ainda não é considerada vítima”

O que é um processo de Anistia? Em 1985 o grupo de resistentes no Brasil aceita assinar uma anistia, que significa basicamente a amnésia, na qual não falamos sobre esses crimes, como se procede as anistias nas Américas Latinas. É como um processo em que se cria um acordo de que ninguém será responsabilizado e a esquerda aceita que nós não seremos responsabilizados, que o exército não será culpabilizado pelo seu crime e “nós perdoamos vocês”. Os crimes que vocês cometeram tem uma falha de memória profunda, porque impõe o silenciamento, em certa medida quando a esquerda latino-americana aceitou a anistia e eu não acho que eles não deveriam ter feito isso, acho que tínhamos que parar a matança e para isso, precisou aceitar que outra matança continuasse a acontecer; é muito triste reconhecer, mas a matança precisava parar, precisava da anistia.

Quando a anistia é assinada, aceitamos um pacto de silenciamento. De acordo com a Lei de Anistia você não pode denunciar, se você aceitou a anistia não se pode dizer que aquele que te torturou é um criminoso, porque com a anistia ninguém é criminoso, você está perdoado pelos seus crimes e ele também, ninguém mais fala sobre isso. Olha o tipo de ferida na memória que temos na nossa construção dos acordos de paz.

“Quando a anistia é assinada, aceitamos um pacto de silenciamento”

Na Guatemala foi exatamente a mesma coisa, lá tem um elemento maior que eu não me recordo talvez a Cristina possa auxiliar, mas eu tenho quase certeza pelo que eu leio dos depoimentos, no Brasil você podia verbalizar o nome do seu torturador nos depoimentos da Comissão de Anistia, na Comissão da Verdade você podia dizer tal pessoa me torturou. Na Guatemala você não podia dizer o nome, ou seja, você tinha que falar sobre a violência que sofreu, falar sobre a sua tortura, sem

poder acusar e nem nomear o torturador. .

Olha a gravidade disso, se estamos pensando no processo de recuperação de memória, você pode contar que apanhou, mas não pode dizer quem te bateu. Como é possível uma memória nesse lugar? Acho que temos algumas falhas e que elas não são desse campo do “nós falhamos”; são da ordem dessa estrutura de entender que Bolsonaro 2018 é um projeto, e está sendo construído há muito tempo, que resistimos mas se temos Bolsonaro 2018 não é porque perdemos, é porque ganhamos, porque diminuiu a violência, conseguimos botar um freio, conseguimos sobreviver em 1985 e depois de 1985!

“Não desistimos, lutamos e após a ditadura se instaurou um processo de transição democrática que com todas as suas falhas foi o que podia ser, dentro de todo esse passado não revisto. Conseguimos ter um governo alinhado com as perspectivas de esquerda, que conseguiu incluir dentro da Universidade populações que não estariam nela”

Não desistimos, lutamos e após a ditadura se instaurou um processo de transição democrática que com todas as suas falhas foi o que podia ser, dentro de todo esse passado não revisto. Conseguimos ter um governo alinhado com as perspectivas de esquerda, que conseguiu incluir dentro da Universidade populações que não estariam nela. Isso tem transformado o ensino e o fato de os negros terem acessado o terceiro grau, transformou o campo da pesquisa, ainda não conseguimos entender os efeitos disso, só vamos colher os efeitos daqui alguns anos, se vivermos para isso, mas eu sou muito mais otimista.

Concordo com a frase de Conceição Evaristo “Eles decidiram que vão nos matar, mas a gente decidiu que vai viver” e estamos fazendo isso há muito tempo. Quando falamos de memória, para

mim é muito difícil falar de memória da ditadura, de memória da violência policial, é a mesma violência é uma violência que não respeita o corpo do outro, é uma violência que atravessa o corpo do outro, não falamos sobre isso. Nosso compromisso é com a memória, precisamos de muito tempo para falar sobre todas as violências que estão atravessadas no nosso corpo, que é um país construído em cima da violência sexual, por exemplo.

“Nosso compromisso é com a memória, precisamos de muito tempo para falar sobre todas as violências que estão atravessadas no nosso corpo, que é um país construído em cima da violência sexual, por exemplo”

Então recuperar a memória aqui, é onde eu acredito que a psicanálise faz um bom trabalho, ela pode fazer um trabalho se ela estiver comprometida, porque permite que cheguemos nessa capa tão profunda e tão dolorida da nossa memória. Permite que cheguemos nos graus de violação de um país colonizado que teve seus povos originários dizimados durante a colonização, que tiveram uma força de trabalho trazida obrigada de outro continente igualmente violentada, explorada e coisas das quais a gente nunca falou verdadeiramente. Não estou falando das pessoas que falam, estou falando de um processo coletivo, um projeto social nacional de recuperação de matrizes.

Quando começamos a ter um governo que inclui na base curricular as questões afrodescendentes é um trabalho de memória. Isso é memória; a função de memória coletiva é você permitir que as pessoas se reconheçam nos seus marcos constitutivos, você entender o seu cabelo desse jeito, porque ele tem uma história, tem um percurso, um caminho. Quando começamos a dar esse passo de poder falar sobre a sexualidade nas escolas, o que recebemos em troca? Que se existe uma falta de memória tão grande, é porque a gente também tem um recalque muito grande, não por acaso que a campanha do Bolsonaro é baseada profundamente em questões sexuais.

A maior parte de acesso das mulheres na periferia e nas cidades pequenas da campanha do Bolsonaro tem a ver com o tal do “kit gay”, com mostrar as mulheres no largo da Batata na manifestação maravilhosa do “Ele Não” com atos obscenos e sem blusa. Não sei se vocês sabem disso, mas foram feitas imagens sobre essa manifestação que foi uma manifestação maravilhosa, pacífica e foram feitas imagens falsas com mulheres reproduzindo atos obscenos. É uma construção de uma imagem absolutamente horrorosa, imagino uma pessoa católica vendo essas imagens e essas imagens sendo enviadas para o whatsapp das pessoas, óbvio que elas acham que toda feminista é do demônio porque isso é uma construção de memória, o trabalho do Bolsonaro é um trabalho fundamentado nessa instrumentalização da memória, fundamentalmente o celular invade as nossas casas de um jeito que andamos com isso pendurado no corpo.

É um tema muito mais complicado do que a maneira como estamos acostumados a olhar para ele. Acabamos tendo essa visão de que a memória é simplesmente falar sobre algo, escrever isso, se colocar, dizer o que aconteceu e eu acho que estamos muito aquém de conseguir de fato fazer um trabalho de recuperação de memória, de quem somos, de como somos violentados, de como somos manipulados e de como somos oprimidos. Somos uma nação oprimida e isto está na nossa carne, está impedindo que as nossas memórias afetivas circulem com que possamos ter diálogos amorosos com as pessoas, porque fomos perdendo o que nos une, o que faz de mim laço com outro.

Então a pessoa vota no Bolsonaro e eu não vou odiar ela por causa disso, eu me nego a odiar o meu amigo por causa disso, eu vou mais é tentar entender o que aconteceu ao longo destes meus seis ou sete anos que me distanciei tanto desse meu amigo, que eu nem percebi que ele estava começando a querer votar no Bolsonaro. Onde essa minha memória com ele foi se perdendo, como é que eu recupero esse laço? Como eu posso conversar com ele por essa via do afeto, de recuperar o que entre nós fez laço, porque independentemente de quem ganhar, nós teremos de ir às ruas. Eu quero que os meus vão para a rua comigo, para que isso possa acontecer temos que ter memória, uma memória afetiva que nos una.

“É um tema muito mais complicado do que a maneira como estamos acostumados a olhar para ele. Acabamos tendo essa visão de que a memória é simplesmente falar sobre algo, escrever isso, se colocar, dizer o que aconteceu e eu acho que estamos muito aquém de conseguir de fato fazer um trabalho de recuperação de memória, de quem somos, de como somos violentados, de como somos manipulados e de como somos oprimidos”

4 Manifestação “Ele Não”, contra o candidato à presidência da República Jair Bolsonaro, realizada no dia 29/09/2018

Psicanalista. Psicóloga formada pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional de Buenos Aires. Mestre em Psicologia Clínica pela PUC- SP. Membro do Departamento de Psicanálise e Professora e Supervisora do Curso "Psicanálise" do Instituto Sedes Sapientiae, desde 1985. Coordenadora do programa "Clínica do Testemunho Instituto Sedes Sapientiae" (2012-2017) e "Clínica do Testemunho – Centro de Estudos em Reparação Psíquica" (2016-2018). Autora dos livros O sintoma e a clínica psicanalítica. O curável e o que não tem cura (2003) e Sintoma (2016). Organizadora dos livros sobre a Clínica do Testemunho.

É uma responsabilidade muito grande tomar a palavra neste momento, e neste momento tão importante da história dos brasileiros. Sou argentina e moro no Brasil, estou naturalizada brasileira desde 1978. Formada em Psicologia, com formação em Psicanálise e nesses anos participei a princípio da luta antimanicomial. Nós psicólogas e psicanalistas tínhamos uma causa que era fechar os manicômios, tratar os loucos como seres humanos e conseguimos.

Há diferenças nas ditaduras, entre os anos de 1964 a 1985, que durou até 1988, nas primeiras eleições diretas, mas já em 1984 lutávamos pelas diretas. Acontece que saí do meu país em plena ditadura, em pleno terrorismo de Estado e cheguei no Brasil, que ainda estava na ditadura, mas estavam construindo o Partido dos Trabalhadores com uma proposta social que foi muito entusiasmante para uma exilada como eu.

"Nós psicólogas e psicanalistas tínhamos uma causa que era fechar os manicômios, tratar os loucos como seres humanos e conseguimos"

Sempre combati a ditadura como psicóloga, como cidadã, trabalhei como psicóloga no Governo Erundina, e no governo Marta Suplicy, o tempo todo tentando fazer com que a psicanálise não ficasse no fechado, apenas no consultório, e fosse para as instituições públicas. Em 2003, o Lula tomou posse, fui para Brasília, isso representava anos de luta, mas acontece que não existe só uma memória; um país como o Brasil que tem 200 milhões de habitantes, tem conflitos, e com dois colegas Lucio

e Ana os quais venho trabalhando, faço um recorte de 2012 em diante que foi a "Clínica do Testemunho" na qual participamos de inúmeras questões.

Quando começamos a trabalhar com a Clínica do Testemunho, cujo objetivo era trabalhar com os afetados pela violência do Estado durante a Ditadura de 1964 a 1985. Antes dos afetados pela violência de Estado na Ditadura de 1964, temos a escravidão, acho que nisso estamos todos de acordo, que o problema da escravidão do Brasil colonial, escravista, extrativista está na base de todo desastre que acontece neste momento. É muito fácil dizer a "culpa é do PT", o PT teve quatro mandatos. São situações políticas para serem analisadas, mas o que acontece hoje não é o retorno do recalcado, é algo para continuarmos pensando se estamos começando a viver alguma coisa que não tem outros fenômenos históricos, não só na América Latina, na Europa, como genocídios, fascismos, nazismos...

O Bolsonaro não está trazendo o *recalcado*, está trazendo o mais real, o menos humano, o mais instintivo e baixo do ser humano, que depois vou falar um pouco em termos psicanalíticos, ou seja, "uma evolução do real" sem vergonha, sem culpa. É verdade que a gente tem um déficit na construção da memória, mas o que aconteceu em 2012? A Dilma criou a Comissão da Verdade, a comissão que foi fraca, teve muita crítica e o que poderíamos fazer? Surgiram muitas denúncias, muitas memórias que não eram a história oficial.

A Clínica do Testemunho surgiu porque 40 anos foram de silenciamento, de "cala a boca", a tortura não foi para fazer com que as pessoas falassem, entregassem seu companheiro de luta, foi para "calar a boca" e eu sou testemunha que durante 40 anos "calamos a boca", não totalmente, porque sempre tem forças resistentes, forças de lutas, sempre temos a palavra. Agora uma pessoa,

no dia da votação do impeachment da Dilma oferecer uma homenagem ao Ustra⁵, e poder dizer que ele é um herói da nação, é muito complicado, mas eu comecei pelo final.

A psicanálise tem um mito, Freud criou o mito da “horda primitiva”. É o mais primitivo no nascimento da civilização da cultura humana, era um mito que tinha um pai “terrorífico”, digamos, um pai que detinha todas as leis, todas as regras e o Bolsonaro representa isso. O que querem os negros, voltar a serem escravos? Voltar a ser chicoteados? Querem de novo o senhor dos engenhos? Não querem, mas a psicanálise na perspectiva do Freud, fala que tem o “fenômeno da alienação” em que o ser humano fica “perturbado” e não sabe o que pensa, só tem o desejo do outro, esse outro brutal, esse outro vil, esse outro que diz tudo.

“A psicanálise tem um mito, Freud criou o mito da “horda primitiva”. É o mais primitivo no nascimento da civilização da cultura humana, era um mito que tinha um pai “terrorífico”, digamos, um pai que detinha todas as leis, todas as regras e o Bolsonaro representa isso”

Por esses dias, escutei uma pessoa do Direito da PUC, que dizia: “Stalin torturou, Mussolini torturou, Hitler torturou, mas ninguém falou: - Viva a tortura, e Bolsonaro disse: - Viva a tortura” e possui metade das intenções de voto, dos que concordam com a tortura e que a escravidão não existe e que todo esse povo tem de desaparecer. Primeiro teve a Ditadura no Brasil em 1964, depois nos anos 1973 começou a de Pinochet, a ditadura uruguaia e em 1976 a quarta ditadura na Argentina em que desapareceram 30 mil pessoas. Uma pessoa procurando outra desaparecida, grávida, foi falar com o general do exército se tinha alguma possibilidade e ele falou: “Senhora não procure mais no Brasil,

a gente colocou os comunistas, os terroristas na prisão, no Uruguai a gente colocou na prisão, mas só comunistas e terroristas não mudam de ideia, e fazem a cabeça do carcereiro, e de todas as pessoas então agora não procure, porque agora é extermínio”. Isso no Chile e Argentina.

Conheço menos o que aconteceu na Guatemala, Nicarágua, por causa do Tratado de Tordesilhas que dividiu a América Latina, em espanhol e português, e deixou o Brasil isolado do resto da América Latina, criou-se um grande fosso nos últimos 40 anos e somos todos latino-americanos. Então é extermínio e o que não é por não construir a memória, tem um silenciamento, tem uma história oficial.

Há um filme argentino dos anos 80 (1985) que se chama a “História Oficial”, é uma história que é oficial, todos se reatualizam, a história tem que ser a oficial, não tem que ser nenhuma outra história que vamos construindo, tem uma história oficial, mas tem uma outra história sendo construída e nós não temos que abandoná-la.

Em 2012, a Dilma criou a Comissão da Verdade a partir do Ministério da Justiça que anunciou alguns dados atuais que estão sendo trabalhados. Criou-se uma “Clínica de Reparação Psíquica” que é a Clínica do Testemunho, porque em 2001 ou 2002, o Gregori que era ministro da Justiça criou a Comissão de Anistia para ver o que acontecia e se podia fazer algo com esta história da ditadura que não se falava nada. Criou-se então a Comissão de Anistia, começou uma reparação monetária para todos afetados pela ditadura, podiam-se abrir processos administrativos nessa comissão.

Em 2012, o Paulo Abraão e toda equipe que estava na Comissão da Anistia, passaram a fazer reparação psíquica. Então começamos a trabalhar na Clínica de Testemunho com presos torturados, porque foi dirigida para afetados pela violência de Estado durante a ditadura e imediatamente trabalhamos com presos, torturados, com a velha guarda da esquerda que tinha passado por essas violências, mas aparecia a violência da atualidade.

Tem uma socióloga que trabalha com criminalismo, a Vera Carlos Alberto que disse “a violência na redemocratização depois dos anos 80, durante a constituinte, aumentou”. A violência aumentou e é pior que na ditadura, porque tem o fenômeno da violência, o extermínio do negro, que nasceu negro

5 Carlos Alberto Brilhante Ustra foi um coronel do Exército Brasileiro, ex-chefe do DOI-CODI do II Exército, um dos órgãos atuantes na repressão política, durante o período da ditadura militar no Brasil.

e que foi explorado, teve uma Lei Áurea (1888), digamos abolicionista, sinistra! Primeiro se liberou a Lei do Ventre Livre (1871) para a criança, então o pai tinha que dividir a comida com a criança, pois o senhor, o escravista não dava comida para ela, depois soltaram eles perdidos no mundo. Eu aprendi há muitos anos que nos Estados Unidos se dava não sei quantos alqueires, uma mula, duas vacas, alguma coisa da lei da abolição dava para o negro para que pudesse se incorporar no sistema produtivo. No Brasil ficaram perdidos a "Deus-dará" e continuam neste lugar de vagabundos, de não trabalhadores, de pessoas que são a perdição do Brasil, segundo a burguesia colonialista brasileira.

Só queria fazer um comentário, muito importante, porque estudamos bastante a história, trabalhávamos em 2013 com grupos terapêuticos para torturados, presos, afetados pela ditadura, mas também fazíamos oficinas para profissionais da saúde mental e da assistência social. Conseguimos publicar três livros sobre este projeto da Clínica do Testemunho. Estes são os insumos: atendimento terapêutico, cursos de capacitação e oficina. O acontecia? As angústias dos profissionais que trabalham com saúde mental na Zona Leste, onde matavam dez adolescentes por dia, que perseguem os profissionais e os seus números e aprendi com os profissionais e suas variáveis, mas por que não coincidem com os dados das pesquisas? Porque os profissionais têm medo e não dizem que esta pessoa foi assassinada. Pode ser que o profissional denuncie, mas se apaga em geral, pois os profissionais têm muito medo, muita angústia.

Gostaria de abrir uma roda de conversa para saber o que vocês estão sentindo neste momento, é como dizer: "Puxa vida, quais são as palavras, os emblemas, da Clínica do Testemunho: verdade, memória e justiça." Então, como eu sou Argentina de nascimento, todo mundo fala: "Ah, mas na Argentina teve justiça." Eu falo assim: "Tudo bem eu fico muito feliz que o General Videla que foi um sacana, que fez o Golpe de 1976, morreu na cadeia, mas não mudou a estrutura social", porque hoje 50% do povo argentino votou em Macri e tem uma história, uma recuperação da história, uma história verdadeira.

O poder do capitalismo, o poder dos grandes capitais, o assunto das drogas e do tráfico tem dois níveis. O tráfico de drogas em nível da superestrutura, pois quem não mora no Brasil, não será tocado, somente o pequeno tráfico, das crianças, dos jovens.

*"Então recordar para Freud,
é parar de repetir, recordar é
lembrar e construir uma história,
construir uma história subjetiva,
uma história social, uma história
do país."*

Um texto de Freud de 1914 se chama "Recordar, repetir e elaborar", que serviu como base para trabalhar na Clínica do Testemunho. Pensávamos que era o retorno do recalcado, hoje não é o retorno do recalcado, é algo muito mais grave, muito fora do simbólico, são palavras que estão começando a ser pensadas. Então recordar para Freud, é parar de repetir, recordar é lembrar e construir uma história, construir uma história subjetiva, uma história social, uma história do país. Então este é um ponto. Em "O mal-estar da civilização" de 1930, Freud desenvolve o mito da evolução, desde a natureza animal até ser um ser humano civilizado, por causa da educação, da repressão, dos instintos mais baixos que o ser humano tem. Acontece que Freud diz: "tem uma maldade constitutiva do humano que persegue o reencontro com a morte, o ser humano não é um ser manso, não é amável, são capazes de defender, se atacando. Possui muita agressividade, o próximo é uma tentação para satisfazer nele sua agressividade, explorar sua força de trabalho sem ressarcir-lo, usá-lo sexualmente sem seu consentimento, desposseu-lo de seu patrimônio, humilhá-lo, infringir dores, martirizá-lo, assassiná-lo, o homem é o lobo do homem".

Freud fala que existe um fenômeno que ele chama de *sinistro*, é essa hostilidade primária no ser humano, não existe nada natural no amor ao próximo, não existe amor ao próximo. A barbárie não se opõe a civilização, diz Freud, temos que pensar a barbárie na civilização, eu não estou de acordo com Freud, porque acho que Bolsonaro e companhia não fazem parte da civilização, embora façam quando a ação do terror real se produz e o sujeito sabe, a pessoa sabe, denuncia e ele faz *fake news*, quer dizer, notícias falsas, notícias sobre nós; mas denunciemos, e o sujeito sabe, o sujeito sabe e fica confrontado e isso paira na horda primitiva. O Bolsonaro diz: "eu faço o que eu quero" e "Ustra estava certo temos que ser todos torturadores", a fantasia não funciona mais como

defesa, é angústia da vivência do sinistro, o sinistro é o que estamos vivendo.

Ainda estou na oscilação, como todos, de esperar um milagre de um Deus no qual nunca acreditei em termos do catecismo judaico-cristão, mas um Deus que o inconsciente, que é o mais genuíno do ser humano, possa vir a produzir um milagre e que não tenhamos que passar 20, 30 anos embaixo deste tipo de genocídio. E se esse cara, esse sinistro, ganhar as eleições, a resistência precisa acontecer, nós não estamos mortos “não está morto quem peleja”. Que tenhamos convicção de continuar lutando a resgatar a vida que nós desejamos e que seja o mais importante para o ser humano: a vida e o amor, embora o ódio e a agressividade existam. Uma coisa é a pulsão de vida, outra é o sinistro, a pulsão de morte que só quer o extermínio da civilização.

Bruna Borba

É um dia muito importante. Na verdade é fundamental e estou pensando para compartilhar diante disso, ao mesmo tempo na potência de todas as falas, de reafirmar o compromisso e para além de psicólogas/os como cidadãos e cidadãs, enfim, todos esses outros lugares que nós ocupamos que possamos não naturalizar essas violências todas, e se afetem realmente para resistir e pensar em mudanças possíveis. Fiquei muito feliz de podermos fazer esse debate hoje.

Reginaldo Branco

Sou Reginaldo, conselheiro no CRP, coordenador da Comissão de Direitos Humanos. A memória é importante para não repetir a história, mas estamos presenciando uma repetição de uma história dentro da Psicologia, porque temos a história de como a Psicologia funcionou também durante a repressão ou durante as repressões. A Psicologia com responsabilidade social, mas isso funciona em certa parte, não funciona como um todo porque vemos que existe uma parte da Psicologia que se tornou conservadora. E o que podemos fazer com essa Psicologia hoje em dia? Uma questão para mim como psicólogo é como que nós prestamos um serviço psicológico de qualidade, que é ético, mas que ao mesmo tempo é um serviço ético-político e um serviço técnico? Têm-se uma ala da Psicologia que defende o contrário de Psicologia ciência e profissão, a Psicologia não deveria se misturar com a política na defesa de direitos.

“A memória é importante para não repetir a história”

Rodrigo Toledo

Quero agradecer novamente, foram falas muito importantes para nos ajudar a pensar, organizar e nos dar força para tudo o que estamos vivendo e viveremos, daqui para frente. Então acho que, de certa maneira, o Reginaldo traz um pouco o que eu estava pensando, a maneira como vocês construíram, tenho discutido muito isso com meus alunos, estamos lutando nestes tempos, nestas últimas semanas fortemente, defendendo a vida, a civilização, e temos um cenário a se construir.

A partir de domingo (07/10/2018), mas também tenho uma sensação, se o cenário da civilização se concretizar vamos para uma direção, se o outro cenário se concretizar acho que iremos para outro, mas acho que independentemente de qual deles neste momento se concretizar, esses momentos que estamos vivendo, essas cisões tem ficado fortemente marcadas. Os últimos tempos exigem de nós um reposicionar, um pouco do que o Reginaldo trouxe. Gostaria de ouvir um pouco de vocês como pensar a Psicologia, como pensar ser uma pessoa frente a estes reposicionamentos, seja na manutenção da civilização, ou na busca por retomar a civilização. Citaram diversos extermínios, e outra questão que me assusta, estava trocando uma experiência com Lúcio, minhas experiências que vivi agora, da violência que se aproxima diante de ser quem é, e uma das coisas que tivemos nos últimos meses, e agora no mês de outubro, mais uma criança foi assassinada pelo pai porque ela parecia, na visão do pai, um menino gay, homossexual.

“Toda vida vale a pena, uma única vida nos vale”

Um menino de sete anos, nome dele é Kaique. O Kaique foi morto, tem vários outros Kaiques, Eduardos, Yagos, enfim outras crianças. Toda vida vale a pena, uma única vida nos vale. O que tenho pensado é o quanto todas as vidas valem e muitos discursos têm dito que várias vidas não valem, em especial, a vida das crianças, e fico aterrorizado por todas as violências que temos visto, as violências na direção das crianças, nas escolas, trabalho.

Como psicóloga escolar ouço o tempo todo preocupações da escola, crianças sofrendo violências nas escolas, desde usar uma blusa vermelha ou gostar de uma coisa ou de outra, e o quanto as militâncias, o ativismo está sendo perseguido e o quanto esta perseguição está no adulto que consegue discutir, também está lá, tem perseguido crianças também. Queria ouvir um pouco de vocês sobre a questão do reposicionar.

Letícia Weber

Boa noite meu nome é Letícia. Na verdade, não sei se é uma reflexão, enfim, mas eu fico pensando, sobre a questão das “fake news” e do resgate da memória. Se a memória é pautada pela verdade, então como é que conseguimos resgatar essa memória com as “fake news” atualmente, que vai dizer que a verdade não é a verdade. Assim como tem o livro do Ustra e [dizem] que não existiu a ditadura, quem sofria as consequências eram os terroristas. Penso também sobre a nossa posição política e dos próprios psicólogos, que não podemos misturar política, porque temos um código de ética, que vai dizer que devemos ser “imparciais” e sabemos que não existe imparcialidade.

Participante

Na segunda-feira, no evento do TUCA (Teatro da PUC) teve uma parte um tanto anedótica em que o Haddad recebe uma bíblia do pessoal do Ceará, falando assim: “Você perdeu a bíblia ou teve a bíblia roubada. Então estamos devolvendo para você” e o Haddad agradece e comenta o que aconteceu. Ele tinha recebido a bíblia e deu para uma assessora, e essa pessoa deixou ao lado. Uma pessoa ligada ao opositor, ao Bolsonaro, rouba essa bíblia e joga essa bíblia no lixo, fotografa aquilo e diz que foi o Haddad que fez. Quando ouço isso, lembro de uma história, ou um mito, da conquista da América quando Pizarro diante do Atahualpa, dá a bíblia a ele e diz: “aqui está a verdade” e o Atahualpa não tem o código para compartilhar com aquilo e o joga no chão. Para ele simplesmente é um objeto, e ali se coloca então o pretexto para que os incas fossem exterminados.

Existe sempre uma esperança que neste domingo a civilização possa continuar a ser preservada, porque é sempre um trabalho contínuo, diário, desde o “bom dia” que a gente dá para o outro, isso é civilizatório; se o Bolsonaro ganhar eu vou ter que atrasar o meu relógio 50 anos, quando ouço aquilo, eu disse “não eu vou ter de atrasar 500 anos”. Estamos diante de uma questão civilizatória, é mais complicado. Antes de me embrenhar na Psicanálise, por uma questão de uma leitura de garoto, eu lia muito sobre nazismo e é impressionante a quantidade de livros e textos que me vem à memória, e dois livros em especial um chama-se: “Diário de Victor Klemperer”, de um professor judeu, de uma universidade alemã, ele recuperou os diários dele de 1933 a 1941. Então lendo, você vê a perda de direitos, a perda no caso de trabalho, a

perda de amizades, a vida se esvaindo dia a dia. O outro livro não tem tradução para o português, mas se chama “A tomada de poder pelos nazistas” um livro de sociologia, um estudo de caso de uma aldeia alemã e de como se deu a “nazificação” desta aldeia. O curioso deste livro, é que existia ao longo do processo de tomada de poder pelos nazistas, um legado do partido dentro da cidade, mas a cidade se “nazificou” por si só, não precisou da intervenção dele. Então cotidianamente foram tornando ações para que no final houvesse uma placa na frente da cidade dizendo: “Esta cidade está livre de judeus”. A partir dali a cidade se considerou “nazificada” e não precisou de nenhuma intervenção direta do partido, pois as pessoas fizeram isso por si sós. O nosso trabalho civilizatório é com nosso vizinho, com a nossa família, com aqueles que estamos perdendo.

Mitsuko Antunes

Sou professora titular do Departamento de Fundamentos da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP. Entendo que podemos afinar um pouco melhor nossa análise. A possibilidade de uma vitória do Bolsonaro não significará o início de uma ditadura. Não podemos nos esquecer de que a partir de 2016 já estamos vivendo no estado de exceção. O golpe já foi dado e o Bolsonaro, previsível ou não, eu acredito que não previsível, é o resultado daquele processo que sai às ruas em 2013, mas que já estava sendo gestado há muito tempo. E esta questão da memória, eu vejo hoje como uma categoria fundamental da Psicologia, em todas as suas abordagens, das abordagens críticas e comprometidas de fato com a vida, já trabalhamos com memória, trabalhando outras perspectivas de memória e história da Psicologia.

Quando falamos em 500 anos e temos que retroceder um pouco, são 500 anos a partir dos europeus nestas terras. Hoje mais do que nunca ameaçados. Nós somos de outra perspectiva teórica, mas é muito interessante como esses últimos tempos tem produzido uma possibilidade de diálogo entre abordagens, tanto é, que nos nossos grupos, a contribuição que tem vindo da psicanálise é certamente de extrema riqueza, temos abordagens diferentes com fundamentos teórico-metodológicos epistemológicos diferentes, no entanto este diálogo é necessário e me traz duas questões. Uma delas de uma dissertação de mestrado do Ricardo Franklin Ferreira que foi orientado pela Ronilda da USP, ele trabalhou com os “obreiros” e

fez um estudo com obreiros da Igreja Universal.

Uma das questões que mais me chamaram atenção é que trabalhou com narrativas de história de vida, e nessas narrativas, a narrativa é cindida “antes de entrar para a igreja” e “depois de ter entrado para igreja” e se percebe muito claramente que aquela não é a memória dele, mas é uma memória que, até na época pensamos, é uma memória “*pós-posta*”. Até entrar para igreja ele era pobre miserável, drogado, alcoolizado, “tudo negativo” e a vida dele começa a melhorar a partir do momento que ele entra para igreja. Este processo é algo que hoje temos que trabalhar nas nossas diversas abordagens, estabelecer um diálogo para poder compreender isso. Por que digo isso? Porque para mim o problema não é o Bolsonaro (e há dias eu não falo esse nome, está sendo até catártico falar, eu tenho acordado no meio da noite, mas eu sou daquelas que estão adoecendo e meu problema não é ele ou a patologia dele. Ela é tão óbvia!) O caso dele é tão médio, tão medíocre!

Ele não me interessa, mas sim quem vota nele, quem são as pessoas que votam nele, e por que votam nele, por que uma mulher vota nele, por que pessoas LGBTQ+ votam nele? Por que os negros votam nele? Sobretudo as classes populares que votam nele, não é a camada dominante que de fato interessa, é quem financia e o coloca nessa posição. Serão justamente as pessoas que estarão optando por aquilo que vai diametralmente oposto aos interesses dela própria. Estas são as pessoas que eu acho que hoje estabelecem um compromisso nosso da Psicologia nas suas diversas abordagens para tentarmos compreender porque não basta lamentarmos, precisamos compreender como esse processo se dá e quais são os determinantes que estão. Eu sou da Psicologia sócio-histórica de base materialista histórico-dialética, mas retomei obras do Wilhelm Reich “*Psicologia de massas do fascismo*”⁶ e o “*Escuta Zé Ninguém*”⁷. São obras datadas, mas hoje nessas releituras vejo essas obras de Reich e podemos considerá-las como um clássico, não pela importância que teve na época, mas pela perenidade da análise. O Reich mostra muito claramente que é o homem médio que produz o fascismo, não é o partido fascista que produz as pessoas que vão votar

no fascismo, mas são essas pessoas médias e eu não sei, depois quero ver com alguém que entenda melhor alemão qual é a palavra original que Reich usou, está mais perto do medíocre do que do médio, são elas que produzem partidos fascistas. O “*Coiso*” [Bolsonaro] não é ele que produz isso nas pessoas, mas é esta sociedade gelatinosa que se expressa no plano do subjetivo, meu voto individual é que produz essa condição. Nós temos um compromisso independentemente do resultado dessa eleição, para que possamos estabelecer um diálogo. Contar com as nossas entidades para que possam promover encontros para avançarmos.

Sandro (áudio da intérprete de libras)

Meu nome é Sandro, sou surdo e faço Pedagogia. Já aconteceu muito comigo isso. Sou uma pessoa qualquer andando na rua, e eu sou negro e sou como todo mundo, mas sempre que estou andando na rua, às 3h da tarde, não estou falando à noite, mas com uma mochila, roupa comum e a polícia olha para mim: “Esse negro vamos lá, vamos parar ele” e vem com armas para cima de mim, sempre assim “Ah, é surdo vira aí na parede”, sempre me apalpando e olhando. “Você rouba?” e eu digo “Não. Eu estou indo para casa da minha mãe”, pede meu RG, olha, só porque eu sou negro e eu chego na casa da minha mãe pensando “Porque eu sou surdo, porque eu sou negro” como se eu não fosse igual às outras pessoas, eu sei que eu sou igual às outras pessoas.

Quando, o psicólogo Lúcio estava falando que tantas pessoas estão morrendo, e a escravidão acabou, mas isso continua e é por causa da polícia, o preconceito está na polícia. As pessoas são iguais, mas a sociedade continua julgando, e o preconceito está dentro das pessoas. E eu fiquei pensando: “Ah é só o presidente que vai mudar isso? Não.” Não é por conta do presidente apenas, se é o Bolsonaro, se é o Haddad.

O preconceito continua desde criança, eu tenho percebido nas escolas, eu como professor vejo as crianças negras lindas, surdas, o professor é branco, e fala “além de surdo é negro, deixa para lá, não precisa aprender”. Ele não é menos do que os outros não! O preconceito enquanto não acabar, não vai adiantar, as pessoas vão continuar morrendo e independente de quem ganhar, vejo isso no Facebook, no Whatsapp continua aumentando.

Acho ótimas essas discussões, é muito bom

6 REICH, Wilhelm; RUIZ, Raimundoytrad Martínez. *Psicología de masas del fascismo*. México: Roca, 1973

7 REICH, Wilhelm. *Escuta, Zé Ninguém!*. Lisboa/Santos: Martins Fontes, 1982

porque tem muitos pais e mães ignorando e vocês estão lutando porque o nosso futuro será difícil, até mesmo depois dessa eleição. Eu espero que essa sociedade melhore e com o esforço de vocês, porque senão, no Brasil vai ser impossível. Percebo que vai ser muita confusão, eu não quero que as pessoas continuem pensando que uns são melhores que os outros, quero que as empresas, as escolas e faculdades pensem que todos podem ter qualidades, que o preconceito acabe. Já trabalhei em empresas nas quais eu falava com as pessoas brancas e elas falavam: "ele é negro, ele não vai saber fazer o trabalho". Não fico magoado com isso não, sabia do meu valor, eu sabia que eu podia fazer meu trabalho, sabia que era como ele, e sei que no Brasil posso trabalhar em qualquer lugar, e posso vencer. Agradeço vocês psicólogas/os, pelo trabalho, pelo esforço de vocês, pelo que estão fazendo aqui!

Ana Turriani

Isso que acabamos de ver é um testemunho, é o que faz a "Clínica do Testemunho". É alguém falar genuinamente sobre a violência que vive, e alguém poder reconhecer essa violência, é o que chamo de "memória coletiva". Para mim é genuinamente uma experiência de memória coletiva e não vai estar em livro nenhum, não vai entrar para memória histórica, mas a potência que tem na hora, sintam os corpos de vocês, agora a potência que a memória coletiva tem é muito única. Se há otimismo para mim, é porque eu concordo que estamos vivendo um processo novo de memória coletiva. Abrindo mão de uma narrativa e começando, maior, exterior, e começando a encontrar essa narrativa, parando para escutar essa narrativa, porque eu não me assusto com Bolsonaro.

"Se há otimismo para mim, é porque eu concordo que estamos vivendo um processo novo de memória coletiva. Abrindo mão de uma narrativa e começando, maior, exterior, e começando a encontrar essa narrativa, parando para escutar essa narrativa"

Eu atendo vítimas da periferia, eu atendo pessoas que têm os seus filhos assassinados pela polícia. O Bolsonaro não me assusta, só vai dar mais trabalho, vai ter mais gente para atender. Talvez alguém tenha que atender a minha mãe, talvez alguém tenha que atender o meu pai, porque eu posso virar uma vítima. Posso ser assassinada na rua e essa experiência vem desde 2013. Se algo mudou desde 2013, em que o branco passou a poder ser assassinado e se tem um projeto que nos assusta no Bolsonaro, é que ele não fala mais um assassinato só do "preto", ele fala do assassinato do branco, ele fala do assassinato do acadêmico, ele verbaliza isso.

Então, quando tem muito a ver com isso, não nos culpabilizar como eu falei, mas nos responsabilizar que a gente aceitou também se acomodar e aceitou que a bala começou do outro lado da ponte, porque afinal de contas, ela não nos afetava. Com relação às perguntas, vou começar de trás para frente. Eu acho que a própria ideia de pensar em fundamentos diferentes da Psicologia, eu estudo teoria crítica, vim da teoria crítica, psicanálise veio depois. O que é ser sócio-histórico, o que é ser psicanalista e entender que isso é parte de um projeto também, e se tem uma força que o capitalismo tem é de apreender para ele tudo que é bom.

Quando acompanhei a pergunta sobre a verdade que não é verdade, essa coisa da pós-verdade, uma coisa que eu tenho estudado muito que a minha linha é estudar "Decolonialidade", minha defesa de trabalho é a defesa das "cosmovisões" que não são incluídas dentro do ocidente, nós fomos os primeiros a ir para universidade dizer que aquilo era verdade quando os pretos entraram na universidade com as cotas, o que eles começaram dizer? Ciência parcial, produção científica parcial, elitizada, verdade não toda, para pensar numa questão em termos psicanalíticos, quando as meninas começaram a se organizar nos movimentos feministas e na Universidade o que começaram dizer? Conhecimento heteropatriarcal, cultura machista, "esquerdo-macho" você está dizendo a partir de uma postura heterossexual, ocidental, eurocêntrica e cristã; a esquerda começou a colocar o "saber" em questão.

Nosso movimento revolucionário colocou a produção do ocidente em questão, começamos a dizer: "Ah, o que você disse na Universidade veio da Europa, não é verdade porque tem o saber do índio que não está sendo escutado". É interes-

sante observarmos o quanto o discurso que eles usam é o nosso discurso e que é algo que nos afeta muito, quando vemos isso, parece que dói e eles sabem brigar com as nossas armas, eles pegam as nossas armas e transformam ela em uma maquinaria de destruição e isso dói muito porque é o que você fala. Nós não deveríamos ter ido para Universidade colocar em questão o saber acadêmico? Sim deveríamos. É esse o sentido quando eu falo que estamos na luta.

Uma coisa que sabemos é apanhar, sabemos muito mais apanhar, do que não apanhar, a nossa história, é uma história muito mais de enterrar do que de não enterrar, esquecemos que somos sujeitos históricos. Então, se pensarmos “Eu, Ana, nascida na década de 1980, nasci na democracia” com certeza que é um golpe gigantesco com 34 anos de idade viver o que estamos vivendo, mas se eu paro para pensar que em 1930 as mulheres não votavam e até pouco tempo atrás um homem podia matar a própria esposa se ele a pegasse cometendo adultério e ele não era julgado por isso, ele estava no seu direito de matar essa mulher, e que no ano de 1700, mulheres eram queimadas na fogueira.

Em processo histórico estamos bem, estar vivo, forte e estar aqui, escutando e olhando para o nosso racismo. Estamos olhando para o nosso classismo, estamos genuinamente parando para ver a nossa miséria civilizatória. Pois quando falamos de civilização, me dói inclusive essa palavra que é projeto civilizatório ocidental, todo projeto de civilização é um projeto de barbárie e o que carrega a civilização é genocídio. Em nome da civilização quantos povos já não foram assassinados, porque eles eram bárbaros, porque eles não eram civilizados. Essa ideia civilizatória, que inclusive a psicologia surge também como um projeto de hegemonia, também como um projeto de manipulação e de construção de um sujeito que serve a civilização. Temos muito mais história da Psicologia a serviço da barbárie do que de fato a Psicologia a serviço dos Direitos Humanos.

Cristina Ocariz

Com que a Ana falou se abre uma polêmica, um diálogo, mas eu queria pegar a palavra para dizer que eu tenho uma formação como psicóloga, como psicanalista materialista-histórica. Na Argentina, o Marxismo e a Psicanálise vieram juntos e o que mais me preocupa é o que você colocou. Tudo que apareceu aqui foram testemunhos,

aprendi com a “Clínica do Testemunho” que quando juntamos três pessoas, já temos testemunhos e estamos construindo a história. Entende-se que a Psicanálise tem de ser apolítica, que a Psicologia tem de ser apolítica, você escutou muitos depoimentos de psicólogos, porque você falou que tem “alguns psicólogos”, tem os evangélicos que se formam na universidade, uma verdadeira psicologia qualquer que seja sua orientação teórica e ética e essa exige que trabalhem em uma democracia, não se pode trabalhar em um espaço ditatorial, trabalhamos porque resistimos.

O Conselho Federal de Psicologia, sempre se posiciona com posturas éticas, que não são a de Bolsonaro. No curso de Psicanálise estamos fazendo uma roda de conversa para que as pessoas falem de suas angústias e de repente “Ah... mas a neutralidade, a abstinência...” e eu pergunto: “o que é neutralidade, o que é abstinência?” Vamos dialogar para nos entender, você não pode ser abstinente frente a um fenômeno ditatorial, que acaba com o ser humano.

Lúcio Costa

Sandro, é muito bom poder ter tido a oportunidade de experimentar as emoções transbordando. Tanto a tradutora, quanto pelo próprio Sandro que relatou a sua vivência, sua experiência. Queria fazer uma pontuação: nós vivemos 300 anos de racismo no Brasil, e quer dizer que promover a ruptura com essa lógica racista de fato não é fácil e quando você menciona que independente de qual dos dois ganhe a coisa vai continuar do mesmo jeito, de fato, é um desafio conseguir romper, levando em consideração esses 300 anos que nós vivemos. Contudo, existem dois projetos que reforçam a manutenção desse processo escravagista e um projeto que potencializa a ruptura. Um já se manifestou publicamente diversas ocasiões e exalou seu preconceito, a sua perspectiva sobre mulher, gay e negro não ter qualquer tipo de privilégio, como se esses segmentos um dia tivessem tido em nosso país algum privilégio. Quer dizer, nós estamos falando de dois projetos distintos, enfim e toda a nossa solidariedade de fato com o que você vivencia. Eu consigo me emocionar a partir do que você fala, mas evidentemente sentir o que você sente é impossível. Como eu, enquanto homem me solidarizo com uma mulher sobre o que ela fala, mas sentir o que ela sente, jamais. Porque é só ela na condição de mulher.

Nesse sentido sobre a Psicologia, queria comentar rapidamente, dizer que o que a Ana sinaliza, quer dizer a psicologia no Brasil nasce em

uma perspectiva política que é de adequação das pessoas ao processo ditatorial no nosso país e hoje nós vivemos uma perspectiva ideológica, uma polarização entre pessoas que são “do bem” e que são “do mal”. Logo, se existem pessoas que são “do bem” porque existem pessoas que são “do mal”, e as pessoas “do bem” estão intituladas, se autorizando a fazer qualquer coisa para combater aquelas pessoas que são “do mal”, inclusive torturar, matar, bater, desejar o ódio. E tudo isso passa por esse pacote e quando falamos da perspectiva ética política da Psicologia a depender do grupo que se apodera do sistema conselhos no processo eleitoral, pode rasgar esse código de ética e construir um novo sob uma ótica de mundo, sobre uma perspectiva de mundo. A ética é essa, a ética não é fixa, é uma perspectiva de mundo, os psicólogos que atacam ou que não compreendem que a Psicologia é por si só uma perspectiva política, é importante refletir inclusive o que faz no momento do seu atendimento.

“A ética é essa, a ética não é fixa, é uma perspectiva de mundo, os psicólogos que atacam ou que não compreendem que a Psicologia é por si só uma perspectiva política, é importante refletir inclusive o que faz no momento do seu atendimento”

Temos que identificar a diferença da manifestação da fé das pessoas do desenvolvimento da espiritualidade e vou me colocar nessa condição. Eu como ateu, por exemplo, no trabalho visito instituições em que as pessoas demandam por uma assistência religiosa e não têm, pois estão presas. Imediatamente vou dialogar com o diretor, para que as pessoas recebam o seu pastor, o seu padre, mas também receba a sua mãe de santo, o seu pai de santo. Uma coisa é manifestação da fé das pessoas, outra coisa é o que está se tornando de maneira deturpada a utilização da manifestação dela por determinadas lideranças, que é ideológica. Grupos religiosos ideológicos que nada tem a ver com manifestação de fé, e quando questionamos a ideologia, eles acusam um campo que nos identificamos, enquanto esquerdas, de atacar manifestação da fé, nós defendemos o desenvol-

vimento da religiosidade, o que nós questionamos é a ideologia a partir do uso da fé.

“Vamos dialogar para nos entender, você não pode ser abstinente frente a um fenômeno ditatorial, que acaba com o ser humano”

Mitsuko Antunes

Nós não podemos perder na memória a história, que é contraditória. Assim temos esses 500 anos da chegada dos brancos aqui, mas essa história sempre foi contraditória. Durante o período colonial tivemos resistência, tivemos pensamentos contra hegemônicos durante o século XIX, tivemos muitas resistências. As tentativas de resistência foram derrotadas, e o pensamento resistente também. Ao longo do século XX, no entanto tendemos a ter acesso à história oficial, a história do vencedor. Tanto é que muitos pensadores contra hegemônicos foram esquecidos como Ulisses Pernambucano e Manuel Bonfim. Foram pensadores esquecidos e esse esquecimento, não foi um esquecimento espontâneo, foram politicamente esquecidos. Há uma determinação para isso, não podemos esquecer as contradições do processo histórico.

“Não existe psicologia que não seja política. Se excluirmos uma das dimensões humanas, seja ela qual for histórico-social, cultural, política, deixamos de ter acesso ao psiquismo e essa questão para mim é fundamental; e imparcialidade é muito diferente de neutralidade”

A outra é que comecei a identificar pontos que são modais, para enfrentarmos um deles é a ideia de que é possível fazer ciência e ação neutra, neutralidade não existe. Não existe psicologia que não seja política. Se excluirmos uma das dimensões humanas, seja ela qual for histórico-social,

cultural, política, deixamos de ter acesso ao psiquismo e essa questão para mim é fundamental; e imparcialidade é muito diferente de neutralidade. Se neutralidade existisse, não precisaríamos de código de ética, e precisamos exatamente por causa disso. Independentemente do resultado que nós vamos ter, esse compromisso precisa ficar estabelecido, ou seja, um diálogo aberto entre nós psicólogos que lutamos pela democracia.

Lembrando que Manuel Bonfim escreveu sobre tudo. Psicologia, por exemplo, em 1914 ele já faz uma crítica ao primeiro laboratório de psicologia no Brasil e vai dizer que “não há como conhecer o psiquismo superior sem conhecer o psiquismo como uma produção da história”. Tenho aprendido duramente que não recordamos para não repetir, recordamos para repetir melhor. A “História e Memória” vem ao longo desses últimos 10 anos buscando a história da psicologia e sua relação com a construção social histórica. E agora estamos no processo de entender a Psicologia no resgate das memórias de uma caminhada em outro sentido.

Lançamento do Repositório Digital do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo

Luciana Stoppa

Conselheira Presidenta do Conselho Regional de São Paulo - CRP 06.

Sejam todos muito bem-vindos a essa tão importante atividade, que é o resultado de um processo de trabalho que não é de hoje, mas que é fruto de muito esforço de conselheiros e de trabalhadores do CRP SP, de colaboradores que estamos aqui hoje, no lançamento do Repositório Digital. Quero agradecer ao Conselheiro Rodrigo Toledo que é coordenador do GT junto de outros conselheiros e conselheiras, Beatriz Brambilla, Ivani Oliveira, o Edgar Rodrigues e também pessoas que estão colaborando, a Bruna e a Mitsuko. Também agradecer ao Marcos que é o nosso trabalhador responsável pelo CEDOC (Centro de Documentação) e a todas as pessoas que já compuseram o GT "História e Memória".

Gostaria de agradecer aos trabalhadores da comunicação que também tem um importante papel nesse trabalho, enfim a todos aqueles e aquelas envolvidas. O CEDOC é um pioneiro nesse processo de organização das memórias da Psicologia, do resgate histórico e dessa função social da Psicologia. Desde 2010 desempenha esse papel de gestão, organização e conservação de tudo aquilo que o CRP SP produz em termos de documentos, de posicionamentos e de informações para categoria.

É um trabalho de fundamental importância, uma ferramenta de gestão também para todas nós. Precisamos reiterar o seu papel e fazer uso qualificado dessa importante ferramenta. Esse é um processo que iniciou a configuração desse repositório, iniciou na gestão do XV Plenário, mas tiveram etapas que precederam o XV Plenário, então é bom destacar a importância do papel das gestões anteriores no fomento a essa atividade e hoje no lançamento. Discutimos tanto acerca de transparência, e é algo que essa gestão tem levado bastante a sério. Com todas as limitações que temos da vida prática, das questões tecno-

lógicas, o CEDOC também é uma ferramenta de gestão, transparência e de democratização das informações. O que produzimos está documentado, guardado, organizado no CEDOC. É fundamental reiterar essa função política de transparência e de democratização das informações que o CRP SP produz. E se somos pioneiros, vamos qualificar isso, continuar aprimorando.

Obrigado a todas as pessoas presentes, por estarem conosco. Em especial para representar a importância deste lançamento para a gestão do XV Plenário. Na atividade do GT História e Memória eu trouxe algumas informações importantes sobre a construção deste trabalho do lançamento do repositório, para mostrar o quanto isto é o resultado de um trabalho bastante intenso e de investimento muito grande do Conselho já há algumas gestões.

O GT História e Memória foi constituído em 1999. Naquele momento chamado Grupo de Trabalho Memória da Psicologia e hoje renomeado de "GT História e Memória". No momento de sua constituição, teve o objetivo registrar o desenvolvimento da Psicologia no Brasil e com este trabalho tentava contribuir para a construção da identidade da psicologia brasileira. Ao trabalhar com a memória, para preservá-la e compreendê-la como construção histórica, o GT História e Memória pretendeu naquele momento dar destaque à pluralidade das referências teóricas e metodológicas, além disso, busca elucidar as relações da Psicologia com a sociedade brasileira, no sentido de ampliar o campo de reflexão acerca da função da Psicologia, dos limites e das potencialidades de sua atividade.

"Ao trabalhar com a memória, para preservá-la e compreendê-la como construção histórica, o GT História e Memória pretendeu naquele momento dar destaque à pluralidade das referências teóricas e metodológicas, além disso, busca elucidar as relações da Psicologia com a sociedade brasileira, no sentido de ampliar o campo de reflexão acerca da função da Psicologia, dos limites e das potencialidades de sua atividade"

Atualmente, o GT História e Memória, como a Luciana destacou, é composto pela Bruna Borba, Mitsuko Antunes, e pelos conselheiros Beatriz Brambilla, Ivani Oliveira, Edgar Rodrigues, Rodrigo Toledo, e eu. Conta também com Marcos Toledo, trabalhador do Conselho, que está no apoio técnico.

O CEDOC – Centro de Documentação fica na Subsede, na Rua Oscar Freire, 1800. Foi inaugurado em 17 de setembro de 2010 com um papel pioneiro no que se refere à história e memória da Psicologia em São Paulo. Por meio de sua criação viabilizou-se um trabalho de organização, conservação e difusão de informações contidas nas produções do CRP/SP como livros, cartilhas, documentos audiovisuais, cartazes e uma série de outras produções. Na gestão do XV Plenário, como a Luciana indicou, iniciou-se o estudo das possíveis ferramentas para o aprimoramento e maior democratização das produções do CRP SP e dessa maneira o GT dedicou esforços para a constituição de um repositório digital.

Em frente aos estudos decidiu-se naquele momento pela ferramenta denominada de "DSpace" que é muito utilizada por grandes instituições. O Centro de Memória e Documentação e o repositório digital é uma plataforma online desenvolvida com o objetivo de viabilizar e democratizar o acesso ao acervo do CEDOC. Reúne todo o material produzido pelo Conselho, desde a sua fundação. O repositório digital representa um marco na democratização de acesso às informações da Psicologia Paulista. Na gestão já do XV Plenário iniciamos as definições de layout, organização do material que seria disponibilizado no repositório digital e tivemos nesta gestão este grupo atual do GT História e Memória. Tivemos a ideia de homenagear uma personalidade da Psicologia no momento da constituição do repositório. O GT História e Memória apresenta um histórico de homenagem às pioneiras no campo da Psicologia que, como disse, produziu uma série de vídeos sobre a atuação de diversas psicólogas/os a partir das contribuições para diversas áreas e por isso pensamos em realizar o "amadrinhamento" do repositório digital.

Para nós era importante escolher alguém que fosse uma referência no campo da Psicologia

e reconhecida por toda a categoria. Em janeiro de 2018 o GT lançou um convite para todas as psicólogas/os, bem como toda a sociedade, para que participassem de uma votação, que escolheria a madrinha do repositório digital. Estabelecemos alguns critérios para fazer esta enquete, elencamos três grandes critérios para escolhas. O primeiro deles era que a homenageada deveria ser uma mulher, pois a Psicologia é uma categoria predominantemente feminina e também marcada por uma história forte da contribuição de mulheres notórias. O segundo critério, que a psicóloga homenageada deveria ter uma importante contribuição para Psicologia no Estado de São Paulo, já que o repositório era do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. O terceiro, a psicóloga homenageada também deveria ter contribuído com a transformação da Psicologia como ciência e profissão, bem como da sociedade de uma forma geral. Os debates foram intensos. Para podermos pensar nos nomes, tínhamos uma lista bastante extensa. Outro critério para definição dos cinco nomes era buscar alguém que ainda não tivesse sido homenageada em outro campo da Psicologia.

Chegamos a cinco nomes, depois de meses de desafio, e a definição foi: Ecléa Bosi, Lara Levelberg, Fúlvia Rosemberg, Maria Nilde Mascellani e Virgínia Bicudo. Abrimos em janeiro de 2018 a enquete no site do Conselho e em diversos outros espaços de divulgação, tivemos uma participação muito potente mais de 13.500 pessoas votantes. Tivemos um número maciço da participação de toda a categoria. Os votos foram de todo o Brasil e entendemos que muitas são as mulheres que contribuíram significativamente para construção e fortalecimento da Psicologia no Brasil e no Estado de São Paulo, por meio da atuação junto à sociedade e pela produção do conhecimento. Finalizamos o processo de levantamento da votação no mês de março, prorrogamos mais um tempo, para que tivesse maior participação. Em março terminamos e assim estávamos no trabalho intenso de organização para esta atividade de hoje, que é o lançamento. No momento da enquete informamos que apresentaríamos o nome da psicóloga escolhida no dia do lançamento.

No GT História e Memória, pensamos que as

psicólogas que não foram escolhidas durante o processo da enquete, terão ações para que também possamos homenageá-las, pois contribuíram de formas diversas para a Psicologia brasileira, em especial para Psicologia de São Paulo.

Fico muito feliz de estar representando o GT e dizer que a psicóloga escolhida pela categoria foi a Psicóloga Fúlvia Rosemberg.

Ficamos muito emocionados com o resultado e a participação da categoria e, em especial, à família da Fúlvia, neste momento cito a Júlia, que tem nos ajudado desde março para que pudéssemos produzir esta atividade. Conseguimos a partir da Júlia uma série de informações, de dados pessoais, fotografias e muitos deles já estão disponíveis e temos mais. Temos tido um contato muito grande com os ex-orientandos, as pessoas que trabalharam com a Fúlvia, que tem enviado muitas informações para que também possamos disponibilizar essas informações para todas as psicólogas/os de São Paulo e quem sabe para todas as psicólogas/os do mundo; uma vez que está na internet o pioneirismo dessa atividade e deste material que estará disponível no repositório.

“Se a história é um garimpo, a memória é a bateia que revolve o cascalho do passado a buscar dados preciosos para continuar nossa luta”

Trago como referência Paolo Nosella que afirma: “Se a história é um garimpo, a memória é a bateia que revolve o cascalho do passado a buscar dados preciosos para continuar nossa luta”. Pelos dados preciosos que nos deixou Fúlvia Rosemberg, é com alegria que realizamos nesta noite o lançamento do Repositório Digital “Fúlvia Rosemberg”.

O GT História e Memória agradece a participação de todos vocês que estão aqui com a gen-

te essa noite. Que o legado de Fúlvia Rosenberg sensibilize a todas na direção de lutarmos por uma sociedade mais justa e menos desigual.

*“Que o legado de Fúlvia
Rosenberg sensibilize a todas
na direção de lutarmos por uma
sociedade mais justa e menos
desigual”*

Meu nome é Marcos Antonio Toledo, sou bibliotecário e vou falar um pouco sobre o que é o CEDOC e sobre o Repositório Digital "Fúlvia Rosenberg". Antes disso agradeço à Carmem, pois ela sabe muito bem que foi uma transição muito longa para chegar até aqui. Agradeço também algumas pessoas nessa trajetória que são muito importantes e devem ser lembradas, embora, alguns não estejam aqui, mas é bom lembrar quem são: Edson Gomi da biblioteca Brasileira da USP, Francis Lee do Instituto Hercule Florence, a bibliotecária Maria Imaculada Cardoso Sampaio, ao Instituto Paulo Freire, a arquivista Aline Barbosa do Arquivo do Estado e também aos colaboradores internos do CRP SP que auxiliaram nesse processo.

Não esquecendo os colaboradores Sérgio Valério Toledo Pinto e Adolfo Benevenuto e todos os demais. Também algumas ex-conselheiras como Carmem Taverna e Fátima Nassif. Agradecimento à colaboradora e psicóloga Mônica Azevedo e colaboradora e psicóloga Fernanda Waeny. Nós estivemos juntos nessa trajetória.

O CEDOC, como dito aqui, foi criado em 17 de setembro de 2010, como parte integrante do Projeto Memória da Psicologia, cuja finalidade era preservar e difundir a história e memória do CRP SP desde a sua criação até os dias atuais. Tudo que é produzido atualmente, estará no repositório. Abrange a totalidade do que é criado.

Sobre o acervo: quando falamos do acervo do CEDOC, lembramos que ele é amplo, diverso em termos de tipos de documentos, formatos e suportes. Assim sendo essa diversidade manifesta-se através de itens como livros, manuais, conteúdos multimídia, cartazes, fotografias, áudio, folders e outras coisas mais. O que não era conteúdo digital passou a ser via digitalização e agregamos aos conteúdos já concebidos de forma digital. Nosso espaço físico está localizado na Rua Oscar Freire 1800.

O acervo em momentos de exposição é uma rica oportunidade de interação com psicólogas/os e alunos de Psicologia. Já expusemos na Semana da Luta Antimanicomial, na Semana Cultural da Psicologia em Guarulhos por três anos seguidos e

trabalhamos de forma cooperativa com a BVS PSI (Base virtual da Psicologia Brasileira).

No que tange ao benefício da criação do CEDOC, indico que o resultado positivo é muito amplo. O próprio CRP SP se beneficia através do acesso das conselheiras/os ao acervo físico e digital. Beneficiam-se também as psicólogas/os, estudantes e a sociedade em geral interessada no conhecimento e interação com a história da Psicologia do Estado de São Paulo. Destaco ainda que há um crescente interesse de pessoas que estão seguindo carreira acadêmica, elas recorrem ao CEDOC para orientação e para produzir a dissertação, teses, artigos e sinto o quanto isso é importante. O repositório possui uma ideia de penetração maior nesses ambientes acadêmicos de interesse de formação no geral. Para além da categoria, várias pessoas dentre pesquisadores, estudantes, professores e representantes de entidades sociais, entram em contato para visita e consulta ao acervo.

Sobre o Repositório Digital Fúlvia Rosenberg, a escolha do software quando feita, foi pensando no futuro, pois o Instituto Massachusetts de Tecnologia é muito sério e respeitado no mundo. Várias instituições pelo mundo todo abraçaram o "Dspace", que é a plataforma do repositório digital. Possui acesso aberto, há uma rede de cooperação entre os repositórios, acompanha a evolução tecnológica com aperfeiçoamento de novas versões e terá compromisso com a continuidade. Além disso, nossa escolha é fundamentada na declaração de Florianópolis (2006), que falava exatamente sobre isso. Norteava-se esse tipo de orientação em nossas escolhas. O repositório possui comunidade de cooperação no mundo todo para trocas de experiências, técnicas e resultados. Outro aspecto positivo é a forma de organização das informações no repositório, que são inteligentes e amigáveis ao usuário. Há outro aspecto importante no que se refere a preservação digital e perenidade das informações. Por exemplo, a questão de links "quebrados", algo que incomoda o usuário em suas buscas, mas que não ocorrerá por meio de nossa escolha. O sistema é interoperável, há link permanente do conteúdo di-

gital. Destaco a questão da visibilidade do acervo digital e a indexação via buscadores como Google. Assim, democratizamos o acesso ao que o Conselho Regional de São Paulo da 6ª Região produziu em termos de conteúdo, de interesse histórico e de memória para toda categoria. Desejamos trabalhar a memória com um diálogo dinâmico, com a realidade visando à criação de novos conteúdos, novos significados com um foco na transformação. Assim apresento o Repositório Digital Fúlvia Rosemberg. É constituído por diversas comunidades virtuais que abrangem Ética, Direitos Humanos, COREP, Fúlvia Rosemberg, Políticas Públicas, Orientações, Eleições, Atas, História e Memória, Dia da Psicóloga (o), Jornais e Páginas temáticas. Agregamos neste repositório uma vasta gama de conteúdos passíveis de serem utilizados pelo usuário via download e de possibilidades de compartilhamento de informações e conhecimentos. Convido a todos que utilizem e explorem esta novidade que é pioneira na Psicologia de São Paulo e do Brasil. Muito obrigado a todos.

“Assim, democratizamos o acesso ao que o Conselho Regional de São Paulo da 6ª Região produziu em termos de conteúdo, de interesse histórico e de memória para toda categoria. Desejamos trabalhar a memória com um diálogo dinâmico, com a realidade visando à criação de novos conteúdos, novos significados com um foco na transformação. Assim apresento o Repositório Digital Fúlvia Rosemberg”

Rodrigo Toledo

Conselheiro do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo - CRP 06.

Quando iniciamos a gestão do XV plenário, na primeira reunião que tive com o Marcos foi quando ele me apresentou a ferramenta, e desde lá a gente vem trabalhando intensamente nisso. O Marcos é um grande defensor desta ferramenta, deste trabalho, temos muitas pessoas a agradecer. Como já fizemos isso hoje, mas é importantíssimo destacar e agradecer o seu empenho para a existência dessa ferramenta, a garantia da democratização dessas informações. Tive a possibilidade de acessar materiais históricos, materiais que conseguimos com editoras e que não estão mais disponíveis para comercialização. Temos um conjunto de materiais muito importantes e tudo isso teve um empenho muito grande de seu trabalho. Quero aproveitar e novamente agradecer, fazer esse agradecimento público, pelo seu trabalho e por todo seu empenho. Uma pessoa empolgada e que empolga a todos nós do GT para garantir que este trabalho tenha este lindo resultado.

Agradeço ao Marcos e a Luciana por estarem conosco. Quero convidar a Júlia Rosemberg para representar a Fúlvia e conversar conosco, e também o Benedito Medrado, para falar sobre a contribuição da Fúlvia para Psicologia.

Júlia, gostaria novamente de agradecer em nome do GT toda a sua colaboração, desde o processo da enquete você tem nos ajudado bastante. Como já havia dito, é algo para nós do Conselho e com certeza para toda Psicologia, a importância de todas as contribuições que a sua mãe nos deu. Benedito, obrigado também por ter vindo prestigiar e ter recebido e acolhido essa tarefa árdua, que passamos para você, agradeço e passo para Júlia.

Meu nome é Júlia Rosemberg, sou filha da Fúlvia e do Sérgio, e sou mãe da Antonia. Primeiro queria agradecer ao Marcos, pela disponibilidade e carinho ao tratar deste repositório e dos materiais, e ao Rodrigo por toda essa disponibilidade. Estou um pouco nervosa e emocionada, óbvio. As demais pessoas que também tiveram empenho, que se empenharam a fazer isso. Agradecer muito ao Benedito e ao Jorge que fizeram uma campanha árdua e ferrenha para que minha mãe ganhasse, foram muitas mensagens do Whatsapp e e-mail, correntes. Prometemos até uma prenda depois. Muito obrigada mesmo.

Minha mãe era superlativa, depois de quatro anos de sua morte consigo ver com muito mais nitidez, a qualidade de sua interação com o mundo. Muitas delas, para o meu privilégio, heranças minhas. Minha mãe era uma mulher generosa, generosa em todos os sentidos que essa palavra possa carregar. Era generosa com os filhos, com os netos, generosa com a academia, com seus alunos e alunas, com os negros, com os indígenas, com a infância, com as crianças e com os bebês. Nos últimos tempos, ela estava falando sobre a cidadania dos bebês, não era isso? Minha mãe me ensinou a olhar as nuances. Ela era uma mulher que via as nuances mundanas, nuances sociais, nuances de pensamento.

“Ela não fazia questão de agradar socialmente as pessoas, era honesta demais para isso”

Uma vez, ela sempre contava essa história, André meu irmão mais velho, era pequeno, ele perguntou a ela: “Qual era aquela cor?”, e apontava para uma parede azul turquesa. Minha mãe ficou muito aflita em responder se era azul ou verde, porque na perspectiva de suas nuances e sensibilidades, ela com qualquer resposta fixaria na cabeça do André para sempre a cor que tivesse determinado. Pois é, minha mãe pensava interagir com o mundo de uma maneira suprema, íntegra, sincera. Ela não fazia questão de agradar socialmente as

pessoas, era honesta demais para isso. Passados quatro anos de sua morte, me vejo nela de tantas e tantas maneiras e sinto uma tristeza profunda em não poder compartilhar com ela o que eu andei e ando fazendo, sentindo, pensando, vivendo. Uma tristeza em pensar que seus olhos não verão mais o Cour Carrée⁸ em Paris, que não estará mais nos aniversários do Jorge, Antônio e João. Que não mais fará seus garranchos que só a Márcia sabia decifrar, e depois literalmente recortar os papéis, colar nas tantas e tantas revisões de teses e dissertações.

Não estará mais aqui para caminhar com as sacolas do Pão de Açúcar penduradas no ombro. Não fará mais o cuscuz, as comidas mexicanas, as tahines. Ela mandou um grande recado à Celeste quando eu dei a tahine para o Jorge Lira; não estará mais para tantas e tantas outras coisas que viverei até o dia que me encontrar com ela mas ao mesmo tempo, depois de quatro anos, vejo o seu legado. Suas linhas sendo tecidas e tecidas por nós: eu, André, Mari, Bruno, Sérgio, pelos alunos e alunas que vez ou outra encontro e que sempre são tão emocionados e carinhosos.

“Fúlvia Rosemberg deixa um legado de caráter, de metodologia de temas, de coragem acadêmica e de militância”

Fúlvia Rosemberg deixa um legado de caráter, de metodologia de temas, de coragem acadêmica e de militância. Um legado que está sendo alastrado por todos e todas nós que um dia fomos filhos e filhas de Fúlvia Rosemberg. No dia que minha mãe morreu passei uma hora ao lado da sua cama me despedindo, e não sei muito bem por que cantei entre lágrimas e soluços essa música que eu gostaria de colocar para vocês; nunca soube qual era a sua música preferida. Aliás, muitas coisas sobre ela não tive tempo de perguntar e me

8 Pátio principal do Palácio do Louvre em Paris.

arrependo demais das perguntas não feitas. Mas também sei que se ela tivesse aqui ela me diria: "Júlia minha filha, para tudo isso, não tenho uma resposta, mas siga adiante simplesmente porque não tem outro jeito". Eu queria pedir para colocar essa música:

O Ciúme

Caetano Veloso

*Dorme o sol à flor do Chico, meio-dia
Tudo esbarra embriagado de seu lume
Dorme ponte, Pernambuco, Rio, Bahia
Só vigia um ponto negro: o meu ciúme*

*O ciúme lançou sua flecha preta
E se viu ferido justo na garganta
Quem nem alegre, nem triste, nem poeta
Entre Petrolina e Juazeiro canta*

*Velho Chico vens de Minas
De onde o oculto do mistério se escondeu
Sei que o levas todo em ti, não me ensinas
E eu sou só eu, só eu só, eu*

*Juazeiro, nem te lembrás dessa tarde
Petrolina, nem chegaste a perceber
Mas na voz que canta tudo ainda arde
Tudo é perda, tudo quer buscar, cadê*

*Tanta gente canta, tanta gente cala
Tantas almas esticadas no curtume
Sobre toda estrada, sobre toda sala
Paira, monstruosa, a sombra do ciúme*

Doutor em Psicologia Social pela PUC SP; docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE, no qual atua como coordenador. Foi presidente da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) entre 2010 e 2011

Vai ser muito difícil. Eu nasci em Juazeiro, eu acabei de chegar de lá. Atualmente, eu trabalho na Universidade Federal de Pernambuco, sou professor da universidade, do curso Psicologia. Mas eu nasci nessa cidade exatamente onde circula esse rio e as coisas nunca são por acaso. Então vamos lá. Eu fiz um texto também, porque quando eu recebi o convite, desde primeiro momento é sempre uma sensação estranha porque você não se acha merecedor do convite. Continuo não me achando. Acho que teriam outras pessoas, talvez com mais legitimidade para estar aqui do ponto de vista da memória, das histórias oficiais, aquelas que se contam e que se escreve sobre. Mas acho que memória e história têm outros lugares também. E no segundo momento, o que me fez aceitar, obviamente, depois de falar com a Júlia, para saber como é que tinha acontecido isso.

Foi o mesmo movimento que me fez aceitar o convite para escrever um pequeno texto publicado na revista *Todos Feministas* que escrevi junto com Jorge, meu companheiro, logo depois do falecimento da Fúlvia numa seção chamada In memoriam. Eu estava com uma amiga e falando: "Olha fizeram esse convite para escrever esse texto, mas eu não sei, ainda não respondi, estou sem saber como é que eu respondo, porque é muito difícil você recusar um convite como esse, mas eu não posso aceitar porque acho que teriam outras pessoas poderiam fazer isso". E essa minha amiga, nossa amiga, Márcia Laranjeira, uma feminista que eu conheço há mais de 20 anos disse para mim: "Não, mas tem formas de construir memórias que passam pelo afeto, então escreve pelas linhas do afeto, porque memória é afeto entre outras coisas, embora muitas vezes tendemos a ignorar os afetos que constroem as memórias".

"memória é afeto entre outras coisas, embora muitas vezes tendemos a ignorar os afetos que constroem as memórias"

Aceitei o convite para escrever aquele texto, e aceitei o convite para vir aqui conversar com vocês a partir desse lugar da memória. Inclusive até escrevi com memórias a partir do lugar do afeto, porque o primeiro foi o texto que eu escrevi com o Jorge para revista, e como é que vou construir uma apresentação, uma fala de uma história que é muito intensa que é a produção que a Fúlvia tem, ela não é só material, é uma produção de transformações de vida, de alguns de nós que fomos alunos ou orientandos dela. Como bem Júlia falou, Fúlvia era superlativa, ela tinha uma coisa realmente de "Ou me ame ou me odeie, mas não me ignore". Isso é uma coisa muito forte na construção. Quem a conhecia de longe achava que ela era muito agressiva às vezes, mas era uma forma inclusive de construir um lugar no mundo que era "Me respeite nas duas perguntas, me provoque também, e eu vou te respeitar". Era um jogo muito construído a partir da reciprocidade, é uma responsabilidade muito grande falar dessa trajetória aqui. Para mim ela é menos material e muito mais de construções políticas.

Saí buscando informações, textos que poderiam me ajudar, enfim, desde o currículo Lattes dela até outros textos de homenagem, e encontrei um texto. Uma das homenagens que foi feita para ela, pelo Leandro Feitosa um ex-orientando dela e professor, colega de trabalho da Fúlvia, que faleceu recentemente. Ele escreve muito bem em seu depoimento publicado na revista *Cadernos de Pesquisa*, momentos depois da morte da Fúlvia, ele fala do sentimento de desconforto e instabilidade que fazia parte da postura pedagógica que a Fúlvia imprimia em todos nós: desconforto e instabilidade que alguns poderiam pensar como alguma coisa negativa, mas que como bem Leandro coloca, são sentimentos que ela esperava que resultassem em nós curiosidade, interesse, profundidade, ética, humildade, rigor acadêmico.

Era assim que ela se apresentava para nós, na construção das relações pedagógicas e assim mobilizado pelas memórias afetivas e pelo desconforto criativo, resolvi buscar alento na poesia. Não por acaso eu comecei por Florbela d'Alma da Conceição Espanca, uma poetisa que é conhecida

como Florbela Espanca, portuguesa, feminista, poetisa que viveu intensamente por apenas 36 anos. Em uma de suas densas produções ela diz que: “O meu mundo não é como o dos outros, quero demais, exijo demais. Há em mim uma sede de infinito, uma angústia constante que eu nem mesma compreendo, pois estou longe de ser uma pessimista, sou antes uma exaltada com uma alma intensa, violenta. Uma alma que não se sente bem onde ela está que tem saudade sei lá de quê”.

Depois navegando ainda pelo universo da poesia, encontrei outra Conceição, brasileira. Conceição Evaristo, escritora negra e nada disso foi procurado intensamente, isso apareceu por acaso, novamente o nosso acaso. Ela nasceu numa favela de Belo Horizonte, trabalhou como empregada doméstica. Formou-se com muita dificuldade e hoje concorre inclusive a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Em uma poesia publicada no volume 15 dos Cadernos Negros, ela nos diz sabiamente:

Recordar é preciso

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos

A memória bravia lança o leme:

Recordar é preciso.

O movimento vaivém nas águas-lembranças dos meus marejados olhos transborda-me a vida, salgando-me o rosto e o gosto.

Sou eternamente náufraga,

mas os fundos oceanos não me amedrontam e nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a boia que me emerge.

Sei que o mistério subsiste além das águas.

Tão bem acompanhado por essas duas, Conceição Espanca e Conceição Evaristo, além do acalanto da poesia, busquei também fotos e outras produções imagéticas que me acenaram e acenderam a saudade. Entre elas o registro de sua viagem a Recife quando ela se hospedou conosco, comigo e com Jorge, e fomos juntos na Praia de Calhetas, no Museu Francisco Brennand, e ela nos levou a conhecer a Praia de Baía da Traição. Lembro como se fosse hoje, ela nos apontando uma creche que tinha o nome de Curumim. Fúlvia

estava de férias, mesmo assim seus olhos guiam seus temas de interesse político. Essa creche ficava próxima à reserva indígena naquela região e ela pediu para a gente registrar. Lembro-me também entre outras imagens das cores e da luz das obras de Johannes Vermeer [1632-1675] pintor Holandês do século 17, cuja arte nos foi apresentada por Fúlvia em uma das vezes que estivemos com ela em sua casa. Possivelmente Johannes como Florbela, como Fúlvia, viveram pouco pelo menos do meu ponto de vista; mas ele também produziu uma obra que o fez imortal e as obras têm muita função. Por isso engana-se quem acredita que a morte tende a distanciar as pessoas. No caso de pessoas como Fúlvia é exatamente o contrário, sua partida nos deixou ainda mais próximos, nos aproximou ainda mais, afinal a saudade presente fica e as boas memórias perpetuam nossas existências.

Assim, mobilizado pela saudade, pelas boas memórias, pelo desejo de produzir uma fala que possa nos ajudar a entender porque é justa e merecida essa homenagem que hoje se faz a Fúlvia, eu resolvi trazer parte do Memorial preparado por Fúlvia para o concurso de professor associado do curso de Psicologia da PUC de São Paulo em 1993. Publicado recentemente no livro, organizado pela Sandra Unbehaum pela Editora Cortez. Além de conhecermos uma versão produzida por ela sobre sua própria trajetória profissional, a leitura desse Memorial pode nos aproximar de algumas posições de Fúlvia sobre a Psicologia como ciência e profissão, sobre a importância da produção, e principalmente da veiculação, do conhecimento científico, posições certas que podem contribuir para dar diretrizes também na construção desse repositório que para mim já começa muito bem.

A Fúlvia inicia seu Memorial dizendo: “Durante um seminário metodológico aqui na PUC, dediquei algumas horas de trabalho com os alunos e alunas para discutir um determinante geralmente oculto na produção de conhecimento: as contingências da vida profissional. Mostrei-lhes o universo da atividade acadêmica descrevendo o mundo concreto em que se move, quem faz pesquisa, quem trabalha produzindo e divulgando conhecimento. Percebi ter sido para alguns uma experiência de perda da inocência. Como mestranda e doutoranda da PUC de São Paulo pude presenciar vários momentos como esse, que Fúlvia descreve logo no início do seu Memorial, em que geralmente oferece uma disciplina chamada Metodologia de Pesquisa que se convertia sob a batuta de Fúlvia

em rico momento para diálogo sobre atravessamentos que nossa vida concreta, como ela costumava referir, produzia em nossas experiências de pesquisa e vice-versa.

“dediquei algumas horas de trabalho com os alunos e alunas para discutir um determinante geralmente oculto na produção de conhecimento: as contingências da vida profissional”

Assim ela segue esse Memorial dizendo que: “Revisando minha vida profissional nesse momento a época do concurso, a contingência voltou a chamar minha atenção, muito dos caminhos que segui, alguns decisivos, completamente documentados no currículo e que marcaram minha produção foram orientados por determinações mais amplas do que a minha vontade. No que fiz e deixei de fazer, sofri injunções concretas de ser mulher de classe média e viver o mundo que vivi”.

Fúlvia fez uma graduação na Universidade de São Paulo entre 1961 e 1965. Vale lembrar que o curso de formação de Psicologia e a própria profissão de psicólogo foram regulamentados no Brasil somente em 27 de agosto de 1962. Ela já estava fazendo o curso, por isso ela diz que: “Fui aluna de um curso de Psicologia em constituição, portanto, estimulante e aberto. O golpe militar e a desesperança com o sonho da Universidade de Brasília, certamente trabalharia numa perspectiva skinneriana. A ida para um laboratório que fora dirigido por Wallon (Henri Paul Hyacinthe Wallon, 1879-1962), possível por relações de amizade. Viver maio de 1968 em Paris, onde ela fez o doutoramento entre 1965 e 1969 e produziu a tese *“A família e as relações familiares e relações familiares em livros infantis abordando aspectos relativos a estereótipos relações raciais, infância e literatura Infantil”*.

Algumas das incursões de Fúlvia que ela traz de forma bastante sucinta do seu Memorial: “O fim da bolsa de estudos com a tese pela metade. A volta necessária e medo de um fracasso possível; o trabalho numa clínica psicológica para comprar a passagem e acabar a tese, e a certeza posterior

de que a clínica não era o meu caminho; a possibilidade de compreensão e de estímulo por parte do Sérgio, [seu esposo à época] para que eu voltasse sozinha para França e terminasse a tese; o desalento com o país durante o governo Médici; e a nova partida; a necessidade de uma pesquisadora que aceitasse baixo salário no mesmo laboratório de Wallon para participar de uma pesquisa sobre teatro com crianças; o fantasma de uma separação conjugal que me leva a pensar mais seriamente na sobrevivência autônoma em Paris, na Universidade precisando de uma jovem assistente. Um encontro social com Ana Maria Poppovic que me convida para trabalhar na Fundação Carlos Chagas e o desejo de um filho; a gravidez e a volta com bebê em 1974; um encontro com feministas de lá e o Ano Internacional da Mulher em 1975, que abre possibilidade de ação aqui no Brasil; a existência de um grupo de pesquisadoras inquietas na Fundação Carlos Chagas; a necessidade de encontrar uma solução de guarda para o André, primeiro filho, numa conjuntura familiar complicada que me leva optar pela solução creche, e meu contato direto com essa instituição; a Fundação Ford que abre linha de financiamento sobre relações de gênero, o início da distensão política e a possibilidade de trabalhar com temas “malditos”; de sair do terceiro andar do prédio da fundação e participar como pesquisadora de mobilização de mulheres; a flexibilidade de uma instituição privada, a Fundação Carlos Chagas, que acolhe novos temas e novas práticas do pesquisador e pesquisadora; a incumbência, quase imposição de coordenar o Jornal Mulherio; o encontro profissional com a Maria Malta Campos, o interesse comum por creches; a conciliação afetiva adulta com minha mãe que possibilita uma experiência de criar ficção em literatura infanto-juvenil; a Júlia que já está suficientemente crescida e pode me libertar para mais um emprego, o de professora da pós-graduação em Psicologia Social da PUC de São Paulo”.

Fala sobre o que também por contingências não fez, diz: “Eu recupero em minha trajetória também o que por continência deixei de lado e poderia ter redundado em outro perfil profissional. Um desejo inicial em trabalhar com Psicologia Animal, abandonar o estágio no serviço de Irène Lezine por dificuldade de relacionamento humano (o que me teria permitido um contato profissional maior com a questão da creche em 1970); deixar de lado um aprofundamento da abordagem estruturalista (que me fascinava) por não ser privilegiada no laboratório de Wallon; abandonar o campo de estu-

dos sobre literatura infanto-juvenil por querelas de capela (nunca tinha ouvido esta expressão, Fúlvia tinha suas expressões, que na verdade significam controvérsias); a desistência de um projeto de criação de textos não sexistas por falta de financiamento (e hoje tão necessário); a impossibilidade de aprofundar o conhecimento sobre a vertente psicológica do trabalho da pajem na creche por não convir ao conjunto de projetos para os quais se solicitava financiamento; desistir de participar de um projeto sobre cortiços com Felícia Madeira, o que me permitiu, em seguida, aceitar a coordenação de uma pesquisa sobre educação dos negros; postergar um pós-doutoramento pela idade das crianças e pela dinâmica familiar; acariciar, apenas como sonho possível, para não sei quando, uma pesquisa sobre determinantes políticos da ação do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), voltada para crianças subdesenvolvidas. Com certeza, o contingencial se evidencia no repassar a vida profissional. Foram retalhos que fui reconhecendo. Mas percebo também uma colcha que foi sendo costurada, combinando textura e estampa. Reconheço, sim, a figura de um tecido, minha identidade profissional. Sou pesquisadora.”

Em seguida Fúlvia fala sobre essa identidade de pesquisadora e constitui, como tal, fora da universidade: “Pode ser paradoxal que minha identidade profissional, neste concurso para professor associado desta Universidade seja armada pela atividade de pesquisa, pela atividade de uma pesquisadora que se desenvolveu fora da Universidade; e assumindo esta identidade, produto de uma trajetória peculiar e que se reflete no perfil profissional talvez pouco habitual nas crias da Universidade, que pleiteio o título de professora associada.” O peculiar, não individual, talvez mesmo generalizável para trajetórias semelhantes, é que há uma anterioridade essencial e não apenas cronológica da pesquisadora sobre a docente: “ Fui para a pesquisa e através dela que adquiri, organizei e sistematizei o conhecimento que uso, então, na função de docente. Quando assumo esta identidade, e com ela pleiteio o título universitário, não há qualquer olhar hierárquico. Não considero que minha trajetória seja a certa ou a melhor. Apenas considero que, neste momento, é rica para a Universidade, a convivência de docentes que organizam e sistematizam conhecimentos através de processos diversificados. Acrescento também que, para a pesquisadora, a experiência docente é enriquecedora. Argumento apenas que a produção de conhecimento de pesquisador fora da Universi-

dade e do docente-pesquisador seguem processos diversos.”

Continua “fiquei tentada a enveredar para uma análise sobre a diversidade da estrutura do poder dentro de ambas as instituições. Controlei essa tentação. Necessito, porém mencionar um aspecto a promoção na hierarquia de poder e salário em instituições de pesquisas não são sancionados internamente, mas através de titulação universitária, portanto externa. Nesse sentido, a produção interna à instituição de pesquisa não é concorrencial, ou pelo menos não percebo o mesmo nível de concorrência que pode existir na Universidade. Um pesquisador não dispõe, por exemplo, de qualquer mecanismo facilitador ou dificultador para que seu colega se candidate a concursos, obtenha títulos, desenvolva projetos. A competição não deixa de existir, mas não tem condições para bloquear trabalhos, pois não se concretiza na burocracia legitimadora de hierarquias. Assim, a trajetória é mais livre e, na instituição de pesquisa, tem-se maior possibilidade de trabalhar em equipe.”

Essa é uma importante crítica que ela faz ao universo acadêmico. Quem está dentro da Universidade hoje, percebe muito bem o que ela está falando. Para quem está pensando a construção de repositório, esse tipo de abordagem é extremamente importante, porque o conhecimento muitas vezes é referido como sempre dentro de um espaço institucional chamado academia. Ela se dedica a pensar possíveis consequências da trajetória de uma pesquisadora construída fora da Universidade que possibilitou o trabalho em equipe, produziu um olhar crítico sobre leituras estritamente disciplinares.

“A possibilidade de constituição de equipes fornece a base para outra característica, a meu ver essencial, das instituições de pesquisa: a interdisciplinaridade” este texto da Fúlvia é de 1993. Este talvez seja o ponto central para discutir a particularidade da trajetória de um pesquisador fora da Universidade: sua liberdade frente ao recorte disciplinar único. Ocorrendo menor cerceamento ao trabalho em equipes, a interdisciplinaridade é possível e necessária. A relação principal não se estabelece, obrigatoriamente, com a disciplina (ou com teorias dela decorrentes), mas tende a se estabelecer com o tema, a questão, o problema. A linha de pesquisa não antecede obrigatoriamente a pesquisa: é a partir dela que vai se construindo. Não à toa ela usa a metáfora da colcha da forma como se costura. Nesse sentido Fúlvia possivelmente ja-

mais se define como psicóloga. Ao contrário ela nos convida a expandir os limites da definição da Psicologia seja como ciência, formação ou profissão. Ao mesmo tempo ela nos alerta que a universidade também pode ser um espaço de produção coletiva criativa, a partir de alguns ajustes. E diz: “É verdade. Na Universidade, também tem sido possível trabalhar dessa forma (coletivamente), através de núcleos e centros de pesquisas e estudos que vêm sendo criados, justamente, para responder a esta necessidade: reunir docentes que compartilham questões, problemas, temas que ultrapassam o recorte disciplinar. São, por exemplo, os núcleos de estudos sobre a mulher (e relações de gênero); os núcleos de estudos afro-brasileiros; sobre a família; entre outros.”

Fui buscar no currículo Lattes dela, obviamente a gente, nossa vida cotidiana não nos permite atualizar o currículo Lattes. Ela participou de, pelo menos, 58 bancas de mestrados e 26 doutorados e orientou pelo menos 42 dissertações e 16 teses. Voltando ao Memorial, a Fúlvia também fala sobre como ela é reconhecida pela comunidade acadêmica: “Sou vista pela comunidade acadêmica como “especialista” em alguns temas: literatura infantil, criança/menor, mulher, creche, negros e técnicas como análise de conteúdo, de dados demográficos, de pesquisa bibliográfica/documental”.

Foi com Fúlvia que eu tive as primeiras aulas sobre revisão da literatura, entendendo não como uma busca do que se produziu sobre, mas uma forma de construção do problema de pesquisa, e isso é o que eu tento inclusive trabalhar com meus alunos hoje na universidade; e entre essas pesquisas bibliográficas que ela produziu, é importante destacar o investimento na produção de estados da arte tão raros hoje em dia. Porque falamos de uma época em que não havia a possibilidade de um Repositório Digital, as pesquisas eram em ficha de biblioteca, você tem um negócio chamado COMUT [Comutação Bibliográfica] diz que era a mágica para quem quer a possibilidade de pedir [um livro] de outra universidade para poder ter acesso.

Ela coordenou junto com outras pesquisadoras uma pesquisa sobre mulher e educação formal no Brasil, esse material é trabalho da década de 1980, que é o estado da arte da bibliografia. Era formado por uma equipe interdisciplinar que envolvia desde psicólogos, mas também bibliote-

cários, sociólogos, antropólogos, porque era pensar esse objeto plural a partir das suas diferentes dimensões, logo era necessário esse trabalho.

Acho importante que possamos resgatar esse material para disponibilizar no repositório, mas também entender, é mais um motivo que justifica essa homenagem. Esse trabalho foi feito em parceria com Edith Piza e Teresa Montenegro. Para termos uma ideia de sua profícua produção, no balanço produzido por Leandro naquele trecho que eu comentei com vocês que ele publicou no Caderno de Pesquisa, ele diz o seguinte: “Desde 1973 quando iniciou sua produção acadêmica em trabalhos publicados em anais de eventos, resumos, artigos completos, livros e capítulos, apresentações, trabalhos técnicos, Fúlvia somou um total de 625 referências. Isso pode ser traduzido em uma média de 15 indicadores de produção por ano, mais de um por mês nos últimos 40 anos. Em paralelo, desde 1987 começaram suas orientações e participações em banca que somaram 167. Uma média de 6 por ano, uma a cada 2 anos, nos últimos 27 anos”.

Em seu Memorial, Fúlvia também faz alusão às consequências não previstas, mas desejáveis na sua experiência como pesquisadora também fora da universidade. Ela diz: “Outra decorrência da liberdade disciplinar é de o pesquisador ser muitas vezes chamado, ou se dispor a trabalhar sobre temas que ainda não se constituem em objeto de conhecimento acadêmico. Esse é um desafio muito grande. Nesses casos, o que se tem diante de si são questões ou problemas que podem se transformar, pelo trabalho do pesquisador, em objeto de conhecimento. Questões e problemas atuais, diretamente saídos da vida concreta, sem abstrações generalizantes. Essa proximidade com o concreto, com o atual permitiu que em minha vida profissional interagisse fortemente com esferas não acadêmicas, com minha vida diária, com o que estava vivendo na esfera privada; com interlocutores muito diversificados.”

Novamente, mais um alerta para pensarmos formas de construir divulgação e de divulgar conhecimentos. Pensando bastante na diversidade dos interlocutores. Para mim, é nítido a vinculação de Fúlvia com fundamentos da pesquisa feminista. Aquela que entende o privado como político e a pesquisa como sempre contingencial abolindo, portanto, qualquer ideia de neutralidade ou de completude. Por isso ela diz: “Na vida privada, a interação se deu nos dois sentidos: trazer para

casa reflexões e descobertas do trabalho e levar para o trabalho, para a reflexão/produção de conhecimentos, observações, emoções e experiências que vivi no privado.

A contemporaneidade das questões com as quais trabalhei também abriu o campo dos interlocutores com os quais interagi no processo de realização da pesquisa ou de produção do conhecimento. Quando se trabalha com questões diretamente vinculadas à vida concreta, vários segmentos sociais se interessam pelo produto de seu conhecimento porque pode informar, alterar, aprofundar ou sistematizar sua prática". Fúlvia jamais seria uma pesquisadora que se orgulharia de uma estante cheia de livros fechados, com pouco acesso, muito pelo contrário. Talvez por isso, inclusive, que a produção acadêmica dela, em formatos acadêmicos clássicos, que seriam as revistas, é menor que a produção que ela tem em capítulos de livros, exposições e palestras. A quantidade e diversidade de palestras, cursos, conferências, assessorias, seminários dos quais participei, no currículo contei, foram 128 pelo menos atividade dessa natureza, como ela diz: " Isso não significa, a meu ver, uma voracidade curricular. "Essa diversidade pode refletir um componente da identidade da pesquisadora, que se construía no momento de mobilização e organização dos movimentos sociais neste país: busca de interação com o público.". Esse aspecto talvez seja algo importante a se considerar na conformação desse repositório que hoje recebe amadrinhamento de Fúlvia Rosemberg. Além de privilegiar produções de Psicologia que dialoguem com outros campos do saber, também é importante garantir uma busca de interação com o público, como diz a Fúlvia, atraindo tanto acadêmicos como profissionais e militantes em geral.

Fúlvia segue falando sobre a busca de interação com o público, comparando a crise da identidade que de fato revela em sua tese sobre militantes de organização de esquerda, após o fracasso da opção pela luta armada. "A busca de uma identidade junto ao povo, as massas desconhecidas, em nome do qual se falava e agia. Não esqueço que pesquisadores, dentro e fora da Universidade, se propuseram, academicamente, a formalizar essa interação e esse convívio: daí a proliferação não pejorativa do emprego de metodologias participativas e o ímpeto, nesse período, da pesquisa participante."

"Fúlvia jamais seria uma pesquisadora que se orgulharia de uma estante cheia de livros fechados, com pouco acesso, muito pelo contrário. Talvez por isso, inclusive, que a produção acadêmica dela, em formatos acadêmicos clássicos, que seriam as revistas, é menor que a produção que ela tem em capítulos de livros, exposições e palestras"

A Fúlvia comenta de sua interlocução com outros atores sociais, entre eles o poder público: "A interação com interlocutores variados incluiu também o diálogo, às vezes intempestivo, por vezes irritante, ou falação entre surdos, com o poder público, concretizado diretamente através de assessorias ou da busca de conhecimentos suscetíveis de serem absorvidos na elaboração e na implantação de políticas públicas." Com isso, ela passa a abordar sua experiência com análise do campo da comunicação, especialmente aquelas voltadas à criança. Esse material está publicado pela Fundação Carlos Chagas. Ela apresenta o caráter inacabado de sua obra do qual acredito ser importante: "Percebo meu trabalho como tendo sido, e sendo, um processo em construção, seguindo um caminho de tipo indutivo, onde as experiências novas procuram ser integradas às anteriores ou abrir novos espaços. A diversidade de experiências, de caminhos é vivificante, mas também geradora de inseguranças. Porque tenho a sensação constante de um conhecimento por vir, de uma sistematização ainda em processo."

Dialoga muito com a noção de memória trabalhada na perspectiva da história de alguns autores que gosto muito, e que falam da memória como algo vivo, como algo em transformação. À medida que é chegado o final da leitura do Memorial, pude recordar dos sabores da intensidade e da paixão com que Fúlvia fez de sua trajetória profissional uma ação política. Não só ensinou conteúdos, mas, sobretudo nos inquietou a construir caminhos e nos comprometer em nos responsabilizar por eles,

sem nunca pensar em concluir.

Para finalizar, sem concluir, eu recupero aqui nossa última conversa via e-mail entre os dias 18 e 19 de agosto de 2014, quando meu companheiro Jorge enviou para ela uma mensagem com cópia para mim que dizia o seguinte: “Querida vamos nos ver em São Paulo? Eu e Benedito vamos a São Paulo para duas bancas na PUC, mas ficaremos o fim de semana, sábado e domingo, daí queria muito te ver. Benedito ainda está em Barcelona no pós doc e volta agora 31 de agosto, vamos seguir conversando e planejando, Ok. Beijjos sempre saudosos, Jorge.” No dia seguinte pela manhã Fúlvia respondeu: “Ducha morna, estou hospitalizada com câncer, Uau!!! Era muito Fúlvia isso. Vamos ver como estarei em setembro. Beijjos conversamos com calma, Fúlvia.” Na sequência Jorge escreveu: “Minha flor com essa notícia nos vemos com certeza onde você estiver. Já estou rezando por ti. Estou fazendo tratamento espiritual em Hospital Espírita que se chama Quinta da Luz e vou pedir luz e proteção para ti para todos que estão a sua volta. Beijjos enormes, Jorge.”

No final daquela manhã eu respondi: “Como assim? Para tudo! Não consegui nem responder à mensagem quando recebi. Fui caminhar um pouco pelas ruas para refrescar as ideias, refrescar entre aspas... em pleno escaldante verão espanhol. Eu ainda estou impactado com a notícia. Certamente você saberá como lidar com essa situação. Mas queria te dizer que estou contigo em boas energias. Não sei bem o que significa essas tais boas energias. Mas o que vale é o desejo te ver bem. Vamos combinar de nos ver seja onde for. Beijo Benedito.” Fúlvia respondeu oito minutos depois: “Que guapo! [Que bonito!] Estou muito bem nos limites possíveis, inventei o hospital office, conhece? Quem estava próximo de Fúlvia na época sabe que ela trabalhou em vários lugares, inclusive no hospital durante o processo de tratamento. Aceito energias de onde vierem, sem saber do que se trata. Hoje vou para a sessão de radioterapia em viagem intergaláctica com duas safadinhas. O hospital dá chance para incríveis viagens. Beijjos carinhosos, Fúlvia.” E eu respondi imediatamente: “Grato pelo “el guapo”, realmente ficar longe de nós mesmos no hospital ou em uma viagem que tu tá fazendo nos põe para pensar muito sobre escolhas, sobre sabores. Aproveita bastante, como diz uma amiga cardiologista, as doenças são as possibilidades que a vida nos dá de aprender. bobo é quem perde tempo se lamentando. Olha, para finalizar os efeitos, para minimizar os efeitos da radio, o povo recomenda suco de la-

ranja com cenoura e beterraba. Isso era o que minha mãe consumia durante o período que ela também teve câncer e que também finalizou com a vida dela. Se for servida numa taça legal e não naqueles copos descartáveis fica uma delícia, eu adoro. Beijo Bene.” Fúlvia então escreve sua última mensagem que eu guardo com carinho: “Obrigada, vou tentar o suco. Beijjos, Fúlvia”.

Fúlvia partiu menos de um mês depois, no dia 12 de setembro de 2014. Em uma mensagem que eu escrevi no dia 4, e ficou sem resposta: “Oi Fúlvia é terrível mandar mensagens do tipo, como estão às coisas? [Pausa devido à emoção da exposição]. Sempre dá a sensação de que, para quem pergunta é sempre mais agradável, confortável, econômico do que para quem responde. Mas ficamos satisfeitos com a resposta curta. Beijjos, Benedito e Jorge.” Essa mensagem nunca foi respondida, mas a falta de uma resposta talvez seja uma forma de permitir que nossa história também não seja concluída. Obrigado

“a falta de uma resposta talvez seja uma forma de permitir que nossa história também não seja concluída”

Debates

Antônia Rosemberg – neta de Fúlvia Rosemberg

Eu sempre sinto muita saudade da minha avó e eu sei que a mamãe também sente, o Benedito também sente, o Rodrigo também sente, o Jorge também sente, o meu pai também sente, o vovô também sente, meu primo também sente, meu tio também sente. Queria contar para vocês uma história que a vovó sempre fazia quando eu e o Jorge íamos para a casa dela. Eu e o Jorge quando estávamos jantando, ela ia para o quarto dela e pegava uma peruca, pegava várias maquiagens e passava no rosto dela e fingia que ela era um palhaço, daí ela ficava brincando comigo e com Jorge, fingindo que era um palhaço e nós ríamos muito. Eu sempre a admirei fazendo isso.

Bruna Borba - colaboradora do GT História e Memória

Muito emocionada também com estes relatos todos, acho que está todo mundo bastante afetado. Eu acompanhei bastante a votação em homenagem e quando a Fúlvia foi escolhida, fiquei muito feliz. Tive a oportunidade de ser orientada por ela na graduação, ainda lá na PUC, por um breve período. E foi superimportante, ela trouxe para mim algo que ficou na minha vida e caminhou comigo pelos caminhos que eu escolhi: a clareza da importância que o compromisso social deve ter no campo das pesquisas. E me trouxe isso na graduação, e foi algo que guiou muitos caminhos que venho traçando desde então. Eu só queria deixar registrado aqui o carinho admiração e agradecer por esse momento tão bonito.

Rodrigo Toledo

Uma coisa importante que você disse Benedito, sobre se você era a melhor pessoa, falando sobre o afeto da história com afeto. Eu vou dizer, e espero que essa minha fala faça sentido para os meus companheiros que estão aqui hoje. Acho que não só para eles como para todos nós, na verdade. A gente tem vivido tempos muito difíceis. Os tempos têm sido muito difíceis, em vários sentidos, em especial, o processo da gestão. E o que tem faltado é o afeto, as experiências de afeto. Quero dizer que estar aqui hoje, estar aqui com vocês todas e trazendo estas experiências muito afetadas, com muita emoção, nos dá alento. Nos dá força para seguirmos nas lutas que temos vivido. Hoje é importante, é um momento dentro do processo de

gestão do Conselho que chamamos de encontro de Sede e Subsedes. Tem muitos colegas que vieram do interior de São Paulo para uma atividade de encontro que acontece aqui. E quando nós, do GT História e Memória escolhemos este dia, também tinha a ver com o lançamento, com a importância de fazermos o lançamento, mas também para que pudéssemos compartilhar essas experiências de afeto e o quanto isso para nós é bastante importante. Com certeza vai nos dar mais força para continuar lutando por aquilo que acreditamos, pelas superações de todas as experiências e desigualdades que temos vivido em todos os sentidos.

Mônica Leopardi Azevedo – ex-colaboradora do GT História e Memória da Psicologia

Muito tocante e muito bonita a homenagem que vocês fizeram. Fui aluna da Fúlvia. Não lembro se foi no mestrado ou doutorado, mas um dia ela convidou a turma para ir à casa dela, e eu gosto, sempre gostei de cozinhar e ela me passou uma receita que está no meu caderno de receitas até hoje, que é "*terrine de poulet*" que ela aprendeu a fazer na França. E eu faço às vezes, e conto que foi uma professora que me ensinou, tenho essa memória afetiva.

Em relação a ela, fazendo um link depois com o repositório digital e tudo que vocês trouxeram, das características que a Fúlvia deixou registrada. Essa "coisa" da inquietação, da transgressão e de sempre seguir em frente. Eu vivi um pouco da instalação do CEDOC e o Marcos tem um pouco disso. Existia um sistema, um programa, que vários bibliotecários passaram antes aqui no CRP SP e insistiam que deveria ser mantido e o Marcos disse "não, vamos procurar uma coisa melhor". Então, acho que tem essa marca, gostaria de frisar isso também. Porque o que ficou do Marcos é essa característica que eu acho que tem que ser mantida e ser levada adiante.

Benedito Medrado-Dantas

Só queria reafirmar um pouco algumas coisas que eu coloquei, Fúlvia era muito avessa a este tipo de evento. Eu tenho muita dificuldade de chorar em público, e o que aconteceu aqui é muito diferente do que geralmente acontece em outros contextos. Eu acho que o compromisso de vocês em homenagear a Fúlvia com esse repositório é um compromisso muito além de uma imagem e de um nome. É um compromisso com o modo de

produzir um conhecimento que era extremamente rigoroso do ponto de vista técnico, especialmente ela sempre fez uma diferenciação muito grande, que incomodava muitas pessoas, entre militância e produção acadêmica. Ela dizia: "Produção acadêmica deve ter horizonte político, não pode ter um meio. Um método tem que respeitar determinadas orientações, determinados acordos feitos a partir da comunidade científica. Não posso simplesmente inventar modo de fazer e ignorar a história que os construiu". A apresentação que vocês fizeram foi muito boa porque mostra esse cuidado desde o pensar numa base que tecnicamente é sólida, porque permanece durante um tempo que corre o risco exatamente do esquecimento digital, que é quando se busca o link e não aparece mais. Acho muito importante isso, tecnicamente, como acho importante também e reconheço logo na composição daquelas comunidades quando vocês colocaram, que direitos humanos tem um lugar muito especial, a maioria está naquela categoria. Eu não sei se gênero, raça, idade, não deveria ter um destaque maior pensando na composição. Na verdade, desde quando vocês definiram as cinco pessoas que se candidatariam, vocês já fizeram a partir de uma posição de reconhecer a invisibilidade de muitas mulheres quando se fala de história, de reconhecimento. Então já é alguma coisa presente, não só nas produções da Fúlvia, mas também na forma de classificação. Eu sei que ainda o volume é pequeno, ainda dá para fazer ajustes deste tipo, por isso que eu estou sugerindo, mas acho que isso é para além dos afetos que nos conectam a Fúlvia, uma forma de afeto, pensar também o cuidado com a produção científica e a produção científica não é aquela que produz a verdade, ela produz a dúvida. Se conseguimos encontrar diálogos, interlocução a partir desse repositório para alimentar e qualificar essas dúvidas. Ela tinha pavor de perguntas que não estavam muito bem fundamentadas. Para mim, é uma coisa importante que eu aprendi na vida. Jamais Fúlvia aprovaria que é simplesmente um nome em uma imagem. É pensar de fato que esse repositório possa de algum modo prolongar, é assim que nos tornamos imortais, não é na memória de quem ou do que fizemos, mas nos efeitos que produzimos, da forma como nos colocamos no mundo.

Rodrigo Toledo

É importante lembrar algo que a Luciana já trouxe na fala inicial. A importância do repositório digital. É uma importante ferramenta de gestão. Entendemos que com esta ferramenta vamos ga-

rantir a democratização e com todo rigor e afeto, como disse Benedito. Compreendemos que é necessário todos nós assumirmos a responsabilidade de ter um repositório denominado Fúlvia Rosenberg. Também quero informar que teremos os Fóruns sobre a História e Memória da Psicologia, cada um deles homenageando as seguintes pioneiras da Psicologia: Ecléa Bosi, Maria Nilde Mascellani, Lara Lavelberg e Virginia Bicudo. Novamente agradeço as membras do GT História e Memória, a Júlia, ao Benedito, a Antônia, a todas e todos presentes.

"Produção acadêmica deve ter horizonte político, não pode ter um meio. Um método tem que respeitar determinadas orientações, determinados acordos feitos a partir da comunidade científica. Não posso simplesmente inventar modo de fazer e ignorar a história que os construiu"

Fórum sobre a História e Memória da Psicologia: Psicologia e Constituição de campos de atuação – Homenagem à Ecléa Bosi

Rafael Rosa Plastino

Representante do Núcleo de Políticas Públicas – São José do Rio Preto inicia afirmando que “o Fórum História e Memória da Psicologia é muito importante neste momento que nós vivemos. Esse resgate e registro da história sempre é importante e neste momento é mais importante ainda.”

Maristela de Souza Pereira

Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo, com período sanduíche na Università degli Studi di Torino - Itália. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia e Mestre em Psicologia pela mesma instituição. Docente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

Gostaria de agradecer ao Conselho Regional de Psicologia de São Paulo pelo convite, é uma honra estar aqui no evento em homenagem à professora Ecléa Bosi. Não sou muito estudiosa da obra da professora Ecléa, mas eu tive o privilégio de ser aluna dela no Doutorado. Selecionei um pouco do que foram as inspirações, o que pude aprender com ela e de como estas interações têm influenciado minhas práticas de investigação e de intervenção.

O título da minha fala é: “Contribuições da Psicologia Social para pesquisa em saúde do trabalhador.” Atuo no campo da saúde do trabalhador e sou professora de Psicologia Social na Universidade Federal de Uberlândia. Estou lisonjeada por ter sido íntima da professora Ecléa Bosi e poder hoje narrar um pouco esse aprendizado, e como ele me inspira na vida profissional. Trouxe algumas falas da professora que podem ser encontradas em suas obras que ilustram a minha pesquisa de doutorado intitulada “As concepções sobre saúde do trabalhador, as práticas profissionais e o contexto de atuação de psicólogos organizacionais”⁹.

Realizei este doutorado na Universidade de São Paulo (USP) sob a orientação da professora

Leny Sato quando tive a oportunidade de estudar com a professora Ecléa. Eu sigo a estrutura de investigação, os pressupostos que guiam a pesquisa, as estratégias metodológicas, os aspectos éticos e os resultados. Ilustro os aspectos de minha prática investigativa e de intervenção. A professora Ecléa diz: “A história que estudamos na escola não aborda aspectos do cotidiano, os comportamentos que são fundamentais para a Psicologia Social.” São importantes para a história os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores, enfim, essa camada de população excluída da história.

“A professora Ecléa diz: “A história que estudamos na escola não aborda aspectos do cotidiano, os comportamentos que são fundamentais para a Psicologia Social ”

Walter Benjamin, filósofo também citado nos trabalhos da professora Ecléa, diz: “a história

⁹ A tese pode ser encontrada em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-03062015-162321/pt-br.php>

é sempre contada na perspectiva do vencedor, então a história jamais é contada da perspectiva das minorias.” Não será contada a partir da perspectiva dos trabalhadores manuais, que a professora tanto estudou, como Simone Weil pensadora e trabalhadora francesa que conheci por intermédio da professora Ecléa Bosi, assim, como os velhos, mulheres e negros que tiveram destaque em sua obra. Camadas e segmentos da população que são oprimidos, excluídos, não aparecem muitas vezes na versão oficial da história.

“a história é sempre contada na perspectiva do vencedor, então a história jamais é contada da perspectiva das minorias”

De acordo com o guia da/o psicóloga/o, uma das exigências na nossa atuação profissional é que nós possamos trabalhar para reduzir a desigualdade social, para dar voz aos oprimidos. Essa é a marca do aprendizado da professora Ecléa que trago nas minhas investigações. Sou uma investigadora no campo da saúde do trabalhador, a partir da perspectiva dos trabalhadores e das trabalhadoras. Tradicionalmente, algumas das contradições da Psicologia, tão hegemônicas, são: pautar o seu olhar e a sua atuação, não sob o ponto de vista dos trabalhadores, mas sob o ponto de vista da produção. Áreas da Psicologia, como a Psicologia Organizacional, têm atuado em prol de interesses do capital, em prol de interesses da organização que é o aumento da exploração. Na verdade, me coloco numa perspectiva antagônica a ela.

“uma das exigências na nossa atuação profissional é que nós possamos trabalhar para reduzir a desigualdade social, para dar voz aos oprimidos”

Todas as investigações que faço, vão sempre partir do olhar da experiência, da subjetividade dos trabalhadores e das trabalhadoras, considerando os aspectos da organização do trabalho que incidem negativamente sobre estes e que promovem adoecimento. Nesse sentido eu me alio com a perspectiva do movimento operário italiano, de

compreender que trabalhadores e trabalhadoras são sujeitos ativos, são protagonistas na construção da realidade social e na transformação desta mesma realidade.

“trabalhadores e trabalhadoras são sujeitos ativos, são protagonistas na construção da realidade social e na transformação desta mesma realidade”

A professora Ecléa costumava dizer que desde o passo inicial, encaminhamos uma simples questão que depois vai se traduzir em uma pergunta de pesquisa, depois em um objetivo de pesquisa e se revela a filosofia que vai subjazer o trabalho. Em outras palavras, ela coloca a impossibilidade da neutralidade no nosso fazer seja profissional, seja científico e investigativo. Porque dependendo da forma que é colocada a questão, já está colocada toda a perspectiva política a essa investigação. Dessa forma temos a impossibilidade de separarmos ciência e política.

Um exemplo que eu costumo dar nas minhas aulas é que se eu faço uma pesquisa, exemplo: “Quero investigar quais são os aspectos que promovem a satisfação do trabalhador”. Essa satisfação como se converte em produtividade, tem uma perspectiva política nitidamente colocada, ou seja, uma perspectiva que interessa à organização que está empregando estes trabalhadores. Ao contrário se eu faço uma pergunta: “Quais os elementos da forma como aquele trabalho é estruturado dentro daquela organização impacta negativamente a saúde do trabalhador, como ele pode tomar consciência?”, para entender esses processos e poder se posicionar ativamente no sentido de transformar as condições adoecedoras do trabalho torna uma perspectiva política completamente diferente.

Há perspectivas que vão trabalhar na ideia da suposta neutralidade da/o psicóloga/o e entendendo que não assumir uma perspectiva política, não faz que ela deixe de existir; ela simplesmente não é assumida. A compreensão do método para professora Ecléa está sempre vinculada a uma orientação teórica. De vez em quando fazemos uma divisão um pouco arbitrária nas nossas investigações, como se a teoria fosse uma coisa e método fosse outra; as duas estão indissociavelmente ligadas.

O trabalho é desenvolvido a partir da pesquisa etnográfica e a etnografia, ao contrário do que as pessoas às vezes pensam, não é um método apenas, não é só um jeito de estar no campo para fazer a investigação. A etnografia comporta todo o corpus teórico, todo aparato conceitual sem o qual é impossível fazermos uma adequada utilização do método. Uma preocupação que eu tenho, é exatamente por que nós da Psicologia, principalmente da Psicologia Social (que é um campo de fronteira com outras áreas do conhecimento), não lançamos mão de estratégias metodológicas que são originárias de outras áreas do conhecimento, como a própria etnografia. Na utilização, buscamos apenas aspectos técnicos do método, a técnica esquecendo o suporte conceitual, e pode ser que cometamos equívocos.

“Uma preocupação que eu tenho, é exatamente por que nós da Psicologia, principalmente da Psicologia Social (que é um campo de fronteira com outras áreas do conhecimento), não lançamos mão de estratégias metodológicas que são originárias de outras áreas do conhecimento, como a própria etnografia”

Outro exemplo, também bastante utilizado na Psicologia é a Análise do Discurso que às vezes está incorporada nas investigações da Psicologia apenas enquanto método de análise dos dados, mas também contém um aparato conceitual sem o qual é impossível pensar a questão do método.

Outro aspecto ligado ao método que a Ecléa coloca está nas técnicas de investigação de pesquisa. Essas devem ser adequadas ao objeto, de modo que uma técnica de pesquisa só vai ser escolhida a partir do objeto. A técnica percorre naturalmente o objeto, por vezes, quando um aluno nos diz que gostaria de fazer uma pesquisa com etnografia, primeiro é preciso saber o que você quer pesquisar para saber se a etnografia é uma estratégia adequada. O método sempre será definido a partir do nosso objeto de investigação.

Outra questão posta pela professora é:

questionário fechado ou exploração aberta? O que será que utilizamos numa investigação, um questionário já estruturado ou uma entrevista aberta? Na verdade, depende do nosso objeto de investigação e de pesquisa. Em uma pesquisa etnográfica, por exemplo, um questionário não faz sentido.

A perspectiva de pesquisa da professora Ecléa, a pesquisa biográfica, busca colher depoimento de memorialistas, e um questionário não seria o melhor instrumento, pois quando o pesquisador define as questões que vão compor o questionário, necessariamente as respostas dos sujeitos participantes serão moldadas pela subjetividade do investigador. O que estará em questão naquele momento, será a visão de mundo do pesquisador que se envolveu com o instrumento e não a visão de mundo do entrevistado.

Outra técnica importante é a utilização do diário de campo. O diário de campo como uma ferramenta na qual registramos as nossas dúvidas e dificuldades. Na minha pesquisa de doutorado o objetivo era identificar as compreensões que as psicólogas/os organizacionais tinham a respeito do adoecimento pelo trabalho e, a partir destas compreensões, conhecer algum tipo de prática voltada para esta questão da saúde do trabalhador. A estratégia metodológica que eu escolhi naquele momento foi trabalhar com grupos de discussão sobre as práticas profissionais. Sou professora efetiva da Universidade de Uberlândia há 11 anos e a cada trimestre, no mínimo duas vezes, era procurada por ex-alunos me dizendo que não pensavam atuar na área organizacional ou que estavam trabalhando como psicóloga/o organizacional e estavam em desespero, sem saber o que fazer. Sempre trazendo questões específicas para vida profissional.

Então, eu me vi impossibilitada de ajudá-los porque sou professora de dedicação exclusiva da universidade, não posso prestar consultoria, por exemplo, para outras atividades, não podia atendê-los. Por outro lado, eu também não podia colocar um tipo de orientação para eles dentro do meu trabalho, já que eles não estavam mais vinculados à universidade. Assim, quando eu começo a fazer os grupos, há um combinado com os participantes que fossem gravados os encontros, mas só a gravação ainda era pouco. Registrava manuscrito no meu diário de campo o que tinha me afetado no grupo, os questionamentos, mas muitas vezes eu não tinha uma compreensão elaborada porque esses elementos eu não teria como acessar.

Continuo o trabalho com grupos formados por trabalhadores e trabalhadoras adoecidos pelo

trabalho. Os encontros aconteciam no Serviço-Escola de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e a cada encontro realizava um registro no diário de campo. O Diário de Campo é importante, não apenas pelos exemplos ou pela cronologia dos registros, mas o que suscitou para tecer as elaborações e tem sido um aprendizado importante e fundamental para a minha atuação profissional.

“O Diário de Campo é importante não apenas pelos exemplos ou pela cronologia dos registros, mas o que suscitou para tecer as elaborações e tem sido um aprendizado importante e fundamental para a minha atuação profissional”

Ecléa Bosi também orienta que as nossas falhas devem ser explicitadas principalmente na pesquisa, pois, quando vemos o resultado de uma pesquisa publicada na forma de um artigo ou numa apresentação como essa, são ocultados os problemas e não aparecem os defeitos. Na prática sabemos que não é assim, podemos contar os equívocos que cometemos, os enganos que ocorreram durante o processo de investigação, o que será útil para os pesquisadores que virão depois de nós.

Dessa forma, segui os conselhos da professora e busquei contá-los a partir das dificuldades que tive durante a pesquisa, exatamente neste espírito de poder compartilhar com os pesquisadores para evitar que eles possam cometer os mesmos equívocos. Quando convidei as pessoas para participarem do primeiro encontro de psicólogas e psicólogos organizacionais, a minha ideia era discutir a prática de atuação destas/destes psicólogas e psicólogos. O convite foi para um grupo de discussão da prática e, se os participantes deste grupo se sentissem confortáveis e concordassem, as discussões poderiam ser utilizadas na minha investigação de doutorado.

Caso eles não quisessem que as discussões se tornassem material de pesquisa eu continuaria a realizar o grupo. Como eu gostaria de investigar as questões sobre a saúde do trabalhador e como elas apareciam no trabalho dos psicólogos organizacionais, eu não queria fazer essa pergunta de

imediate, e sim verificar se apareceriam espontaneamente na saúde do trabalhador destes psicólogos.

No primeiro encontro apresentei a proposta de trabalho do grupo e os participantes contaram um pouco sobre o que os levou até lá, quais as expectativas que tinham, e por fim era perguntado sobre o que consideravam uma atividade pertinente ao trabalho do psicólogo organizacional e qual tipo de atuação o psicólogo dentro das organizações poderia se dedicar. Não houve nenhuma menção sobre a questão de saúde no trabalho. Quando tivemos o primeiro encontro perguntei o que eles gostariam para o encontro seguinte, combinamos datas, horários e sequência do grupo. Os temas seriam decididos de acordo com o interesse dos participantes. Então uma das participantes questionou se poderíamos falar sobre saúde do trabalhador. Levei um susto porque eu não havia falado sobre isso em momento algum. Qual foi o equívoco que havia cometido? Conto isso na tese.

Entreguei um termo de consentimento esclarecido, que é uma exigência do comitê de ética e pesquisa, era necessário constar o objetivo da pesquisa. Assinaram o termo de consentimento e qual era o objetivo do meu trabalho. Na verdade, eu poderia ter dito que o objetivo era discutir as práticas, como de fato era, porém eu tinha escrito especificamente a questão de saúde no trabalho. Foi um equívoco, entre outros que conto na tese, que dão a dimensão de compartilhar não só os acertos, mas também os erros.

Do ponto de vista da ética, a professora Ecléa nos diz que a entrevista ideal é aquela que permite formação de laços de amizade, tendo sempre na lembrança que a relação entre o sujeito pesquisador e sujeito pesquisado jamais deveria ser uma relação efêmera. Envolve responsabilidade pelo outro e deve durar tanto quanto dura uma amizade; um dos aprendizados mais significativos que tive, porque ele permite estar atenta às necessidades dos sujeitos que participam das minhas investigações.

Como eu expliquei anteriormente, quando eu ofereço espaço ao grupo é um oferecimento real e legítimo para que aquele espaço seja utilizado pelos participantes conforme queiram. Somente em segundo plano estará a possibilidade daquele material, seja material de pesquisa e investigação. Necessário estar o tempo todo, não só no nosso fazer profissional, mas também no nosso fazer investigativo, nas nossas pesquisas no campo da Psicologia.

Outro aspecto que a professora coloca é

que não temos o direito de tratar um memorialista, serve para qualquer sujeito participante da nossa pesquisa, como se ele estivesse no banco dos réus. Nós temos de ser muito cuidadosos, porque principalmente na área da Psicologia, por vezes fazemos julgamento do outro. É a formação da leitura de mundo que o outro possui, e temos que ser muito cuidadosos.

“a professora Ecléa nos diz que a entrevista ideal é aquela que permite formação de laços de amizade, tendo sempre na lembrança que a relação entre o sujeito pesquisador e sujeito pesquisado jamais deveria ser uma relação efêmera. Envolve responsabilidade pelo outro e deve durar tanto quanto dura uma amizade; um dos aprendizados mais significativos que tive”

Ouvi colocações que me surpreenderam, como por exemplo, uma das psicólogas que trabalhavam aqui no Brasil, trabalhava em um frigorífico. Abro um parêntese para dizer para quem não conhece a realidade do trabalho de um frigorífico, deixo uma sugestão para assistir o documentário *“Carne e Osso”*¹⁰, está disponível no YouTube. Um documentário de 50 minutos que é um retrato exato da realidade de trabalho terrível no qual os trabalhadores não têm nenhum controle no processo de trabalho, pois ela/ele está em uma esteira que passam as peças e eles têm de trabalhar. O documentário traz o exemplo, que para desossar uma coxa e sobrecoxa de frango são 18 movimentos que o trabalhador tem de fazer, ou seja, em um minuto, o trabalhador desossa em média sete coxas de frangos. Pensando que são 18 movimentos multiplicados por sete, a quantidade de movimentos que ele faz a cada minuto é assombrosa. Multiplicando um minuto por 60 minutos, pela quantidade de horas, depois por oito horas da jornada de trabalho e teremos uma ideia.

10 O documentário pode ser encontrado em : <https://youtube/887vSql35i8>, Direção: Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros (2011)

Enfim, estava entrevistando essa psicóloga que trabalha no frigorífico e no momento em que começou a entrevista, eles estavam com quinze por cento do quadro de trabalhadores afastados. Pensei, eram aproximadamente 800 trabalhadores, só naquela unidade, que não trabalhavam. Um número altíssimo que me chocou. Então perguntei a ela, se isso não traz algum problema para eles, pensando do ponto de vista legal, em uma fiscalização pelo Ministério do Trabalho, Ministério Público, e ela respondeu que o problema seria no ritmo da produção, ela sim seria afetada, pois teriam que contratar mais pessoas para trabalhar.

À medida que a conversa evolui ela fala que eles tinham altos índices de *“turnover”*, termo esse que se refere a uma alta rotatividade no trabalho. Fácil de imaginar, pois num trabalho terrível deste, logicamente as pessoas não vão permanecer. Interpretei como uma oportunidade para entender qual era o ponto de vista da psicóloga sobre aquilo. Então, quando perguntei o que ela pensava sobre as motivações do turnover ser tão alto, a resposta foi pelo fato de as mulheres não poderem usar brinco, nem maquiagem e os homens terem de fazer a barba todos os dias. Quando eu ouço esta resposta, fiquei me perguntado se ela realmente acreditava naquilo que estava falando, e voltei para casa com aquela pergunta. Esse caso específico, não aparece na minha tese, porque eu não queria expor de alguma forma a visão de uma pessoa.

“porque algo que temos que entender é que tudo que dizemos nunca será produção apenas individual nossa. É fruto das circunstâncias nas quais somos formados”

A partir dessa premissa que a professora Ecléa coloca de que eu não posso julgar o que aquela psicóloga ou qualquer psicóloga, qualquer sujeito participante das minhas investigações coloca, porque algo que temos que entender é que tudo que dizemos nunca será produção apenas individual nossa. É fruto das circunstâncias nas quais somos formados. Os psicólogos organizacionais eram meu objeto de estudo naquele momento e poderia ser qualquer outra categoria dentro da Psicologia. Uma compreensão de mundo que vai sendo construída nas nossas relações sociais a partir das ex-

pectativas de cada um que vão sendo colocadas.

Falo com muita tranquilidade porque eu trabalhei oito anos como psicóloga organizacional depois de me formar em Psicologia. Aquela psicóloga, como qualquer outra psicóloga organizacional, que vai trabalhar na empresa, tem diante de si um conjunto de prescrições que já estão colocadas para aquele cadastro, um mundo de solicitações que são esperadas. Não é simplesmente a pessoa chegar lá com mil ideias. Na Psicologia Social, podemos compreender os comportamentos, práticas e as ações dos sujeitos a partir das perspectivas que são colocadas desde a formação até o ingresso no mercado de trabalho.

Outro aspecto que a professora Ecléa aconselha é que o depoimento sempre tem de ser devolvido ao seu autor. Qualquer publicação, qualquer resultado de pesquisa, qualquer relatório de pesquisa sempre será apresentado primeiro ao sujeito que participou da pesquisa. Ele tem o poder de veto, de dizer que não concorda ou de dizer que não é bem assim do jeito que você pensou. Do contrário seria autoritária e arbitrária, enquanto investigadora, conversar com a pessoa e depois produzir o que eu acho que implica naquilo que a pessoa disse, sem consultá-la, para saber o que realmente é pertinente.

“o depoimento sempre tem de ser devolvido ao seu autor. Qualquer publicação, qualquer resultado de pesquisa, qualquer relatório de pesquisa sempre será apresentado primeiro ao sujeito que participou da pesquisa. Ele tem o poder de veto”

Assim, após onze encontros, marquei mais um para fazer a devolutiva ao grupo, sobre os achados da minha pesquisa, era o momento de discutir com eles o que pensavam. A professora Ecléa chama a atenção com o exemplo específico, que às vezes o sujeito que vivia em uma mesma época histórica tem experiências bastante distintas, inclusive aos fatos históricos que aconteceram. Cita como exemplo, fazer uma entrevista com um militante que manifestava-se publicamente contra a ditadura militar de 1964 e de uma pessoa

que vive cotidianamente sua vida para sobreviver. Possivelmente, terão ideias e experiências diferentes sobre o mesmo período.

Na minha pesquisa ficou válido da seguinte forma, em um determinado momento em que estava com os grupos, nas entrevistas com os psicólogos eu tive a necessidade de ouvir o outro lado, ouvir os trabalhadores adoecidos e quais eram as compreensões e percepções que eles tinham da atuação dos psicólogos dentro da empresa após o adoecimento deles. Comecei simultaneamente a fazer grupos de escuta, eram grupos no Centro de Referência de Saúde do Trabalhador na cidade de Uberlândia, e depois um grupo de escuta e acolhimento dos trabalhadores que tiveram interesse em relação ao que acontecia no Serviço-Escola de Psicologia da UFU; os relatos foram completamente diferentes.

Os relatos das/os psicólogas/os organizacionais não eram iguais aos dos trabalhadores que vivenciavam e que de alguma forma adoeceram pelo trabalho. A professora Ecléa diz que a memória oral, para a qual há uma lateralidade em certas instituições faz entender pontos de vistas contraditórios ou pelo menos distintos entre eles e aí se encontra a sua maior riqueza. Um aspecto fundamental da minha pesquisa foi poder alimentar as informações do grupo de psicólogas/os, a partir do que eu ouvia do grupo de trabalhadores. As/os psicólogas/os que participavam do grupo se surpreendiam, se sensibilizavam, se afetavam de alguma forma com as informações trazidas do outro grupo. Eram informações que realmente não passavam em momento algum pelo horizonte de possibilidades com experiência profissional.

Para finalizar, a professora Ecléa diz que a memória é um trabalho sobre o tempo, sobre um tempo vivido colocado pela cultura e pelo indivíduo. Como professora de Psicologia Social, acredito que esta seja uma das maiores verdades. Nada do que se diz da dimensão humana será estritamente individual, porque nós somos seres de vivência, de cultura, de experiência com outras pessoas, no tempo e no momento histórico que nos foi dado. É um elemento fundamental para pensarmos na nossa prática. Não só na prática de pesquisa, mas também na prática de investigação. Trago aqui algumas referências da obra da professora Ecléa, como o livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1979). Acho que é uma obra necessária e fundamental para todas as psicólogas e psicólogos.

“a professora Ecléa diz que a memória é um trabalho sobre o tempo, sobre um tempo vivido colocado pela cultura e pelo indivíduo”

Historiadora, graduada pela Universidade Estadual de Londrina-UEL. Psicóloga, graduada pela Universidade Paulista-UNIP, São José do Rio Preto. Formanda em Psicodrama nível I pelo Instituto Riopretense de Psicodrama-IRP. Atua nas seguintes áreas: Psicologia Clínica e Orientadora Profissional.

Compartilho com vocês um pouco do conhecimento que eu tenho sobre a Ecléa Bosi e sobre a Psicologia Social. Vemos pouco sobre Psicologia Social na faculdade, até tem uma disciplina para alguns. Talvez quando estamos atuando, tenhamos a possibilidade de fazer um estágio ou outro, mas hoje podemos ver a aplicabilidade desta Psicologia acontecendo

Sinto que nós ainda damos pouco valor para os trabalhos realizados pelas/pelos psicólogas/os sociais no Brasil, embora tenhamos um repertório riquíssimo. Fico feliz ao ver psicólogas sociais, mulheres que atuaram na Psicologia a partir da perspectiva da Psicologia Social. É um prazer estar aqui e agradeço o convite. Um prazer falar sobre o que eu sei da Ecléa, acho que a referência está aqui. Alguém que a estudou, que a conheceu. Quando vemos relatos de ex-estudantes sobre a Ecléa, vemos relatos emocionadíssimos dizendo assim: “Eu não poderia ter passado por esta vida de maneira tão grata, com tanta satisfação, se não tivesse conhecido a Ecléa, se não tivesse tido aula, trabalhado com ela.” Vemos desde pessoas que militaram com ela nas décadas de 1960 e 1970, como a Marilena Chauí, grande filósofa conhecida pela maioria de vocês, até estudantes de graduação, pós-graduação.

“Eu não poderia ter passado por esta vida de maneira tão grata, com tanta satisfação, se não tivesse conhecido a Ecléa, se não tivesse tido aula, trabalhado com ela”

Um documentário muito interessante que fizeram em homenagem à Ecléa está no YouTube¹¹ sobre os idosos da “Universidade Aberta”, ela foi

a grande criadora da “Universidade aberta para os idosos” e já temos mais de 150.000 idosos que passaram pela na Universidade de São Paulo (USP). A grande chave do pensamento da Ecléa, é a troca de experiência entre a juventude e o nosso passado vivo. Não damos valor ao nosso passado vivo, ela fala bastante sobre isso.

Divido minha fala em três eixos, pois caso eu não cumpra vocês podem me cobrar depois. Eixo I – A Psicologia Social; Eixo II – A Psicologia Social da Memória, que é o foco da Ecléa e Eixo III – Ecléa e o seu legado.

A Ecléa trabalhou com a história oral e deu voz às pessoas que historicamente foram silenciadas. Ela não acordou um dia e falou “vou fazer isso!” De onde surgiu? De onde surgiu essa necessidade? Por que os conselhos de necessidade? Nós estamos aqui hoje, nós somos seres de necessidade, devido a uma necessidade individual e social. Eu consigo falar sobre ela sob o ponto de vista da Psicologia Social no Brasil. A Psicologia Social, vem muito antes da década de 1970. Nós pegamos desde a década de 1940 com os marcos americanos chegando aqui porque a Psicologia Social nasce lá, no pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

“No final da década de 1960 e início da década de 1970, há uma crise da Psicologia Social no Brasil; todo momento de crise é o momento de repensar as várias condutas, é o momento do surgimento de novos paradigmas”

O surgimento da Psicologia Social no Brasil é marcadamente influenciado pela produção teórica e metodológica dos Estados Unidos. No final da década de 1960 e início da década de 1970, há

¹¹ Documentário pode ser encontrado em: <https://youtu.be/all-By6bBHwM>

uma crise da Psicologia Social no Brasil; todo momento de crise é o momento de repensar as várias condutas, é o momento do surgimento de novos paradigmas. Thomas Kuhn, que estuda o paradigma na ciência, diz que todo paradigma vem para substituir aquilo que não dá mais conta de responder às necessidades da sociedade. Pega um pouco do velho, propõe o novo e transforma em algo inexistente até então, um movimento dialético. Os historiadores da Psicologia Social falam deste momento de crise, por quê? Pois, devemos olhar para nossa realidade, como ela se encontra; enxergar nossas especificidades, da América Latina, Estados Unidos e Europa.

O Brasil por muito tempo ficou incorporando as teorias produzidas fora do país, e chegou o momento em que se constata que não dá para compreender nossa realidade historicamente explorada e oprimida naquele momento e presente até hoje. Na década de 1970 os/as psicólogos/as sociais aqui no Brasil e na América Latina sentiram a necessidade de “produzir a nossa teoria”. Não é uma mera rejeição ao que vem de fora, mas produzir teorias que deem conta de compreender nossa realidade e, não só compreender, transformá-la também.

“Na década de 1970 os/as psicólogos/as sociais aqui no Brasil e na América Latina sentiram a necessidade de “produzir a nossa teoria”. Não é uma mera rejeição ao que vem de fora, mas produzir teorias que deem conta de compreender nossa realidade e, não só compreender, transformá-la também”

A partir da década de setenta e oitenta surge, por exemplo, a Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) que vai pensar Psicologia Social no Brasil, a ULAPSI (União de Entidades Latino Americanas) também para pensar a Psicologia Social na América Latina e congressos no Peru, no Brasil e na América Central, em que as trocas de conhecimento e produção puderam acontecer.

No Brasil a Sílvia Lane foi responsável por divulgar a Psicologia Social, não só nas universidades, mas também indo até as comunidades e desta forma, trabalhar a Psicologia Comunitária. A própria Ecléa e ela tinham uma afinidade, não sei se uma afinidade pessoal, mas uma afinidade nas trocas de conhecimento e práticas.

*“Quem é o intelectual orgânico?
É aquele que busca entender
para transformar, colocar em
prática a verdadeira práxis”*

Um grande intelectual, e assim, puxando o conceito de Antonio Gramsci, que é um intelectual o qual admiro, fala da intelectualidade orgânica. Quem é o intelectual orgânico? É aquele que busca entender para transformar, colocar em prática a verdadeira práxis, não só ele como o Karl Marx também, que é a práxis revolucionária. Entender para agir e agir entendendo. A Ecléa faz muito isso, tanto que a Universidade Aberta aos Idosos da USP (Programa Universidade Aberta à Terceira Idade/USP) surge apoiada em uma necessidade que ela apontou segundo seu livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1979). Ela entende a visão da cidade de São Paulo baseada na memória dos idosos. Quem ouve os idosos para entender como a cidade de São Paulo se constituiu a partir da década de 1930, 1940, 1950? Ninguém, mas a Ecléa ouviu e ela falava.

“Entender para agir e agir entendendo”

De acordo com o que a Maristela de Souza Pereira disse em sua fala anterior, é desonesto se não devolvermos a pesquisa para os sujeitos da pesquisa. Colho memórias, colho experiências, colho subjetividades, colho vontades e no final eu mostro que poderíamos fazer algo para melhorar a inserção de vocês no mercado de trabalho. Só que eu não faço, porém, faço minha pesquisa, publico o livro. Algo poderia ser feito para a transformação, mas o que eu vou fazer com isso? A Ecléa fala que é uma violência tremenda com o sujeito da pesquisa, se eu percebo quais são as necessidades reais

daquele grupo, há possibilidade de transformação e não faço nada. A partir dessa pesquisa com os velhos que surge a ideia, na década de 1990 de criar a Universidade Aberta.

Ecléa foi estudar as operárias dentro do seu local de trabalho. Como estas operárias tinham a oportunidade de ir ao mundo da fantasia a partir da leitura. Assim sendo, colhia depoimentos das mulheres, o que elas liam, que folhetins elas liam, novelas que elas gostavam e a partir disso, qual era a necessidade da Ecléa? Atuou na Secretaria da Educação e junto com a Marilena Chauí conseguiram criar bibliotecas públicas populares no entorno das fábricas. Essa é a intelectual orgânica, aquela que sente uma demanda, faz uma pesquisa, ouve pessoas, agrega valor ao que está sendo dito. "Não uso questionário, dou voz à sua memória. Deixo a sua memória existir, e a partir da existência de sua memória, eu dou vida a uma possibilidade de futuro que talvez não existisse, se seu passado não fosse escutado" essa é a Ecléa!

"Não uso questionário, dou voz à sua memória. Deixo a sua memória existir, e a partir da existência de sua memória, eu dou vida a uma possibilidade de futuro que talvez não existisse, se seu passado não fosse escutado, essa é a Ecléa!"

Fórum “A contribuição dos pioneiros da Educação na luta por direitos” - Homenagem à Maria Nilde Mascellani

Maria Teresa de Arruda Campos

Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências e Letras Plínio Augusto do Amaral (1981) e em Formação de Psicólogos pela Universidade Metodista de Piracicaba (1979). Defendeu o mestrado na área de concentração Psicologia, Desenvolvimento Humano e Educação e o doutorado na área Ensino e Práticas Culturais, ambos na Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Psicologia Educacional e Social, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, adolescência, cidadania, educação para a paz, sexualidade, psicologia, políticas públicas, memória. Foi professora na Unimep por 12 anos. Trabalhou como coordenadora de programas de arte e cultura para unidades da Fundação CASA. Foi consultora do Ministério da Saúde, Ministério da Justiça e Ministério do Desenvolvimento Social como formadora de coordenadores de grupos e projetos com adolescentes e jovens. Entre 2009 e 2016 exerceu a função de Superintendente no Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, trabalhando principalmente no foco da formulação de políticas públicas da memória da cidade e da história do presente, utilizando a metodologia da história oral, em especial relacionada aos grupos excluídos da história oficial.

O evento tem como base retratar o que foi a experiência de vocacional da escola pública no Estado de São Paulo na década de 1960 e que conseguiu romper algumas questões, alguns problemas e criar outros. O vocacional surgiu entre 1962 e 1968 em São Paulo, Americana, Batatais, Rio Claro, Barretos e São Caetano do Sul. Teve a liderança da Maria Nilde Mascellani, que é a figura que hoje vamos conhecer um pouco mais pelas pesquisas do Juliano e do Daniel Chiozzini para entendermos essa interface. Pensar nessa interface da psicologia com a educação, pois Maria Nilde era uma pedagoga, não era uma psicóloga, mas teve uma contribuição para a Psicologia Educacional, para a Psicologia Escolar e de toda a inovação que ela propôs e que ela conseguiu contaminar os professores, coordenadores, os pais dos alunos. Esse foi o grande mérito, conseguiu mostrar que é possível um sistema de Educação em que as crianças se interessem e gostem de estudar, de estar ali e os professores gostem de trabalhar. Agora vamos ouvir os dois convidados.

Natural de Rio Claro/SP. É Professor e Clérigo da Igreja Anglicana. Mestrando em Educação na Universidade Metodista de Piracicaba. Tem Licenciatura Plena em História pela UNIESP - Faculdade CBTA.

Sou Juliano Godoy, mestrando em História da Educação da UNIMEP – Piracicaba (Universidade Metodista de Piracicaba), orientando do Professor Doutor Cesar Romeiro Amaral Vieira, bolsista CNPq. O professor Daniel Chiozzini foi um dos responsáveis por eu iniciar essa pesquisa no bate-papo cultural em 2014, lá no arquivo, produção da dissertação, tanto do texto de qualificação e defesa. A apresentação do seu livro, de todo seu trabalho no mestrado e doutorado sobre o tema do ginásio vocacional. Sou vizinho do ginásio vocacional, moro no bairro Jardim Primavera, o prédio do vocacional de Rio Claro na escola Raul Fernandes, que hoje está com um terço apenas em funcionamento, o restante está totalmente abandonado e pior que abandonado, deteriorando, as instalações de esportes, laboratório, teatro. A situação que se encontra, do que foi projetado, de toda construção da escola, do prédio, a luta pela construção daquele prédio do ginásio vocacional de Rio Claro, inclusive a professora Maria Nilde esteve três vezes em Rio Claro para reivindicar a construção deste prédio.

O ginásio vocacional passou por três estágios. Primeiramente, se instala no grupo escolar da Vila Operária, atual Escola Monsenhor Martins. Localizada em um bairro quase central da cidade, tradicional, permanece ali dois anos e meio e de uma visita da professora Maria Nilde, procuram na cidade vários prédios em que o vocacional deveria ser instalado. Chegam à conclusão que não poderia mais porque o ginásio vocacional dividia as instalações com grupo escolar e havia conflitos de horário e de metodologia de trabalho. Como é escola, o ginásio vocacional tem tempo integral com sua própria estrutura, o seu próprio currículo e próprio modo de funcionar. Com a vinda da professora Maria Nilde para procurar esse prédio, visitaram vários prédios públicos e particulares até encontrar o local mais adequado para a mudança do ginásio vocacional de Rio Claro. O que marca a sua segunda fase é a transferência para o Horto Municipal no Casarão da Fazendinha. Os alunos do vocacional e os professores tiveram mais espaço físico para suas atividades, para o estudo do meio, para atividades supervisionadas. Todavia a sociedade Rioclarense começou a criticar o motivo de ser tão afastado “por que longe de todo mundo? Meninos e meninas quase dentro do mato, na

floresta, não pegará bem” esse era o sistema da sociedade Rioclarense nos anos 60, e por último, devido a muita articulação, abaixo-assinados, debates na Câmara Municipal de Rio Claro, mobilização da Associação de Pais do ginásio vocacional de Rio Claro, consegue-se a verba para construção do prédio definitivo. O definitivo durou apenas três anos, até a experiência ser silenciada por decreto terminando o ginásio vocacional.

A professora Maria Nilde Mascellani, defendeu do começo ao fim da sua carreira (de 1931 a 1999) a integração entre as escolas e o território na educação inclusiva e participativa do aluno com seu meio cultural e social. As obras de Paulo Freire retratam a questão de educação bancária, do depósito de conteúdo. O aluno não está ali para receber a presença e tem muito a contribuir, a participar. A educação pela experiência, pela participação, onde todos participam e todos se autoconhecem, todos se autoensinam, de modo que tanto o professor tem para ensinar para o aluno, quanto o aluno tem para ensinar ao professor. Essa Educação traz um grande propósito das classes experimentais de Socorro, cidade onde ela foi professora, coordenadora, e depois traz de uma forma muito mais idealizada, com liberdade no Governo do Estado de São Paulo, quando o professor Luciano era secretário da Educação para a instalação do ginásio vocacional.

Os ginásios vocacionais foram uma experiência no estado de São Paulo de curta duração, mas com uma liberdade de trabalho, uma liberdade de educação, na medida em que o órgão do ginásio vocacional, o serviço de ensino vocacional, não tinha que passar pelas diretrizes básicas do sistema do Governo de Estado da Educação. O ginásio vocacional tinha uma liberdade de currículo e de trabalho, projetado pelas professoras Maria Nilde, Áurea Sigrist e por outros teóricos que tinham essa liberdade de trabalhar a educação no contexto que estava inserida, sem seguir o currículo padrão que as outras unidades de ensino do estado de São Paulo seguiam, visando o desenvolvimento de práticas pedagógicas até hoje consideradas inovadoras.

Nos desdobramentos da história e da instituição educativa, temos que considerar todos os fatores que auxiliavam e deram suporte para ter a experiência educativa, os fatores que foram contrários para apreciarmos que aquela experiência era inovadora. As classes experimentais, foram o embrião dos ginásios vocacionais, o projeto educacional diferenciado e dinâmico para estrutura da década de 1950. As instalações no Brasil das classes experimentais se deram particularmente na cidade de Socorro, próxima à Bragança Paulista no Instituto de Educação Narciso Pieroni. Podemos elencar que através das práticas pedagógicas e das organizações das classes experimentais se gerou o ginásio vocacional.

Então, através da experiência da década de 1950, a geração dos ginásios vocacionais que futuramente seriam instalados. Os ginásios vocacionais constituem-se em um modelo de escola pública experimental que vigorou no estado de São Paulo na década de 1960 e foram criadas seis unidades São Paulo, Americana, Batatais, Rio Claro, Barretos e São Caetano do Sul. Para além dessas seis unidades existiam 18 projetos de lei de vários deputados do estado de São Paulo para instalação de ginásios vocacionais em Pindamonhangaba, Pirassununga, São Sebastião, Taubaté, Lorena, Jundiá e mais outros projetos. Depois da crise do ginásio vocacional de 1965, infelizmente a instalação de novos ginásios vocacionais não ocorreu, pois todos esses processos que chegavam para votação, perdiam.

“Mas o que é essa interdisciplinaridade? Na visão vocacional era para além da sala de aula, escrita e leitura, era feito além do corpo docente dos professores e alunos participando e não uma coisa fixa com livros didáticos, materiais pré-determinados”

Inclusive o ginásio vocacional de São Sebastião, foram quatro votos favoráveis e acho que 65 contrários à instalação do ginásio vocacional de São Sebastião nos anais da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. A proposta peda-

gógica dos vocacionais construiu uma educação interdisciplinar. Mas o que é essa interdisciplinaridade? Na visão vocacional era para além da sala de aula, escrita e leitura, era feito além do corpo docente dos professores e alunos participando e não uma coisa fixa com livros didáticos, materiais pré-determinados. Através de pesquisa/análise de jornais, leitura dos jornais, a leitura do cotidiano, fatos, buscar essa interpretação e não só estudar aquele fato, discutir aquele fato era o diferencial. Existia discussão crítica e não uma ideia fechada sobre o tema para além de “uma verdade” o que favorecia o debate.

Em Rio Claro, instalado provisoriamente, o ensino vocacional passou a funcionar em 1963, segundo as fontes dos jornais da cidade “Diário do Rio Claro”, em que foi aprovado desde o decreto na Assembleia Legislativa de São Paulo em 1961. Foram quase dois anos de discussão para que ele fosse instalado, ainda por causa da mobilização da professora Maria Nilde e de outros professores, e dois anos para sua instalação depois de ser aprovado.

A maioria dos educadores que lecionaram ou fizeram parte das gestões administrativas das classes experimentais de Socorro com a professora Maria Nilde trouxeram essa equipe para ajudar a organizar o serviço de ensino vocacional em São Paulo e a instalação das unidades. Existiu um treinamento desses professores; não treinamento para se colocar em forma com uniformidade, mas para discutir as ideias e ver os planos de ensino de acordo com a realidade de cada cidade.

Cada uma delas tinha a sua característica, suas disciplinas práticas e se moldavam nessas características das cidades. São Paulo, por ser a capital, Barretos, Batatais, a questão da pecuária da cidade agrícola, Americana, cidade de tecelões, de empresas têxteis e outros exemplos, assim como, Rio Claro com a Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Portanto, cada cidade em que o ginásio vocacional foi instalado tinha sua particularidade e as suas disciplinas práticas se envolviam nisso. Em Rio Claro, de acordo com a minha pesquisa, uma das disciplinas mais próximas por essa questão da empresa da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF) é a de “práticas comerciais e práticas bancárias,” era uma das disciplinas práticas mais concorridas.

Entendido como uma disciplina prática, ou seja, o estudo do meio em todas as unidades se-

gundo os relatos, eram feitos relatórios apurados antes das visitas e durante as visitas. O que era vivenciado era anotado e o mais importante era o que seria discutido mais tarde em sala de aula, depois da visita. Uma aula prática, de conhecimento e principalmente uma aula de interação, amizades em que os laços afetivos de professores e alunos se expandiam e o conhecimento era mais do que prático, era partilhado e compartilhado. Depois as experiências dos estudos do meio e principalmente nas dissertações e teses que estudei, o que ficou gravado para os alunos é que o conhecimento que foi apreendido pela experiência vivida, pela amizade, pela partilha e principalmente pelo compartilhar, não tinha como ser surrupiado.

Em plena década de 1960, com todas as dificuldades de transporte que havia e a solidariedade, alguns alunos que não tinham condições de fazer o estudo do meio e dos pais patrocinarem, a Associação de Pais do ginásio vocacional de Rio Claro fazia promoções, sessões de cinema, teatro para arrecadar fundos para esses alunos participarem. Existia um código administrativo entre os professores de não falarem qual o aluno era beneficiado.

Em 1961, Maria Nilde Mascellani foi uma das principais responsáveis pela criação do serviço de ensino vocacional, como diretora e coordenadora, ficou nessa função até o ano de 1969, quando esse projeto foi extinto pelo golpe civil-militar. "Por que a Ditadura Militar fez isso?" Porque considerou o ensino do ginásio vocacional subversivo. Porque não tinha controle na cabeça deles e eles queriam o mecanismo de controle. O tecnicismo que foi instalado na década de 1970 com cartilhas é um mecanismo de controle.

Um exemplo desse mecanismo, o professor Rafael de Educação Física, teve que prestar depoimento no DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) porque ganhou um livro de uma ginasta soviética que veio fazer uma excursão ao Brasil com um grupo. Esse livro era um presente, denunciaram o livro, os policiais entraram de forma truculenta, arrebatando a porta do ginásio vocacional, arrebatando o armário. Pegaram o livro e o professor e levaram para prestar depoimento. Contam que foram mais de três horas sendo interrogado se tinha ligação, se ele tinha o número da linha vermelha para ligar. Ele falou "Mas como que eu vou ligar pra fora do Brasil, para a União Soviética?" Relata ter sido um depoimento horrível, uma coisa que ele não consegue esquecer e agradece de ter saído

vivo, porque estava com péssimo pressentimento e não sabia como seria o futuro dele.

A revolucionária proposta pedagógica dos ginásios vocacionais utilizava planos de ensino, estratégias e integração curricular. Estudos do meio com projetos de intervenção e interação na comunidade, participando de festas paroquiais nas igrejas, festas culturais na cidade, desfiles e tudo mais. Interessante que o segundo relato dos anais de 1968 do ginásio vocacional, em uma das caixas do arquivo, os alunos do vocacional estavam em peso no desfile de 7 de Setembro e 15 de outubro, e os das outras escolas davam um jeito de não participar, até o ginásio vocacional era muito respeitado pela participação dos alunos, que queriam participar de eventos fora da escola, pois quanto mais participassem da escola, melhor, como aos finais de semana, tardes de formação e piqueniques no ginásio vocacional. Esses projetos faziam a interação com toda a comunidade, mas em Rio Claro aconteceu algo interessante, por mais interação que tivesse entre a comunidade local, do bairro, muita gente via com desconfiança porque não concordavam com os métodos, mas não sabiam como eram. Interessante, pois criticava-se sem ter conhecimento ou pelo jeito da cidade de ser, uma cidade totalmente conservadora.

"A revolucionária proposta pedagógica dos ginásios vocacionais utilizava planos de ensino, estratégias e integração curricular"

Na análise que nós fizemos, até a professora Maria Nilde quando foi chamada na Câmara Municipal para falar depois da crise de 1965, faz um tipo de comentário: "Nossa! Eu vim há quatro anos aqui antes da instalação, a Câmara quase continua a mesma". Então eu fiz questão de colocar na dissertação, os vereadores e cada legislatura, as três legislaturas que passaram o período de vocacional. Houve quatro mudanças de cadeira de uma legislação para outra, para ver como que é a sociedade Rioclarense elegia os seus políticos. Uma cidade totalmente conservadora no sentido do medo do diferente, "O que é diferente atrapalha, o que é diferente incomoda. Então vamos continuar com a nossa

vida desse jeito”,

No ginásio vocacional de Rio Claro, a pressão vinha de professores e funcionários que passaram pela instituição ou estavam inconformados, porque a professora Maria Nilde fala na dissertação da Sandra Marques: “Se você quiser colocar que eu sou autoritária, eu sou mesmo! Porque eu gosto da coisa bem feita, eu gosto da coisa organizada, eu gosto que a educação seja feita com seriedade.” É uma das frases que ela coloca: “Se quer colocar que eu sou autoritária pode colocar que eu não ligo”. E alguns professores por não quererem se enquadrar, saíam, pediam para deixar a experiência ou ficavam a contragosto, até atrapalhando o ginásio vocacional. Deram um apelido bem jocoso para o ginásio vocacional que se chamava “vocacionilde”, por causa de Nilde, mas era o vocacional que a Maria Nilde pensava. Eles utilizaram esta terminologia.

A frase dela que eu transcrevi: “Nunca deixei de falar o que eu pensasse. Esta fraqueza eu tenho e assumo até hoje. Não paro no caminho. Sento e pego para pensar. Concordo perfeitamente com o qualificativo que muitos me falam que sou diretiva. Eu vejo diretivo como uma meta a ser conseguida e alcançada para melhoria da educação no cenário nacional.” Essa foi a entrevista que ela fez para a Sandra Maia e diz: “Nas coisas de cultura e educação sou muito rigorosa. Esse rigor chega até o perfeccionismo, porque eu exijo muito de mim. Para a educação é melhor que devemos exigir dos outros também”. Nos últimos anos das experiências vocacionais (1968 a 1970) a perseguição à professora Maria Nilde nos vocacionais tomou dimensões enormes com invasões às unidades de Rio Claro, São Paulo e Americana. Inquéritos e perseguições a professores e discussões no âmbito político tomaram uma proporção imensa que no último ano principalmente em Rio Claro, o cotidiano escolar foi totalmente afetado.

Algumas pessoas começaram a vigiar a escola no último ano, na saída e entrada de alunos. O que começou a despertar aquele sentimento horrível de medo, de dificuldade “Será que estamos sendo vigiados?”. Em suma, a equipe inteira foi denunciada para Polícia Militar do Estado de São Paulo e quase todos os membros do serviço vocacional foram denunciados como a Maria Nilde Mascellani, Laura Cândida Sigrist, Darcy Passos, Sebastiana Correa, entre outros.

Mobilizações foram feitas em favor do giná-

sio vocacional da professora Maria Nilde e da sua equipe. Todavia, em Rio Claro, através do respaldo dado pela Câmara Municipal, pelo prefeito da época e principalmente pelo deputado estadual José Felício Castellano, popularmente chamado como Gijo, deram cobertura e silenciaram os movimentos de reivindicação para reabertura do vocacional. Falaram: “*Não, agora é nova época! Vamos seguir com esse decreto que foi feito a escola se transforma em Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Chanceler Raul Fernandes e a gente vai seguindo, não precisa de vocacional, a educação vai ser melhor e assim por diante*” as justificativas que esse deputado colocou para acalmar a sociedade Rioclarense.

“Nunca deixei de falar o que eu pensasse. Esta fraqueza eu tenho e assumo até hoje. Não paro no caminho. Sento e pego para pensar. Concordo perfeitamente com o qualificativo que muitos me falam que sou diretiva. Eu vejo diretivo como uma meta a ser conseguida e alcançada para melhoria da educação no cenário nacional. (...) Para a educação é melhor que devemos exigir dos outros também.”

O Diário de Rio Claro, jornal mais antigo, procurou amenizar os ânimos na cidade com uma matéria intitulada “*O fim do ginásio vocacional não significa o fim do ensino vocacional, outras coisas vão acontecer, vão se acertar, conversar sobre as partes e o ginásio vocacional vai avançar com outra temática*”. Interessante que o Jornal Diário fala no final de 1969 e nunca mais ele tocou no ginásio vocacional, nunca mais, de 1969 a 1973 que foi o último recorte do jornal, eles tocaram nesse assunto. A mídia impressa, escrita e hoje virtual, os grupos que tem interesse, mostram o que eles querem mostrar.

Finalizo exaltando o ideário de uma mulher e de uma educadora participativa e de todas as dificuldades que enfrentou na organização, na instalação e depois o declínio do ginásio vocacional. Nos anos 1990 ela volta a estudar o tema na sua dissertação de doutorado e depois de todos esses anos que passaram, que foi humilhada e silenciada, ela volta no tema com outra visão, que mostra o que poderia se transformar o vocacional, e qual era a ideia para a questão da classe operária e o ensino, favorecer essas pessoas, o ensino noturno do vocacional, coisas que foram pensadas enquanto ela estava à frente do ginásio vocacional e infelizmente não foram implementadas, então volta e coloca isso no estudo científico acadêmico na sua caminhada como educadora e uma das grandes educadoras do nosso Brasil.

“Finalizo exaltando o ideário de uma mulher e de uma educadora participativa e de todas as dificuldades que enfrentou na organização, na instalação e depois o declínio do ginásio vocacional”

Daniel Chiozzini

Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pós-Doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (EHPS/PUC-SP), onde atua como Professor Doutor.

Inicialmente, resalto que temos um trailer de um documentário intitulado “Vocacional uma aventura humana¹²” feito por um ex-aluno do vocacional de São Paulo, Toni Venturi, que é um cineasta conhecido por ter feito filmes de ficção também, mas ele fez esse documentário que concorreu no festival internacional de documentários chamado “É tudo verdade”. O documentário não venceu o festival, mas participou da mostra competitiva. É um registro em que vocês podem ver a memória afetiva dos ex-participantes. Memória afetiva porque essa experiência foi tão marcante como o Juliano destacou na fala dele.

Sobre o vocacional, não há como dissociar de Maria Nilde. Quem era Maria Nilde? Como que ela se envolve? Como é que ela cria, idealiza e implementa os vocacionais? Ela começa atuar como professora primária em 1948, nos anos 50 ela vai cursar pedagogia na USP e em 1957 se torna professora do curso normal no Instituto de Educação na cidade de Socorro e também continua estudando, faz alguns cursos de especialização na Escola de Sociologia de São Paulo (FESPSP), lá entra em contato com Florestan Fernandes, com Antônio Cândido, enfim, com alguns intelectuais que na época estavam começando sua trajetória.

Naquele final dos anos 1950 e qual é esse cenário da educação nos anos 1950, onde ela estava atuando? Não tinha na época uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). A legislação que orientava a educação na época era uma legislação, um remanescente de uma reforma ocorrida em 1942 que foi conhecida como Reforma Capanema. A gente teve um conjunto de leis e decretos que regulamentaram a Educação Nacional de 1942, final da Era Vargas, esse conjunto de leis e decretos são chamados de Reforma Capanema. Uma das características importantes dessa legislação, no que diz respeito ao denominado *ensino secundário*, corresponde ao que chamamos hoje de Fundamental II e Médio, os alunos que termi-

navam o primário, tinham que prestar um exame de admissão para ingressar no secundário, mas o secundário tinha duas etapas, o *ginasial* que seria o nosso Fundamental II e o *colegial* que seria que equivalente ao ensino médio. Essa legislação remanescente da reforma Capanema era uma legislação altamente centralizadora que não permitia às escolas inovar em termos de currículo, de avaliação, enfim, era uma legislação e era um currículo prescrito muito centrado nas humanidades clássicas, um saber baseado na memorização. Uma ênfase muito grande nas línguas latinas, gregas, um ensino baseado na memorização não em avaliação. Era um currículo muito prescritivo e muito centralizado.

Quer dizer, o Brasil, um país de dimensões continentais, não havia nenhum tipo de liberdade para as escolas inovarem, em termos de currículo. Começamos nos anos 1950 o movimento para reformular esse ensino secundário, e outra característica importante, esse ensino secundário é eminentemente propedêutico, ou seja, de preparar para o ensino superior, mas quem passava no exame de admissão, era o aluno que tinha a ambição de ir para o ensino superior. E o ensino secundário era um ramo totalmente paralelo ao chamado ensino profissional. Chama-se dualidade no sistema de ensino vigente, um ramo era o ensino profissional para quem desejava o mercado de trabalho, e outro era o propedêutico destinado àquela parcela elitizada, que almejava o ensino superior posteriormente. Os índices de evasão e retenção eram altíssimos no âmbito do ensino.

Nos anos 1950 começamos a ter uma atuação mais forte, uma série de intelectuais entre os quais Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, intelectuais que vinham desde os anos 30 fazendo a crítica e a reflexão da educação brasileira e propondo algumas inovações.

Esses intelectuais elaboram um documento, o Manifesto da Escola Nova em 1932, e continuam atuando nas décadas de 1940, 1950, as quais terão algumas reformas, de alguns sistemas estaduais

12 O documentário pode ser encontrado em : <https://youtu.be/gO-y-kwYhfE>

ao longo desse período. Nos anos 50 tem a chegada do Anísio Teixeira no alto escalão da educação brasileira, que passa a atuar no âmbito do Ministério da Educação e assume a presidência do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) e da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), começa todo movimento de reforma da educação nacional.

Uma das estratégias para tentar romper com essa legislação altamente prescritiva e centralizadora nas humanidades clássicas com um sistema de avaliação bastante tradicional, foi emitir uma portaria, um decreto que ficou conhecido como "Portaria das classes experimentais", mas na verdade é um decreto que é publicado em 1959, que permitia que escolas públicas e particulares que quisessem alterar o seu currículo, poderiam fazer isso mediante autorização do MEC (Ministério da Educação). São criadas uma série de escolas, principalmente particulares, mas algumas públicas se valem dessa legislação para alterar o seu currículo, é o caso da experiência de Socorro. A Maria Nilde Mascellani estava atuando como professora e como orientadora pedagógica em Socorro e atuou nas classes experimentais da cidade que, contou também com Olga Bechara como educadora.

Essa portaria das escolas experimentais permitia que a escola escolhesse algumas classes e iniciasse esse movimento de reformulação não na escola inteira, mas com algumas classes e por isso era chamado "*Classes experimentais*". Assim, a escola Narciso Pieoroni, de Socorro, inicialmente coloca duas classes como experimentais e começa a inovar em termos de currículo, instaura um processo de integração de disciplinas. Não havia ainda na época os termos interdisciplinaridade, transdisciplinaridade; eles trabalhavam com a noção de integração de disciplinas. O que significa um ensaio para que Maria Nilde Mascellani comece a desenvolver uma prática de integração de disciplinas "*estudo de meio*", que são viagens com finalidade educacional, um currículo baseado em círculos concêntricos, algo que vem desde o século XIX nessa ideia de currículo centrado primeiro nas problemáticas locais, depois nas problemáticas da cidade, depois Estado, país, e mundo. Quer dizer, isso é uma proposição que remonta o método de ensino intuitivo do século XIX, mas é algo que em Socorro se aprimora de uma maneira muito particular, utilizando também a integração da disciplina "Estudo de meio".

Então, eles pegam o plano de desenvolvimento local que o governo Carvalho Pinto naquela época, final dos anos 50, quem assume o Governo do Estado de São Paulo é um sujeito ligado ao partido Democrata Cristão, e faz um projeto de reformulação de dinamização da economia dos municípios. Havia um plano de desenvolvimento para determinadas regiões do interior e eles pegam esse plano que consistia basicamente em incentivar a dinamização da produção agrícola porque era uma região praticamente de monocultura e de agricultura de subsistência e utilizam como mote do currículo. "Quem eram aqueles produtores locais? Qual era o perfil socioeconômico daquela região em Socorro na época? O que o governo almejava?" Iniciam as viagens com os alunos, visitas às propriedades para compreender a produção de subsistência e as grandes propriedades, enfim, começa um movimento de pensar outro currículo, em 1959, em Socorro por iniciativa da Maria Nilde Mascellani, da Olga Bechara e da instituição diretora do Instituto de Socorro.

Essa experiência é visitada pelo secretário de Educação, Luciano de Carvalho, que tinha visitado outras escolas também experimentais no período, e havia viajado para fora do país, conhecia a chamada escola compreensiva em inglês, a pedagogia da Escola de Sagres. Era um sujeito ligado ao meio empresarial, mas que almejava uma alteração radical na educação pública do Estado de São Paulo na época. Ele se encanta com a experiência de Socorro e decide ampliar para o Estado como um todo, mas como que ele iria fazer isso? Na época tínhamos um processo de reformulação do chamado ensino industrial de São Paulo que tinha uma rede de escolas equivalente ao ensino técnico atual, chamadas "escolas de ensino industrial e de economia doméstica". Ele se aproveita desse projeto de lei já tramitando na Assembleia Legislativa e decide inserir naquele projeto (que tinha mais de 100 artigos), quatro artigos, nos quais cria o chamado "Serviço de ensino vocacional".

O que seria esse "Serviço de ensino vocacional"? Um sistema educacional paralelo a toda a estrutura burocrática da secretaria de Educação, quase como se fosse um sistema público de ensino fora da estrutura burocrática da secretaria. A supervisora de sistema de ensino responde diretamente para o gabinete do secretário e ele iria coordenar escolas ginásiais que buscariam o que a princípio diz pouco a respeito do que foram efetivamente os vocacionais, mas seria uma transição entre o primário e o chamado ensino industrial.

Isso é o que diz a lei do ensino industrial e os seis artigos que tratam do vocacional. Só que valendo dessa estrutura burocrática, não é a Maria Nilde, ela assume posteriormente a coordenação do SEV (Serviço de Ensino Vocacional) por indicação do secretário que deu a ela, portanto, grande autonomia administrativa, grande autonomia de gestão para criar um modelo de ensino ginásial. E o SEV surge, portanto como um outro sistema de ensino. O que tinha de particular nesse novo sistema de ensino ginásial? Havia nas disciplinas as chamadas “teóricas”, que eram as disciplinas regulares como português, matemática, estudos sociais e também as disciplinas denominadas “práticas” que eram práticas comerciais, agrícolas, artes industriais, economia doméstica e Educação Física. Eram escolas de turno integral. São criadas inicialmente três unidades, depois mais duas em 1968 em São Caetano.

Essas escolas, de turno integral e essa integração de disciplinas que já havia nas classes experimentais, em Socorro, acabam sendo aprofundadas e, além disso, o currículo de cada uma dessas unidades levava em consideração as particularidades das cidades, como já foi dito anteriormente. Há outros elementos interessantes, como a participação da comunidade que era extremamente intensa, mobilizava os pais e eles formavam associações e ajudavam no dia a dia da escola. Além das disciplinas práticas, nós temos também as chamadas instituições didático-pedagógicas que eram governo estudantil, a cantina da escola, horta de um banco estudantil, e uma série de instituições didático-pedagógicas estavam articuladas com essas disciplinas do currículo. Por exemplo, a horta da escola estava diretamente ligada à disciplina de práticas agrícolas, a administração da cantina da escola diretamente ligada à disciplina de práticas comerciais e assim por diante. Os professores também tinham o trabalho de formação prévio, os professores se candidatavam a serem professores do vocacional, passavam por um curso de quatro meses e depois de feito esse curso, sendo bem avaliados, poderiam se tornar professores das escolas.

O SEV acabou por se tornar mais do que simplesmente um órgão de gestão das escolas, se tornou um centro de formação de professores. Via de regra os professores passavam por esse curso preparatório e depois iam se tornar professores, mas já aconteceu por uma questão de demanda, precisar de um professor com emergência e nessa

situação, ter alguém que não havia feito o curso de formação para assumir as turmas, mas era uma situação de exceção.

A Maria Nilde é uma figura-chave nesse processo, exatamente porque o secretário de Educação ao visitar as classes experimentais de Socorro, decide convidá-la para uma comissão. Quando o projeto de lei estava tramitando, ele a convida para fazer parte de uma comissão, pois queria estruturar esse sistema de ensino vocacional. O curioso é que a história do vocacional é perpassada por crises, porque antes mesmo das escolas serem instaladas, há uma mudança na secretaria de Educação, o Luciano de Carvalho sai da secretaria e o novo secretário não queria mais implementar esse novo sistema. Então as primeiras unidades, iniciadas em 1962, os professores já tinham sido selecionados, os alunos também e o secretário diz para Maria Nilde que o projeto não iria mais acontecer. Ela decide enfrentar o secretário e diz: “Não, não vou arcar. Os professores estão selecionados, os alunos estão aí, então às aulas vão começar. O secretário novo terá que arcar com ônus de fechar as unidades e mandar aluno para casa, mandar o professor de volta, enfim vai ser um caos”. O secretário de Educação que substitui o Luciano de Carvalho então recua e são criadas as três primeiras unidades. Essas unidades vão ganhar notoriedade depois dois anos.

De 1962 à 1965 os resultados do sistema ficam reconhecidos, embora tenham as crises locais, mas esse sistema de ensino passa a ser vitrine e ser conhecido como uma experiência diferenciada, exatamente por causa disso que os alunos falam, essa destacada alegria de ir à escola, índices baixíssimos de evasão, de retenção e começa a ser debatido, então os deputados estaduais vão aprovar dezenas de projetos de lei criando ginásios vocacionais pelo interior do Estado. Quando vemos o pré 1965, existem dezenas de projetos de leis aprovados, porque quem criava o vocacional era a assembleia legislativa, mas quem implementava era o SEV e a Maria Nilde. No começo ela não queria expandir de maneira exagerada, queria que fosse uma expansão controlada, então os ginásios vocacionais são criados, mas o SEV decide não implementar. Efetivam mais duas unidades depois de um ano e chega em 1960, a partir de 1965 ela começa a pensar em expandir, mas exatamente em 1965 temos a primeira grande crise envolvendo o vocacional.

Em 1964 temos o golpe civil-militar e em 1965, quem está no governo do Estado de São Paulo era Ademar de Barros. Como o ginásio vocacional, especialmente o de São Paulo, se tornou muito conhecido, o Ademar de Barros começa a mandar cartinhas para Maria Nilde dizendo que os filhos de apadrinhados políticos dele tinham que ser matriculados no vocacional. E como é que era o ingresso no vocacional? Como disse anteriormente, no ensino secundário tinha um exame de admissão, mas o vocacional adota um sistema diferenciado de seleção, e além da prova passa a ter questionário no qual eram avaliadas outras questões. Se eu não tinha participação nas organizações, enfim, nas associações de bairro, qual era a religião do aluno, eles buscavam estabelecer um perfil socioeconômico do aluno por meio desse questionário, e avaliava a classe social da qual o aluno era oriundo. Interessante, o perfil do alunado tinha que obedecer a uma proporcionalidade em relação ao perfil socioeconômico do bairro onde a escola estava inserida. No Brooklin, no caso que era o bairro onde estava situado o vocacional Oswaldo Aranha, tinha 50% de classe C, 30% de classe B e 20% de Classe A. Buscavam no alunado, na composição do alunado dessa unidade que segue essa proporcionalidade.

Então por quê? Lembremos-nos do Dewey, partindo do princípio que você queria formar o aluno atuante no meio o qual estava inserido, você buscava fazer dessa escola um microcosmo na qual o aluno iria treinar para atuação social. Eles buscavam essa proporcionalidade. Enfim, o vocacional desenvolve um sistema muito diferenciado de seleção dos alunos, até rompendo com o tradicional exame de admissão que era altamente excludente, não era só o desempenho na prova, mas também essa questão do perfil do aluno, que era considerada para a composição do alunado daquela unidade.

E o Ademar de Barros decide, passando por cima de todo esse processo, indicar a matrícula de aluno, de crianças que eram filhos de apadrinhados políticos dele. A Maria Nilde decide enfrentá-lo e não aceita essas indicações políticas, culminando com a sua destituição temporariamente do cargo de coordenadora do SEV. Após tal ocorrido, há uma grande mobilização de pais e professores, especialmente em São Paulo, alguns pais que tinham atuação na imprensa geram um desgaste para o Ademar de Barros, que decide voltar atrás e reconduzir a professora para a coordenação do SEV.

Quando me debrucei sobre o vocacional como objeto de pesquisa, tive contato com essa crise de 1968, pois fui me envolver com essa temática do vocacional, com esse universo e o que eu fui investigar aqui inicialmente em 1998, que era quando estava terminando meu curso de história tinha uma relação de alguma maneira afetiva com o tema porque meus pais são ex- professores do vocacional de Americana, me instigava, e como estava finalizando o curso, queria pensar também a minha prática como professor de História, porque trabalhava em uma escola que tinha material apostilado, e sabemos da prescrição de como você tem que dar aula, o que me traz o interesse por investigar como era o ensino de história nas escolas dos ginásios vocacionais.

Na legislação de 1942 tem uma LDB (Lei de Diretrizes e Bases), em 1961 e depois em 1971 temos um conjunto de leis que também reformulam a educação brasileira. Elas vão criar e implementar no currículo o chamado "estudos sociais" que não eram história e geografia, era um curso dado por um professor formado em alguma licenciatura curta ou um curso, também criado pela ditadura, que faz uma reforma Universitária, criando cursos de licenciatura curtos que visavam formar profissionais genéricos. A partir de 1971, eu iria ministrar as aulas de estudos sociais que era uma disciplina também com carga horária mais reduzida, com uma programação voltada para atualidades, enfim, para a ditadura os estudos sociais era uma maneira de acobertar, de diminuir o espaço das disciplinas de humanas no currículo tidas como disciplinas teóricas e com tendência a trabalhar temas subversivos. Por isso que me debrucei sobre o vocacional como um tema de pesquisa.

Nessas minhas primeiras leituras sobre o vocacional emergiam temas como a crise de 1965, envolvendo o governador Ademar Barros e muito do trauma com o fim das escolas. Em 1969, aprofunda-se em como é que as escolas acabam e tem o mote, aparece à intervenção nas escolas que o Juliano mencionou e o fato de que dois professores de Americana são demitidos (isso era uma constante no vocacional no final do ano, os professores eram avaliados e os professores que não eram bem colocados eram desligados). Os dois professores demitidos, um era de Americana, o sujeito chamava-se Francisco Cid e outro Vlado dos Santos, após a demissão eles vão escrever uma carta para o 5º GCAM em Campinas fazendo uma denúncia de que vocacional era uma escola sub-

versiva e que preparava para o comunismo. Enseja a instalação de um processo de investigação, um inquérito e em dezembro de 1969, as seis unidades do vocacional sofrem uma intervenção militar. Ao mesmo tempo as unidades são invadidas, os professores são detidos e levados para prestar depoimento em Campinas, enfim, teremos histórias diferentes. O Juliano relatou do professor Rafael lá em Rio Claro, os meus pais também têm episódios que relatam como foi esse episódio, muito traumático para todos os professores, para todos os alunos também.

O que percebi nesses cursos, de entender os estudos sociais e me debruçar sobre os documentos que são remanescentes do vocacional, sobre os anais da Assembleia Legislativa para entender a criação desse sistema de ensino, entrevistar dois ex-professores, Newton Balzan e Olga, e a partir do depoimento de ambos tive contato com outras crises mais internas do vocacional. A história do vocacional não foi só perpassada por crises, envolvendo crises externas, envolvendo o governo. Tivemos alguns embates internos também, e Newton relatou duas crises importantes, ele começa como professor de estudos sociais e depois passa para coordenador da área de estudo sociais do SEV, porque tinha coordenações de área.

Eu acreditava que Newton tinha sido o coordenador do início ao fim dos vocacionais e ele diz que em 1969 não estava mais. Em 1969 quando teve intervenção militar já não estava porque havia sido demitido pela Maria Nilde em 1968. Não só ele, como seis outros coordenadores de área também foram demitidos naquele ano, e jamais tinha ouvido falar dessa crise. A partir de 1965, ele relatou que começou a entrar muita gente ligada à resistência, ligadas a grupos, que eles não sabiam direito quem eram, se eram da ALN (Ação Libertadora Nacional), alguns professores eram críticos aos professores que estavam lá desde 1961 e 1962 e queriam que o vocacional radicalizasse, aprofundasse a crítica da realidade vigente no país naquela altura.

Veja que estávamos vivendo um processo de recrudescimento da Ditadura Militar e o Newton relata, portanto, que em 1968 a Maria Nilde decide demiti-lo. Ele e outros seis porque, ela, segundo ele, se alinha a esse grupo mais novo que entrou nas escolas a partir de 1965 e relatou outra crise também em 1963, houve uma greve de professores da rede pública do Estado de São Paulo, motivada entre outras questões por salário. Os professores

do vocacional não tinham salários diferenciados, mas eles eram contratados por 40 horas, mas não estavam 40 horas em sala de aula, e que a maior parte dessas horas era dedicada à atividade de planejamento e aos conselhos pedagógicos semanais, preparação de estudo de meio, às instituições didáticas pedagógicas e demandava uma carga de trabalho do professor. Havia também o salário de 40 horas, mas não estavam 40 horas em sala de aula. O professor ganhava “mais” do que o professor da rede e tinha uma condição de trabalho diferenciado em relação aos professores da rede pública de ensino.

Esses professores decidem parar quando é deliberada a greve em solidariedade aos trabalhadores da rede e a Maria Nilde na época, tenta um ofício que manda para escola, e em função do que foi decidido com os professores, suspende as aulas pelo período de dois dias. Nesse ofício pautava que os professores do vocacional tinham que ter uma postura condizente com as atitudes que eles deveriam inculcar nos alunos. Enfim, percebe-se que tem uma Maria Nilde em 1963 e outra em 1968. Maria Nilde que tinha orientação política mais conservadora a altura de 1963, antes do golpe militar, e segundo o relato do Newton, próxima de grupos radicais, digamos assim, que até depois partiram para luta armada. Em si, Maria Nilde é uma figura instigante. Como é que esse projeto foi evoluindo, como é que o currículo foi se transformando ao longo do tempo e como é que foi mudando a orientação política dela e do sujeito que fizeram parte dessa experiência? Eu me debrucei, mapeei um pouco essas crises a partir do relato da Olga que também confirma uma série de pontos dessas crises e fui entender o currículo destas escolas.

O que é interessante na documentação das escolas quando olhamos em 1962, 1963, é que aparece a seguinte proposição: “formar o aluno para se adaptar a uma sociedade em processo de transformação”. Nos documentos de 1967 e 1968 aparecem à proposição de “formar o aluno para transformar o meio no qual está inserido”. O termo conscientização também é um termo muito caro na obra do Paulo Freire. Inclusive, o Paulo Freire aparece como referência em 1968 do vocacional e a proposição de formar o indivíduo consciente, de conscientizar o aluno é uma coisa que ganha relevo, é uma proposição, que tem relevo na documentação, ou seja, fui mapeando no processo de pesquisa como é que esse currículo foi evoluindo e como é que ele foi sendo alterado, como é que isso

esteve em consonância com o processo político em curso no país.

Quando eu disse que tínhamos uma ditadura e um processo de recrudescimento, é compreensível que dentro da perspectiva de formar esse cidadão crítico, participativo e democrático, tivéssemos a proposta curricular de alguma maneira radicalizada ao longo do tempo. Depois a Olga também no seu relato em relação a 1963 disse: "em 1963 nós éramos católicas conservadoras, para nós, greve era coisa de comunista, então não cabia durar uma greve em 1963. 'Ela falou hoje não, hoje se alguém, uma assembleia decide fazer greve, eu sou a primeira a obedecer ao que a assembleia decidiu, democraticamente.'" Mas na época não era assim, então vamos percebendo um amadurecimento político também desses sujeitos.

Inclusive, da própria Maria Nilde, o que é instigante. São silenciadas e o que eu tenho procurado reforçar na minha pesquisa é que isso não macula, não deprecia a personalidade, a biografia da Maria Nilde, pelo contrário, por exemplo, a história de Dom Paulo Evaristo Arns que foi uma figura chave na resistência. O Dom Paulo apoiou a Ditadura Militar e não só apoiou; Dom Paulo Evaristo Arns era Bispo em Petrópolis, se desloca de Petrópolis para o Rio de Janeiro para abençoar as tropas que vinham de Juiz de Fora, do Mourão Filho, para dar o golpe. Foi um apoiador declarado da Ditadura Militar, só que a partir do momento que temos o golpe, nos meses seguintes já começamos um processo de cassações arbitrárias. Juscelino Kubitschek foi cassado e o Senador eleito também. O Dom Paulo relata que a partir de junho de 1964, começa a fazer críticas à ditadura, porque a ditadura começou a caçar indiscriminadamente os democratas declarados, como por exemplo, Juscelino entre outros. Dom Paulo também em 1966 começa a atuar na Pastoral Carcerária e a presenciar os episódios de tortura arbitrária que ocorrem no país, passando a fazer uma oposição à ditadura civil-militar e vira um dos grandes nomes da Resistência.

Então, como é que a gente entende a mudança na orientação política da Maria Nilde, quer dizer, ela como uma figura ligada ao meio católico, uma pessoa que não localizei para além das evidências, das memórias, de que ela apoiou o golpe. Embora ela tenha negado isso, é possível, é compreensível que ela tenha apoiado o golpe e que depois passa a ser uma crítica. A crítica do golpe da ditadura civil-militar que Maria Nilde fez depois que acaba o

vocacional em 1969, ela funda um escritório de assessoria pedagógica, chamado Renove, que terminado o vocacional, busca de alguma maneira continuar disseminando aquelas metodologias, aquelas práticas e vai fundar esse escritório de assessoria pedagógica a partir de 1971. Desfaz um estudo do currículo, que é criado depois com a chamada lei 5692/71, essa legislação que a ditadura cria e ela no Renove faz um estudo e crítica ao ensino de Educação e Moral e Cívica.

Em 1974 acontece uma "batida" no Renove, é invadido pelos militares, apreendem esse documento e em função disso, ela que já havia sido detida em 1969, é detida novamente e fica dois meses presa. Essa prisão no DOPS, digamos que pode ser considerada a mais pesada, ela fica dois meses presa e é processada por subversão. Sendo considerada uma figura articulada com o meio católico e como tinha uma relação muito forte com Dom Paulo Evaristo Arns, eles condenam a Maria Nilde, mas decidem suspender a pena com um argumento meio esdrúxulo de que ela não havia divulgado aquele documento subversivo. Logo, ela era culpada, mas a pena não seria aplicada, uma condenação esdrúxula da justiça militar, a época. De qualquer forma é um episódio traumático porque ela fica dois meses presa na solitária, e relata em sua tese que eles colocam em sua cela um "menor infrator", visando coagi-la através da presença desse rapaz envolvido com crime de estupro.

Enfim, depois ela até relata como se aproximou dele, que o rapaz não a agrediu, não fez qualquer mal. Ela escreve um poema depois sobre esse episódio, essa relação deles, que o rapaz passou a vê-la quase como mãe. Depois nos anos 80, ela funda uma organização chamada a Associação para Ensino Vocacional, que também visava preservar a memória dos vocacionais e disseminar as práticas e metodologias desenvolvidas no âmbito das escolas e tem na tese de doutorado dela "*Uma pedagogia para o trabalhador - o ensino vocacional como base para uma proposta pedagógica de capacitação profissional de trabalhadores desempregados - Programa Integrar CNM-CUT*¹³" um relato do projeto que ela desenvolveu em parceria com a CUT (Central Única dos Trabalhadores) que é chamado "O Programa."

A introdução dessa obra diz que os mais de 30 anos transcorridos entre o serviço de ensino

13 Pode ser encontrado em <https://bdpi.usp.br/item/001054097>

vocacional SEV e a coordenação pedagógica do Programa Integrar realizado pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos e CUT, expressam toda uma vida dedicada à democratização do ensino no país. No final da década de 1970, no bairro de São Mateus em São Paulo, através das relações educacionais e do trabalho, o Renove, esse escritório e seu prestígio pessoal, viabilizou os recursos necessários para formar dezenas de metalúrgicos demitidos nas greves de 1978 e 1979, os chamados piqueteiros (participantes das primeiras tentativas de organização de comissões de fábrica e do enfrentamento à estrutura sindical).

Essa experiência realizada junto à oposição sindical Metalúrgica de São Paulo tendo Maria Nilde como coordenadora pedagógica, contou com o trabalho de uma equipe do qual participaram intelectuais e militantes como Éder Sader, Marco Aurélio Garcia, Paulo de Tarso Venceslau, Carlos Cake, Vitor Giannotti, Antonina Silveira, entre outros. Posteriormente encontrou alguns alunos agora como dirigentes do Centro de Educação, Estudos e Pesquisa (CEP) e do Instituto de Estudos e Pesquisas (IEP) sucedâneos da Escola Nova de Piratininga, uma iniciativa política de formação de quadros de trabalhadores, isto é, de formação de militantes politicamente preparados e profissionalmente capazes de atuar nos anos de repressão da Ditadura Militar.

Integraram essa experiência na década de 1980, trabalhadores de todo o país, oriundos de diferentes organizações políticas e do movimento sindical e popular. Em meados da década de 1990, o governo Fernando Henrique Cardoso disponibilizou grandes recursos do Plano Nacional de Formação e do Ministério do Trabalho e Emprego vindos do Fundo de Amparo ao Trabalhador, ao desenvolvimento da qualificação profissional no lugar de uma política econômica de efetivo combate aos altos índices de desemprego; desenvolveu uma estratégia no qual os cursos rápidos de formação profissional eram utilizados como verdadeira panaceia e solução para todos os problemas.

Na contramão da prática de política neoliberal como prática de resistência, surgem outras propostas de Educação na perspectiva dos trabalhadores. Maria Nilde participou de pelo menos duas experiências relevantes: a primeira o CEP e o IEP (Instituto Educacional Portinari), implementam sob sua supervisão um curso de Ensino Fundamental e Médio na escola pública o "Construindo o Saber Educação de Trabalhadores" por trabalhadores in-

seridos, por sindicatos de trabalhadores da CUT de categorias diversas, metalúrgicos, químicos, sapateiros, marceneiros, bancários, radialistas e correios das cidades de Franca, Limeira, Rio Claro, Osasco, Carapicuíba e São Paulo.

Com apoio do então secretário do trabalho do Estado de São Paulo, Walter Barelli, foi possível viabilizar o convênio com o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. O projeto "Construindo o Saber" constituiu-se em proposta diferenciada de Educação, pois com os mesmos recursos disponibilizados a cursos de curta duração, promoveu-se escolarização básica e orientação profissional na estrutura da escola pública sob coordenação de trabalhadores e sindicalistas e realizou a certificação de seus alunos, o que não ocorria em outros cursos da época financiados pelo FAT.

A segunda experiência é o Programa Integrar, da iniciativa de âmbito nacional da CNM-CUT também na década de 1990, que permitiu a partir da pedagogia que desenvolveu no ensino vocacional, estruturar um projeto de Educação dirigido aos trabalhadores naqueles tempos de predomínio liberal e reestruturação produtiva feroz. Somente nos dois anos do governo Collor foram perdidos 25% dos empregos industriais no Estado de São Paulo. No estudo aqui publicado, Maria Nilde analisa exaustivamente o Programa Integrar, infelizmente sua morte inesperada nos privou não apenas de seu convívio amigo, mas da continuidade de seus projetos e da fecundidade de suas ideias. Temos a documentação dessa última empreitada da Maria Nilde publicado pelo IEP (Instituto Educacional Portinari) que é um órgão coordenado pela Cecília Guaraná, que por sua vez também foi do vocacional.

Debates

Maria Teresa de Arruda Campos

Não tenho um trabalho acadêmico, não sou estudiosa do vocacional de Maria Nilde, mas tenho três momentos de aproximação com ela e com o vocacional: o primeiro quando eu era adolescente e queria muito estudar no vocacional, mas meu pai não deixou, em Rio Claro. Queria por dois motivos: um porque tinha um amigo que estudava, então, contava as coisas e me aguçava, outra porque meu pai era juiz na cidade e tinha outro juiz que adorava vocacional e ficava contando para o meu pai, tentando falar com meu pai que eu estava certa, que devia ir, ele era um entusiasta, Doutor Raulo de Mello Freire. Essa foi uma aproximação na adolescência, mas não estudei.

Depois fui dona de uma escola em Rio Claro “Escola Semente” e na verdade, quando estávamos criando a escola pensando como ela ia ser, eu li o trabalho da Sandra pela Biblioteca da UNESP que uma amiga retirou e a “Escola Semente” tinha a ver com a metodologia de trabalho do vocacional. Inspiramo-nos não todas, porque algumas coisas que entendíamos que era meio “forçar a barra”, na interdisciplinaridade das integrações. Não precisa forçar a barra também e querer que tudo converse com tudo, tem coisas no processo que não conversam. Aproveitamos as ideias e fizemos uma boa discussão, porque tínhamos essa perspectiva de que a escola deveria olhar para a vida e não dentro da instituição, era inspirada pelo vocacional.

O terceiro momento de aproximação é quando fui ser superintendente do Arquivo Público e Histórico e que não havia nada organizado do vocacional, não tinha nada organizado de quase nada a não ser dos políticos e dos Barões, dos empresários da cidade. Nada relacionado à população, ao povo. Começamos a organizar, fazer um trabalho para comunidade negra, ouvindo, gravando e fazendo esses eventos de bate papo cultural. Trazíamos temas que tem a ver, um pouco com a história da cidade e que a cidade não discutia. Fiquei oito anos e conseguimos gerar conteúdos em termos de publicação, de gravações.

Um dos conteúdos que produzimos, foi à edição de um depoimento que os alunos tinham gravado da diretora que estava no vocacional no dia que os militares chegaram. Ela com 23 anos era diretora e falou para ela o seguinte: “Eles foram lá, pois ali tinha um grupo muito perigoso liderado por

uma guerrilheira muito perigosa, que era ela com 23 anos, quer dizer, ela olhou dentro do carro e viu armamento, um monte de coisa” é bem bacana esse depoimento dela e também está disponível no site do arquivo, para quem quiser ver. Está disponível o bate-papo cultural com Daniel Chiozzini, e outro evento que é o do ginásio vocacional.

Participante

É um momento absurdamente atual, passa o tempo e repetem as mazelas, como este projeto “Escola Sem Partido” e como estas coisas vão se atualizando com outros nomes, sob outras justificativas, outras teorias, mas exatamente a mesma coisa só vestida com outra roupagem.

Participante

Lembrar que uma das virtudes da Maria Nilde mostra que não podemos pensar a educação sem fazer um vínculo com o mundo do trabalho e é um vínculo que a equipe da Maria Nilde fazia no vocacional, preparando os alunos para o mundo do trabalho, que é uma constante mudança, por isso que precisa ser uma escola para mudança. Uma segunda coisa que é preciso lembrar que não tem como pensar também a educação isolada do mundo, isolada do mundo internacional e que se formos ver as raízes da bagunça da educação brasileira é o vínculo com essas relações internacionais no Brasil que não se desgruda dela, desses vínculos.

“é preciso lembrar que não tem como pensar também a educação isolada do mundo, isolada do mundo internacional e que se formos ver as raízes da bagunça da educação brasileira é o vínculo com essas relações internacionais no Brasil que não se desgruda dela, desses vínculos”

Se você for examinar todo país que evoluiu socialmente e economicamente nos últimos 20 anos, são países do Oriente ou do extremo norte da Finlândia, Suécia, países que decidiram pela educação do seu povo independentemente de

influências externas e organizou seu trajeto educacional implementando algumas práticas. Todo mundo tem medo do comunismo, todo mundo tem medo de uma educação ativa. Os barões da sociedade todos tem receio de apoiar uma educação inovadora, uma educação ativa, uma educação que leve para mudança. Até porque existe a ignorância da educação, se você vê os políticos partidários que discursam sobre a educação política, a onda que estamos vivendo, vê o discurso e pensa: “Este cara não estudou”. Parece que não frequentou uma escola decente, é o risco que temos com o atual ministro da educação. Esse momento pede que façamos alguma coisa.

Daniel Chiozzini

Muito tocante e muito bonita a homenagem que, acho que reforçando um pouco, vai ao encontro com o que foi dito, quando falamos da Finlândia e Coreia do Sul, que são países que estão na ponta do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes). O programa apresenta os altos índices de avaliação internacional, foram países que investiram na educação, um aspecto importante de ser lembrado, que houve investimento na carreira do professor, a carreira hoje nesses países é tão almejada quanto à carreira de médico. O vestibular para ser professora é tão disputado quanto o de medicina, porque a carreira é bem remunerada e você tem professores comprometidos com o processo educativo, você não tem essa rotatividade que nós temos por aqui. Evidentemente, quando que eles começaram esse processo nos anos 1970, começam a valorizar a carreira do professor e valorizar no sentido do que se fazia no vocacional, quer dizer, se tem 40 horas, mas não estão 40 horas em sala. Você tem tempo para preparação, um tempo para correção, um tempo para atuar em projetos, para fazer outras coisas e é isso que vemos nesses países. Não estavam em sala, mas estavam na escola também.

Além da questão do investimento, de como dar esse investimento em educação, acho que esse é outro elemento importante que se destacou, a educação em consonância com projetos de desenvolvimento. Esses países tem essa noção e apresentam um projeto de desenvolvimento autônomo; se formos voltar aos anos 50, as classes experimentais são frutos de um projeto nacional-desenvolvimentista com seus matizes, com as suas contradições, mas um projeto que começa com Vargas e que depois encontra no Juscelino

Kubitschek outra conformação, mas você tem um projeto nacional-desenvolvimentista no qual esse ideário educacional é gestado. Já esse projeto, infelizmente, não tem projeto de país em consonância que contempla educação, tem um projeto de país que deprecia a educação porque a Ponte para o Futuro¹⁴ do Temer, que agora está sendo continuada pelo Bolsonaro, é criar um país com baixa qualificação de mão de obra, mão de obra barata como os países asiáticos, mas não como a elite é, como Bangladesh é, países que têm esse esse perfil não é de mão de obra de baixa qualificação e barata. Você não precisa de um projeto de ciência e tecnologia. Para que ciência e tecnologia? Para que uma educação de qualidade? Todos esses projetos do Centro Integrado de Ensino Profissionalizante (CIEP) do Darcy Ribeiro são projetos que miravam a educação articulada com um projeto Nacional de Desenvolvimento Nacional quer dizer, isso se perde hoje.

Maria Teresa de Arruda Campos

Você acha que com as universidades federais, institutos federais, houve uma tentativa de ampliação?

Juliano Bernardino de Godoy

Existe um projeto de investimento na Educação superior, a interiorização das universidades federais, quer dizer, um projeto de desenvolvimento do país que priorizou o ensino superior. Sem dúvida foi uma opção política porque isso encontra consonância em nossa Constituição. A União é responsável de maneira preponderante pelo ensino superior, então foi nos anos do governo Lula-Dilma que o governo federal atuou com pouco mais ênfase: mais de 300 institutos federais mostra o investimento nas universidades federais, nas escolas técnicas também vinculadas aos Institutos Federais.

Enfim, toda ênfase foi dada ao ensino superior, houve algumas iniciativas que representaram avanços no que diz respeito à educação básica, uma chamada lei do piso salarial que é o mínimo do professor de Educação Básica, que “a dura penas” foi implementada, mas foram iniciativas que priorizaram o ensino superior. Havia um projeto de destaque, de ênfase de investimento na educação em consonância com um projeto de desenvolvi-

14 Programa “Ponte Para o Futuro”, proposto por Michel Temer <https://www.fundacaoulisses.org.br/wp-content/uploads/2016/11/UMA-PONTE-PARA-O-FUTURO.pdf>

mento. Esse projeto pode ser caracterizado como um projeto Educacional Liberal que é para desenvolver economicamente países e até que ponto é um projeto efetivamente emancipatório, digamos assim, ou ele serve a interesses também de uma elite. Ainda que fosse um projeto liberal, dentro de um projeto liberal, você tem o Estado concedendo e implementando as políticas educacionais.

Então INEP e CAPES foram instituições capitaneadas pelo Anísio Texeira que tinham investimento pesado em educação, nesse contexto, hoje o que temos o Estado fazendo? Concebendo as políticas, mas não implementa uma base curricular comum, você tem a prefeitura, os Estados contratando ONG's que vão prestar assessoria para os professores implementarem. A secretaria do MEC, praticamente, a grande idealizadora da base, a Maria Helena Castro, concebe a base curricular comum, sai do MEC e vai trabalhar com o quê? Com assessoria para implementar a base curricular comum.

O Estado não implementa, contrata alguém para implementar. Essa política educacional foi criada em um contexto em que o Estado concebia e implementava. Além da CAPES e do INEP, nós temos o Centro Regional de Pesquisas Educacionais, criado por Anísio Teixeira também. Os centros regionais, o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e os Centros Regionais de Pesquisas Educacionais. O que foram essas instituições? Teixeira partia do princípio que não existe possibilidade de você ter um currículo só para o Brasil. O Brasil tem que ter um currículo que obedeça as particularidades locais. Para isso, você precisa de um órgão de pesquisa que subsidia as políticas educacionais. Criam-se estes centros regionais de pesquisas educacionais. O Centro Regional de Pesquisa Educacional de São Paulo funcionava dentro da USP, foi presidido pelo Fernando de Azevedo e faziam parte deste centro Florestan Fernandes e Antonio Candido como pesquisadores do CRP de São Paulo. No Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro, em Recife, Gilberto Freire. Então se percebe que este cenário de 1950 e 1960 é um cenário em que o Estado concebe, implementa estas políticas e investe pesado em educação. A educação é vista como investimento, não como gasto. Curiosamente, um dos argumentos da Ditadura para fechar o vocacional, qual foi? "É caro! Um gasto muito elevado".

Este projeto é um projeto neoliberal. Não é liberal, nós temos uns elementos especialmente nos países nórdicos, a social-democracia, o nosso

projeto atual é um projeto neoliberal. De subordinação, capitaneado por um grupo reacionário, não é mais conservador é reacionário.

Participante

Obrigado pelas suas contribuições. Achei fantástico este panorama histórico, lembrar, e me lembro do que trouxeram. Mesmo trabalhando, eu trabalho em psicologia social, diálogo com famílias que trazem esta questão da educação. "Que antes até o quarto ano, era melhor" Por quê? Porque era transformador, tinha participação, de mudar a realidade, de mudar os diálogos. Fui vendo o que tem passado nas escolas de hoje, nas salas de aula, professores sendo penalizados com violência, a questão da violação dos direitos, ou seja, direito a livre expressão. Essa lógica do portar e não ter mais cuidados, os alunos. Quais são os desafios que vocês veem a frente? Que todos nós de uma forma ou de outra teremos um desafio individual.

Daniel Chiozzini

No trabalho eu penso muito. Esse é um dilema para quem está na academia. Sou professor da PUC, estou na pós-graduação em Educação. O primeiro passo é você ultrapassar esse desalento em relação à escola pública, porque é muito difícil. Eu já trabalhei com estágios, em cursos de pedagogia, licenciatura em História, professor de escola de aplicação da USP, recebia os estagiários, muitos alunos da licenciatura, que pensavam ir, estavam se formando. E você de frente com uma coletividade de alunos que estão muito desiludidos com a educação pública, não veem possibilidade de atuação na escola pública. O vocacional é interessante para você mostrar que já existiu uma escola pública de qualidade no Brasil, em um período relativamente recente. Acho que o primeiro passo é você mostrar que já existiram experiências históricas, interessantes e possíveis que podem referenciar a luta, digamos assim, o trabalho na atualidade. Aquele sujeito vai para a escola, tem que conhecer esta experiência, referenciar de alguma maneira. Não fazer igual, a situação é outra, a conjuntura é outra, mas referenciar seu trabalho, a partir de uma experiência histórica. Porque uma das características deste cenário neoliberal é a perda de referenciais.

Referenciamos a nossa ação, a partir da nossa experiência histórica. Por isso, é necessário conhecer a história da nossa educação, divulgar essa história. Esse é o primeiro passo, busco fazer agora

no programa de pós-graduação. Hoje eu estou formando mestrandos, muitos deles atuando em escola pública. É repensar a sua prática profissional, a partir da sua história. Eu não só oriento pessoas que pesquisam o vocacional, oriento pessoas que fazem outras pesquisas. Por exemplo, uma orientanda minha pesquisa o CEU (Centro Educacional Unificado) criado pela prefeita Marta Suplicy. Essa é uma história pouco explorada, pouco entendida, pouco investigada. Propõe-se a ser experiências de ponta, elas têm de ser estudadas.

“O vocacional é interessante para você mostrar que já existiu uma escola pública de qualidade no Brasil, em um período relativamente recente. Acho que o primeiro passo é você mostrar que já existiram experiências históricas, interessantes e possíveis que podem referenciar a luta, digamos assim, o trabalho na atualidade. Aquele sujeito vai para a escola, tem que conhecer esta experiência, referenciar de alguma maneira. Não fazer igual, a situação é outra, a conjuntura é outra, mas referenciar seu trabalho, a partir de uma experiência histórica. Porque uma das características deste cenário neoliberal é a perda de referenciais.”

O CEU, por exemplo, é algo a ser estudado, a ser pensado, quero dizer, o que foi o CEU. Como está hoje? Como foi o processo de criação? A Marta Suplicy não previa a criação daquilo, nas propostas dela não falava do CEU. No entanto, foi uma coisa que tomou uma proporção no decorrer da gestão que não estava prevista. Na última eleição para prefeito ela teve votação significativa na periferia por causa do CEU, que foi uma política educacional de ponta, de vanguarda. Os resulta-

dos foram inesperados até para a própria gestão, é uma experiência interessante de ser estudada, investigada, entendida.

O vocacional passou por esse processo também. A Olga Bechara cita que em 1964 ou em 1965, eles receberam a visita do Luciano de Carvalho, esse secretário da educação em 1961. Já não era secretário mas o vocacional começou a ficar famoso. Teve a crise de 1965 e começou a sair no jornal. Um belo dia ele chega ao Oswaldo Aranha em São Paulo, ele fala *“Eu vim visitar aqui, porque eu quero entender o que eu criei. Eu não tinha noção do que eu estava criando, a coisa virou tão vitrine que eu vim aqui visitar a escola. Como é que vocês fizeram”*. Acho que a educação é isso. A educação surpreende. Quando você tem um gestor, um secretário que se propõe a fazer algo diferenciado e tem respaldo político, você tem resultados interessantes. Contudo existem alternativas e precisamos conhecê-las, estudá-las, eu procuro fazer isso como professor de Educação, mesmo atuando em um programa de pós-graduação, mas temos de nos propor, debruçar sobre a nossa educação e entender como foi a sua conformação histórica. Por onde começamos? Temos de ser instigantes, pois a realidade nos força a ser este ser acomodado. Buscar ser esta pessoa que instiga os outros, que incentiva a olhar, é um pouco as alternativas que eu visualizei.

“Acho que a educação é isso. A educação surpreende”

Juliano Bernardino de Godoy

Vejo bem simplesmente assim, que a situação, não só historicamente, mas atualmente, a questão da Educação Básica, a Educação a nível nacional é que não há uma continuidade de projetos no nosso país. A nível nacional e a nível municipal, não há! Não há uma continuidade de projetos com bons resultados na Educação Básica, na Educação de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. Há sempre uma vontade no Brasil de destruir o que foi feito e isso é o grande problema da educação no Brasil.

Porque o partido A, ideologia do partido B... O problema que se coloca, as bandeiras partidárias acima do bem comum na educação. Infelizmente,

nas vocacionais passou-se por isso, outras experiências no CEU em São Paulo. Eu tive uma experiência muito boa no vocacional no quinto e sexto ano. Na Escola Agrícola, um estudante da Escola Agrícola, e o que fizeram com a Escola Agrícola em nome de um partido político foi muito complicado. Uma escola que era referência não só em nível de ensino, ensino básico de disciplinas, mas em nível das práticas agrícolas, o projeto que tinha aquela escola...

Por causa de mudança de direção, não é que quem estava no governo na época era bom ou ruim, mas o que aconteceu com a escola foi totalmente desagradável. Eu estava lá como aluno, eu senti isso. Então o problema é esse no Brasil: a não continuidade de projetos que vão bem. Você pega os modelos europeus, você pega as experiências, há uma continuidade. Muda chanceler, muda primeiro ministro, mas o projeto, política de Estado, está acima de interesses.

Infelizmente, isso é em todo nível, partido A, partido B, isso acontece. Há essa descontinuidade. Quer coisa absurda, você troca de gestão na cidade, tem uma obra para terminar, uma pintura de uma escola, não se termina esse trabalho na escola porque é obra de outro partido. E a população? E a educação? O prédio fica se deteriorando, como por exemplo em Rio Claro, Piracicaba, Limeira todas as regiões próximas, não há continuidade. Enquanto houver esse pensamento simplista de pensar apenas naquilo que está, a educação simplesmente vai continuar desse jeito. Boas iniciativas acontecem, projetos inovadores acontecem, mas não há continuidade.

Daniel Chiozzini

Complementando sua fala, em situações de um mesmo partido que está no poder. Se você tem o Estado de São Paulo, o PSDB está no poder há mais de vinte anos. Tive uma aluna que investigou recentemente a política de educação integral desenvolvida pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, e é uma coisa simplesmente esquizofrênica, muda o secretário, muda a política de educação integral. Quando era o Gabriel Chalita (2015) era uma coisa, depois entra outro secretário é outra política e estes projetos coexistem. Hoje você tem dois projetos coexistindo em política de Educação Integral no Estado de São Paulo. Esquizofrênica é a palavra, não é só a questão da troca de partido, em um mesmo partido você tem as políticas concorrendo entre si, e quando você tem

alguém que consegue desenvolver algo, no caso dos CEUs (Centro Educacional Unificado). Os CEUs estão aí, foi feito uma mudança na Lei Orgânica do município. Um plano municipal de educação, ancorado de tal maneira na legislação que o Kassab não conseguiu terminar, o Serra também não, o Doria paralisou tudo, mesmo assim, você tem a permanência do CEU. Está sucateado, muitos dos projetos não vingaram nas unidades, especialmente as mais periféricas, mas ele ainda existe. O que aconteceu com o CIEP (Centro Integrado de Educação Pública) do Brizola? Ganhou o nome de "Brizolão", porque ganhou muito a marca do governo Brizola. Ficou sucateado, o projeto se perdeu e a tendência do CEU é essa, ainda que tenha sido um projeto institucionalmente muito bem estabelecido, mas concordo plenamente, a descontinuidade é um dos problemas estruturais de nossa educação. De maneira que nós não temos um sistema. O professor Saviani diz que a característica do sistema educacional brasileiro não é um sistema, dadas as descontinuidades.

A Psicologia e o Movimento Estudantil: A História e as Contribuições no Passado e no Presente, na Luta por Direitos

Maria Orlene Daré

Psicóloga, integra a Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia, fez parte da Comissão Municipal da Verdade e do Conselho Municipal de Direitos Humanos de Bauru.

Baseio minha fala no livro que se chama "*lara: Reportagem biográfica de Judith Lieblich Patarra*", de 1992. Li este livro em 1992 e atualmente fiz uma releitura, é incrível quando fazemos uma releitura, é outra dimensão. A lara, filha de pais imigrantes judeus, avós que fugiram da I Guerra Mundial, tinha três irmãos, e com menos de 14 anos começou a namorar. E aos dezesseis anos se casou em São Paulo. Logo após o casamento, parou de estudar e retornou logo depois do fim dessa união, que não durou muito. Quando retornou aos estudos, na época era outra classificação, tinha destaque de uma pessoa voltada para questões da escola e se destacava como uma liderança, na época do secundário, o que seria hoje o Ensino Médio. Ela foi à Rua Maria Antônia, em São Paulo, nesta época a USP tinha uma extensão lá perto do Mackenzie. Ela foi fazer inscrição para o curso de Psicologia, disseram a ela que este curso não tinha nenhum prestígio, que era considerado "*espera marido*". Na época era exatamente isso porque quando eu fui fazer, eu ouvi o mesmo: "você vai fazer Psicologia? É só para esperar marido!", para entendermos como a Psicologia era entendida socialmente.

Ao iniciar o cursinho no grêmio, ela percebe outro mundo, a família judia é uma família disciplinada, fechada ainda mais porque eram imigrantes. Tinha uma moldura de cuidados, até pelas perseguições e pelas questões familiares. Começou a perceber coisas diferentes, pessoas que fumavam dentro da classe, que tinham a forma de trajar diferente. Nesta época ela estava se desinibindo, se despendo dos padrões do colégio, padrões familiares. O livro foi constituído por muitos depoimentos e muitos relatos dos amigos e das pessoas que a conheceram, incluindo a família. Um deles dizia que ela conciliava ternura, atitudes de vanguarda e era rebelde.

Aprovada no vestibular, mostra-se uma intelectual provocadora. Por que provocadora? Porque ela questiona a Psicologia Experimental. Para ela, naquele tempo, era o que nós tínhamos, só tinha Psicologia Experimental, não havia outras linhas. Estudei em 1970, um pouco depois dela, mas também na linha experimental. Ela já questionava o por que se tinha que fazer conclusões para o ser humano a partir dos estudos com os animais. Era uma pessoa superarticulada, começou a fazer várias interferências na própria classe. Então no percurso teve contato com a Psicologia Social e tinha muita expectativa em relação à área. Porém se frustra rapidamente, pois a professora era absolutamente conservadora e não correspondia aquilo que ela esperava de uma Psicologia Social, que era exatamente o fazer avante da prática com a realidade social. Ela estava muito afastada dos problemas nacionais. Estava muito mais preocupada durante o curso com as questões internas, com a Psicologia, e problemas como a falta de professores, a qualidade das aulas que eram dadas.

Quando foi consumado o Golpe de 1964, a UNE (União Nacional dos Estudantes) conclama a resistência e Greve Geral. Começa a grande revolução dos estudantes declarando imediatamente a resistência ao Golpe Militar de 1964. No livro, este momento passa a ser um rito de passagem para lara, que começa a identificar a realidade que estava acontecendo no país. Se hoje temos MBL (Movimento Brasil Livre), "Vem Pra Rua", naquele tempo havia grupo de estudantes paramilitares, e esses estudantes, eram de várias frentes, como: Frente da Juventude Democrática que era a favor do Golpe, Movimento Anti Comunista e Comitê de Caça aos Comunistas (CCC) em todos os tempos teremos pessoas que vão perseguir a resistência

enquanto outros serão a resistência.

Os estudantes começam a fazer passeatas e o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), que na época era o grande centro de tortura de São Paulo, vai onde era a extensão da USP e expulsam todos os estudantes das salas de aula, destroem todas as instalações do grêmio, inclusive, prendem alguns deles. Tem início a grande perseguição da ditadura aos estudantes, destruindo o grêmio e invadindo a USP.

Nesta invasão e destruição, o Jornal Estadão (O Estado de São Paulo) coloca em sua manchete "*Diligência em Faculdade*" e conseguem perverter e dar exatamente a verdade que ele quer para as coisas que acontecem. A UNE é incendiada no Rio de Janeiro nesta época, a truculência vai aumentando e eles destroem uma biblioteca inteira de um professor da USP. Um estudante na época é morto, assassinado em um restaurante do Rio de Janeiro e 280 políticos são cassados.

A lara junto com uma amiga, Maria Lúcia, decidem se engajar em algum grupo de oposição. Ela abominava, tinha uma concepção do que era Ditadura, as consequências, e envolve-se em um grupo. Entra no COLÓQUIO, organização revolucionária marxista política operária. Em 1965, forma-se uma base deste grupo com estudantes da Psicologia. Os estudantes de Psicologia, e de Filosofia também, distribuíam jornal aos sindicatos, nas portas de fábricas e organizavam grupos de estudos. A cada dia aumentava-se a convicção acerca do papel revolucionário dos estudantes.

É um processo compreender esse papel, e ela percebe a importância dos estudantes na luta contra a ditadura e nomeia de "*papel revolucionário*". lara também era admirada pelas atitudes vanguardistas; na época que surgiu a pílula anticoncepcional, o rock e todo o movimento libertador, ela passa a defender o papel da mulher. Cobrava coerência nas relações pessoais dos que pretendiam mudar a sociedade. Então não conseguia entender que o movimento revolucionário não compreendia os afetos, não respeitava as relações afetivas e fazia o papel de trazer esta questão para o movimento, e ao passo que não tolerava o machismo, marcava posição: "*Que revolucionário é este, que tem atitude como esta?*"

Assim, quando ela assume o centrinho da Psicologia, vincula o movimento estudantil à luta contra a ditadura, politizando todas as atividades. Amplia o centrinho da Psicologia e o contexto da realidade nacional. Junto com outros estudantes, ela queria que houvesse na Psicologia uma ligação

entre os estudos teóricos, os conhecimentos e a prática. A vida prática e a realidade social do país. Principalmente, diz: "*Uma Psicologia voltada aos problemas dos trabalhadores*". Introduziu na Psicologia essa preocupação social, essa interlocução. Os professores não eram receptivos porque a Psicologia era absolutamente fechada e seguia uma cartilha e calendário dos Estados Unidos. Era uma Psicologia fechada e com poucas linhas, inclusive. lara dizia: "*Como entender a pessoa se não partirmos do global, da realidade em que ela vive?*".

Em um congresso na UNE reuniu-se no porão de um convento em Belo Horizonte, a polícia descobre, e obviamente cerca o local prendendo todos. Neste congresso eles reivindicavam a revogação da Lei de Greve, dos Atos Institucionais e anistia aos presos, pois já havia muitos presos nesta época. Surgem os Atos Institucionais em 1966, que extinguiu completamente a União Estadual dos Estudantes e a União Nacional dos Estudantes (UNE). Neste momento surge nos EUA o Partido Panteras Negras que reprime o pacifismo sonhador de Martin Luther King, existia outro vanguardismo, outra resistência, de outra forma, em outro país, que marcou seriamente o movimento contra o racismo nos Estados Unidos.

A lara era quintanista nesta época e começa a desenvolver com a Raquel Rosenberg, com destaque na Psicologia, o serviço de Psicologia do grêmio. Esse serviço e todo esse trabalho que iniciou de atendimento ao centro acadêmico, passou a ser quase uma referência para a Psicologia posteriormente. A primeira vez que se pensou que a Psicologia não necessariamente teria que se identificar só em consultório, poderia ter outro alcance, outras áreas, outros espaços.

Em 1968, lara é convidada para ser professora na USP, mais uma vez ela é presa. Na terceira prisão dela, acho importante destacar, ficou em uma solitária, este é um momento de intenso medo, de terror, toda a tortura, assassinatos e desaparecimentos de pessoas. A lara estava no apartamento de um amigo, quando este apartamento foi invadido e ela foi presa e mandada para a solitária. Então havia duas estratégias, tinha um espaço interior, que ela falava assim: "*este espaço ninguém vai invadir, este espaço é minha preservação, é minha casa de força*". Como se voltasse para ela mesma e buscasse forças para resistir. A segunda estratégia era seduzir o carcereiro; ela era uma mulher muito bonita, se preocupava com o visual, não teve dúvida, seduziu o carcereiro do jeito que pôde, ela dizia que nos episódios de asma pedia para ele um jornal para se abanar porque na solitária tinha muitas crises. Com isso ele trazia o

jornal todo dia para ela, possibilitando que acompanhasse todo movimento, tudo que estava acontecendo no país através do jornal.

Ela substituiu uma amiga, e nesta substituição em um grupo de estudo, ela conhece Carlos Lamarca, capitão do exército que fugiu de lá levando muitas munições. Assim como muitos militares do exército eram contra o Golpe, não aceitaram o golpe como foi feito, muito menos o que estava acontecendo, Lamarca fugiu e entrou realmente para o movimento de esquerda revolucionário, mas uma esquerda bem radical. Não havia movimento estudantil, muitos presos, pessoas torturadas, desaparecidas e eles viam como única solução preparar-se para a luta armada. Isso demandava uma preparação para guerrilha. Ele encaminhou a família para Cuba por proteção, e ficou para continuar na luta. Aconteceu de Lamarca e Lara se encontrarem, estavam juntos e se apaixonaram, foi uma paixão fulminante, e ela vai com ele para a preparação da guerrilha.

Em um treinamento no Vale do Ribeira, a Lara quis ir neste treinamento no meio da selva, que era um lugar inóspito. Havia muitos contrários à ida dela. Lara tinha asma e o que ia fazer no meio daquele pessoal, foi considerada um elo, porque a vida nesse lugar era mata fechada, eles faziam um pequeno acampamento e foi ela quem trouxe a humanidade para esse grupo. Fazia o trabalho de atendimento, inclusive das pessoas que estavam lá, todos aqueles que eram contrários à ida dela reconheceram a importância do seu papel.

Era difícil a vida de guerrilheiro e os dois passaram a ser absolutamente o casal mais procurado do Brasil. Lamarca fugiu do exército e como se não bastasse levou muitas armas, ele era muito procurado. Tudo que eles precisavam era caçar o Lamarca e a Lara se apaixonou. Já nesta época, se dizia que os dois não tinham condições de continuar no Brasil, e que deveriam ir para outro país. Muitos conseguiram ir para outro país, porque estava insustentável a situação, entretanto Lara e Lamarca não quiseram. Ela dizia para família e para todos *"Sou uma revolucionária e não posso abandonar a militância."* Os dois permaneceram, fugiram para Bahia, mas lá Carlos Lamarca foi para o sertão, vivendo absolutamente sem nada e ela ficou em Salvador. A polícia encontrou ambos. Ela foi assassinada em Salvador, em um prédio, na casa de uma amiga e ele foi metralhado no sertão. A Lara, digamos assim, é uma política, do movimento estudantil, movimento político de resistência, morreu com 27 anos.

Atuando no Movimento Estudantil desde 2014, participou das Ocupações de 2015 contra a reorganização do ensino no Estado de SP, e de 2016, contra a PEC 241 e a Reforma do Ensino Médio.

Em Bauru e no Brasil inteiro, os movimentos sociais crescem e somem. Em 2013 temos um grande movimento nacional e em 2015 o movimento dos estudantes. Eu brinco que sou filha de 2013, nasci bem prematura, mas nasci, e se forma pelo menos a galera do movimento, em 2015, mais precisamente em 2014. Quando os estudantes do Stela¹⁵ falam “Está faltando muito professor”, “O que é isso?” e temos alguns incentivos de ir à secretaria. Acabam chamando umas escolas, o Ayrton Busch¹⁶ que era o mais próximo e tínhamos conhecidos. E em 2015, os estudantes aderem e apoiam a greve dos professores, que inicia em março, o movimento estudantil parte para apoiar e ir para rua também. Uma vez por semana tinha manifestação em apoio à greve dos professores, a falta de concurso para professor, enfim, todos os problemas que a escola pública enfrenta.

Na época o Geraldo Alckmin, governador, fala sobre a proposta de reorganização escolar, para outubro mais precisamente, e no dia 17 de novembro o Stela Machado é ocupado pelos estudantes. A escola de Bauru ocupada já estava com repercussão estadual, e havia uma página que contava as escolas ocupadas em São Paulo e com o tempo aumentavam. Em Bauru não foi diferente, as escolas ocupadas eram o Stela, Ayrton Bush, Ferreira de Meneses¹⁷ e o Luiz Castanho¹⁸. Não sabíamos muito de política.

Lembro-me de uma cena: estávamos na praça, no Stela, um dia à noite todos conversando e um menino que estava na ocupação fala “mas o que é esquerda? O que é comunismo?” Sabemos daquilo que aprendemos. O que é? Não sabemos. É muito forte para mim, sentamos em uma roda e começamos a conversar, ninguém sabe direito, mas estamos crescendo, e foi o que marcou muito, o quanto a gente cresceu. É claro que fazer o governador voltar atrás foi muito gratificante, mas a marca foi do quanto crescemos na ocupação, houve um intercâmbio entre as escolas. Eu lembro que

veio estudante do Ayrton Bush dormir no Stela e não eram escolas geograficamente perto, eram de bairros totalmente diferentes.

O Stela, principalmente mais perto do Falcão, tínhamos um apoio maior, mais aceito socialmente, estávamos tentando desconstruir a sociedade que estava a nossa volta. A vizinhança passava e perguntava “você sabe o que está acontecendo aqui?” e nós respondíamos “Está tudo bem”. A ocupação marcou todo mundo que participou de alguma forma. E tivemos em 2015 a vitória, mais de 600 escolas ocupadas em São Paulo, umas 300 no Paraná. Saímos em um movimento estudantil enorme, mais de 1500 estudantes na rua, três, quatro escolas juntas, andando pelas ruas.

Foi instituída em 2016 a PEC do Teto de Gastos¹⁹, e sentimos que o pensamento era diferente, desocupam a escola Luiz Castanho e o Stela com 28 dias de ocupação, um número muito significativo, mas em 2016 tivemos o conflito com a polícia. Eles trancaram os estudantes, não deixavam sair, ficavam pressionando, mas os estudantes só saíram com os pais e no fim acabou em confusão com bomba e bala de borracha, mas sentimos um caráter bem diferente, o quanto a ordem de “não pode ocupar de novo” era real, e tínhamos que acabar. Não foi uma derrota, porque ocupar uma escola 24 horas é algo muito forte, não é fácil, existe uma questão muito maior, mas quando voltamos das ocupações, tivemos represália total, inclusive com alguns professores contra. No Stela conseguimos fazer com que o grêmio não fosse mais o modelo que o Estado manda, e sim um modelo colegiado, mais humano, conseguimos separar uma sala que era uma das nossas condições para desocupar, uma sala do grêmio e total autonomia como grêmio na escola.

Durante as ocupações, houve momentos de descontração como comprar pizza com ajuda de doações, também momentos como “todo mundo colocar saia, os meninos também,”, até “quebrando” um pouco o machismo. Dividíamos as tarefas

15 Escola Estadual Stela Machado

16 Escola Estadual Profº Ayrton Busch

17 Escola Estadual Ferreira de Meneses

18 Escola Estadual Luiz Castanho de Almeida

19 Proposta de Emenda Constitucional nº 241 ou 55

da cozinha e limpeza. Enfim, para quem participou foi muito enriquecedor. Para as escolas, conseguimos deixar um legado para as novas gerações, se vocês quiserem conhecer mais as ocupações e o movimento estudantil de Bauru tem a página do "*Movimento secundarista de Bauru*". Hoje está desativado, infelizmente, este trabalho de conversar com os mais jovens e deixar o movimento ativo, não acredito que foi falho, mas não foi o suficiente. Os movimentos sociais são assim mesmo, tem hora que está em alta, outra hora, em baixa.

Psicóloga pela UNESP-Bauru, Especialista em Psicologia e Educação com título obtido pela Universidade Paulista - campus Vergueiro em 2018 e com mestrado em andamento na PUC- campus Perdizes. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Escolar, Psicologia Social e Psicologia Organizacional e do Trabalho.

Diversos colegas participaram dos mesmos processos que vou relatar aqui, contribuí para reconstruir esta história. Queria agradecer o convite do CRP da Subseção de Bauru, é um prazer voltar aqui para esta cidade. Especialmente à Maria Orlene Daré e à Tania, muito solícitas e disponíveis para tirar muitas dúvidas, obrigada.

Esse é um tema muito importante: Conhecer um pouco da história da lara, e ouvir sobre o movimento estudantil aqui de Bauru, o movimento secundarista. Ajuda no objetivo do GT, que é reconstruir a história da luta pelos direitos. Quero trazer um pouco de como cheguei aqui, na verdade é o que me foi pedido para falar, pois a atuação política reverbera nas nossas subjetividades e o quanto não está dissociada da nossa atuação profissional. É especial estar aqui, pois foi onde iniciei minha carreira acadêmica e minha militância política, vir a Bauru me faz lembrar do movimento estudantil e da universidade. Um pouco do que antecedeu este processo de 2015 que, na Unesp, o período é um pouco de 2010 a 2015, é o período que estávamos lá. O processo da luta na universidade traz muito esse debate sobre a nossa própria formação e o nosso curso.

Na Unesp o centro acadêmico da Psicologia é uma referência dentro da universidade e também a luta que compõe os espaços conjuntos do movimento. O que nos atinge diretamente, como escola, como curso ou universidade, nos toca mais profundamente para que a gente pense sobre nossa formação "Qual é o caminho que vai ser percorrido?" Essa dimensão do imediato, o que nos toca imediatamente, como é a falta de professor, é papel higiênico que não tem no banheiro, com a complexidade da compreensão. Desde os professores, eu consigo pensar no investimento da universidade para a permanência estudantil, esse movimento, essa dialética que torna ícone o movimento.

Neste período histórico bem curto, o movimento é muito rápido, o da escola talvez mais prolongado, mas começamos a atuar mais próximo do Ensino Médio. Em três anos, sua vida já mudou e você está em outro lugar. Em cinco anos, sua vida

já mudou e você está em outro lugar. Então nesta época que antecedeu o processo de reorganização, existia uma proposta do Governo do Estado de São Paulo e uma contraposição, a exigência dos movimentos de cotas. Cotas sempre foi uma luta histórica nossa. O governo do Estado propôs um programa de ingresso ao ensino superior que era o PIMESP (Programa de Inclusão com Mérito no Ensino Superior Público Paulista), uma proposta absurda de que os estudantes iriam passar por um curso técnico de dois anos, que geraria uma pontuação da qual se poderia ingressar na universidade. O título que você teria era um título de cidadania.

Era tão sórdida a proposta que os estudantes não eram considerados cidadãos. Você precisaria fazer um curso de dois anos para ser considerado cidadão brasileiro. Essa coisa esdrúxula, dessa proposta do governo de São Paulo nos levou a um debate mais profundo sobre as cotas.

Os vários campi da Unesp se mobilizaram para debater se as cotas são uma parte do processo, da discussão no movimento estudantil que é muito importante, lutamos e conseguimos barrar esse bimestre. Na Unesp, não sei se foi a primeira das estaduais, mas concluiu as cotas uma progressão de 50% das vagas. A USP foi sequente, a Unicamp, a Unifesp todas as universidades estavam articuladas em torno deste debate. Tivemos um grande levante de estudantes pelos campi, que se articularam a partir desta pauta específica, em um processo de greve e ocupação.

As ocupações das escolas foram capilarizadas no Estado e tinham várias trocas entre os campi. A Unesp é estruturada a partir desta capilarização pelo Estado e na verdade é uma estratégia, inclusive, de fortalecer a desorganização. Porque são pequenos campi com cursos específicos e não juntam muitos cursos de humanas. Acho que os campi que tem mais cursos de humanas são os de Marília e Assis, mas tem campus como Ourinhos que tinha dois cursos, ou apenas um. Essa estratégia que foi realizada durante o processo da Ditadura, colocou como plano essa formação

da universidade. Este grupo que participou, dos Centros Acadêmicos, dos Diretórios Acadêmicos e dos grupos como eram chamados CUBE (Conselho das Entidades Universitárias de Bauru), da Unesp de Bauru se reuniam semanalmente para debater como isso reverbera em nós mesmos.

Foi a ocupação que realizamos no prédio do restaurante universitário que estava fechado. Estava construído, mas não conseguimos a abertura, o funcionamento, as refeições e o número pequeno de refeições também. Então ocupamos a seção da graduação, o pátio da graduação. O restaurante universitário foi algo mais ousado e a nossa exigência era que funcionasse o restaurante universitário e que conseguíssemos políticas de permanência estudantil e uma distribuição mais igualitária dos recursos para universidade. Ficamos três meses neste espaço, vários estudantes de cursos diferentes.

Para vocês entenderem a gravidade da permanência, esse campus da Unesp tem vagas de 32 moradias para o maior campus da Unesp. Isso é muito processo de exclusão do trabalhador na universidade pública. Não tem permanência e nos mobilizamos por isso, a favor das cotas, contra os cortes na educação. Nos vinculamos com o espaço de uma forma totalmente diferente. Apesar de já morarmos em Bauru, moramos na universidade, vivíamos e acordávamos naquele espaço. Às vezes a relação mais distanciada que tínhamos se tornou outro tipo de relação no espaço, tinha a dimensão do cuidado e que nos exigia além da nossa mudança de relação com o espaço na universidade; serviu para entender essa universidade e que não conseguiríamos barrar o que estava se propondo a barrar. Precisamos fazer contínuos exercícios de munção para a gente conseguir debater com o diretor do campus, com os professores reacionários, com os estudantes. Tínhamos essa exigência para a própria atividade política nos colóquios, entender a educação, além de entender nosso campus, precisava entender a educação no Estado porque o que aconteceu lá na Unesp era o resultado do que os reitores decidiam junto com o governador do Estado. E isso nos fazia entender as várias determinações da educação pública superior.

A partir disso compreendemos que existia um projeto de educação que estava sendo implementado no Brasil, de uma educação neoliberal, a educação como mercadoria. Não é estranho que a universidade pública esteja na situação que está,

porque isso faz parte de um projeto no Brasil como um todo. A nossa formação política é intensa, é o resultado da vivência. A vivência exigia essa necessidade da formação, e a formação exigia que ressignificássemos o que estávamos fazendo, porque mudava a nossa estratégia. Desafiou-nos a pensar em estratégias de sobrevivência, segurança, alimentação, infraestrutura, análise política, do que faríamos em certos momentos, de como recuaríamos. Tem a dimensão do conhecimento da realidade e tem a dimensão daquilo que construímos enquanto coletivo e relações interpessoais. De fato, é uma marca nos nossos registros de vida de modo muito profundo, porque nos coloca em contato com algo que tradicionalmente não nos dão voz, não nos dão espaço de discussão política, não nos dão uma educação de qualidade. Na verdade, o que a gente tem de fazer é lutar por isso!

“A nossa formação política é intensa, é o resultado da vivência. A vivência exigia essa necessidade da formação, e a formação exigia que ressignificássemos o que estávamos fazendo, porque mudava a nossa estratégia”

Em relação à nossa formação específica, da Psicologia aqui em Bauru, podemos nos considerar privilegiados porque temos bases e um terreno fértil para o pensamento crítico. Dentro do nosso espaço de formação profissional debatemos o Marxismo e para além, debatemos o materialismo histórico dialético. Não é uma relação direta, porém nos favorece a participar mais, a ver sentido em algum espaço político de acordo com a perspectiva da psicologia sócio-histórica e como se relaciona com a atuação política, como isso nos ajuda a entender, partindo deste lugar, destas bases epistemológicas, construímos nossa compreensão de homem, da realidade, das instituições, entendendo que esse sujeito, nós aqui nos formamos a partir de uma relação dialética.

Internalizamos essa realidade e expressamos nas nossas relações, na nossa concepção de mundo, na nossa ideologia, nas nossas condições

materiais. Em relação constante com o mundo objetivo, com o mundo coletivo, com o mundo social. Atuamos com esse universo e essa nossa atuação por meio do trabalho afeta a nossa própria construção. Para mim é quase uma poesia falar nisso, porque é bonito de pensar que nós construímos as nossas relações com o mundo, e não vem pronto e acabado, isso nos ajuda, pelo menos temos a perspectiva da transformação, se não pudéssemos nos transformar que tristeza seria a realidade. Essa relação dialética pela nossa atividade com a realidade é que vai construindo nossos registros.

“É bonito de pensar que nós construímos as nossas relações com o mundo, e não vem pronto e acabado, isso nos ajuda, pelo menos temos a perspectiva da transformação, se não pudéssemos nos transformar que tristeza seria a realidade.”

Então, o homem ascende desse ser ativo, social, histórico e vai construir a sua forma de pensar, sentir, agir à sua consciência. Entendendo esses pressupostos básicos, atuamos politicamente, a partir de uma atividade de ocupação, de discussão, de debate e essa atividade vai reverberar na nossa construção, ela vai ser internalizada na nossa subjetividade construindo seus próprios registros. Não tem como passarmos por essas experiências, sem isso necessariamente, não nos colocar como militantes pela vida inteira.

Cada um segue a sua desde que, no espaço onde estiver, consiga contribuir de alguma forma e é natural que isso aconteça. Cada um vai seguir seu caminho, mas essa relação de atuação política vai nos constituindo e o caminho que vamos percorrer não depende só de uma compreensão racional da realidade. Entender que a realidade é injusta não requer que você seja um revolucionário. É só você ter um pouco de sensibilidade para ver o que está em seu entorno. Só que a ideologia dominante nos faz acreditar que as coisas são desta forma e não podem ser mudadas. Não significa que não exista uma compreensão da desigualdade, mas o que desencadeia um processo de resignificação e transformação dos sentidos é essa nossa relação com a atuação política profunda.

“Entender que a realidade é injusta, não requer que você seja um revolucionário. É só você ter um pouco de sensibilidade para ver o que está em seu entorno. (...) Não significa que não exista uma compreensão da desigualdade, mas o que desencadeia um processo de resignificação e transformação dos sentidos é essa nossa relação com a atuação política profunda”.

O engajamento dos projetos coletivos, como projeto coletivo de sociedade, acredito em um projeto revolucionário. Vínculo meu projeto de vida a esse projeto coletivo. Entendo que minha atuação profissional poderia estar vinculada a esse projeto coletivo de sociedade. Muitas decisões que faço em minha vida estão mediadas por essa decisão de que esse projeto coletivo faz sentido. Não dá para acreditar que em uma organização revolucionária só existe o “nós,” o “eu,” e esse eu, é fortalecido o tempo todo pela sociedade. O individualismo está colocado com pressuposto de um projeto de sociedade capitalista e criamos uma alternativa para “eu” que pode ser coletivo, pode ser justo, pode ser revolucionário.

Durante um estudo sobre o movimento secundarista, de ocupação, de ação, percebi como foi importante para os estudantes resignificarem o sentido da escola, o sentido pessoal da escola, como foi para nós a ocupação da Rua Campos Sales, em que os estudantes bloquearam o cruzamento das ruas Castro Alves e Campos Sales durante duas horas. Autoquestionar através de outra lógica, isso altera nossa relação com o espaços: como os estudantes terem que limpar, cozinhar, organizar, pensar na segurança, fez com que este processo fosse uma vivência significativa e pudesse resignificar os sentidos que dão para aquele espaço, para educação. Essa alteração profunda no cotidiano, muda essa relação com os espaços.

Debates

Giovana Moreira Sanches

A transformação do espaço era muito especial tanto que no Stela nós pintamos, fizemos vários desenhos. Enfim, a transformação do espaço é muito bacana, o quanto isso traz e volta para a escola. Olhamos o lugar com carinho, porque eu acho que um dos motivos principais das ocupações nas escolas públicas é que o aluno não se vê à vontade, o espaço que deveria ser misto. Como se não fizesse parte.

Como vocês veem hoje em dia tudo que vocês construíram e o legado que deixaram para as gerações seguintes? E também com a questão atual de perseguição às professoras e professores, as novas propostas que querem dismantelar a educação que nós conquistamos aos poucos e que se contrapõem à nossa Constituição de 1988, como a "Escola Sem Partido" que supõe que alguns estudantes foram doutrinados por determinadas ideologias. Como vocês veem este cenário?

Em que momento perdemos esse jovem que estava na ocupação e vota no Bolsonaro? O que aconteceu? Cada um segue seu caminho. A ocupação não foi o suficiente? Será que erramos? Por outro lado, em toda história da esquerda existem altos e baixos. Acredito que a direita e o fascismo vêm crescendo e não sei se existe uma forma de barrar isso. É o momento de lutar, de se organizar. Você vê uma galera postando Bolsonaro no Facebook. O que é isso? Que mundo paralelo é esse? É um sentimento de culpa, de tristeza, mas também de vazão. Temos que entender que isso é um processo. Talvez fazer o trabalho de base.

Sophia Miranda de Paula

Durante a campanha discutíamos que em 1964 havia o aparato do governo para reprimir diretamente a esquerda, os movimentos que se contrapusessem, e neste cenário não será necessariamente o governo. Das violências que mapeamos durante esse período eram de pessoas adeptas desta proposta de Brasil, ou seja, do Bolsonaro, e organizavam ações contra. Surgiram atos de fiscalização como o MBL (Movimento Brasil Livre), páginas como a de uma deputada do PSL (Partido Social Liberal) que ensina os estudantes a gravarem os professores e o que fazer com as gravações, mas acredito que eclodirá um pouco dessa superfície mais autônoma. Como Bolsonaro falou: "Eu não me responsabilizo pelos meus eleitores"

quando questionado em relação às violências. Por outro lado, os espaços das universidades, das escolas são de muita potência para a organização. As federais estão se organizando, enfim será um cenário de muita polarização, muitos destes grupos extremistas surgindo de forma mais aberta.

Renan César Leite Costa

Sophia, na ditadura de 1964 havia os grupos paramilitares, os "camisas negras" para fazer o "trabalho sujo". No começo também não era o governo. Temos os grupos extremistas que vão se prestar a fazer este papel, mas eu acredito que também passará pelos olhos da institucionalidade, penso que no início pode algo neste sentido. A história nos ajuda, será que ela se repete? As pessoas estão "midiatizadas" devido à informação rápida da mídia, mas existem elementos da história que precisamos compreender para nos organizarmos, e como faremos isso? Não podemos apenas dizer "eu avisei, eu avisei".

Maria Orlene Daré

Fico um pouco preocupada, não só com a catástrofe, com a tragédia. O que me preocupa também não é o Bolsonaro, são os "Bolsonarinhos". Porque vão ter "Bolsonarinhos" na portaria do seu prédio, porque a mídia vai ajudar perfeitamente, como na ditadura se fazia muito isso. Era assim, "Vamos caçar os inimigos". Todo opositor era inimigo. Não precisava ser guerrilheiro, como a lara. Eram todos opositores. Então se você carregava um livro vermelho, era suficiente para você ser denunciado, e denunciavam mesmo, denunciavam por qualquer motivo. Seja por causa do livro, seja porque "O meu vizinho, ele tem visitas quase toda semana, acho que houve uma reunião de esquerda" e acontecem em todas as ditaduras, os infiltrados e os adeptos que se sentem absolutamente potencializados para fazer, não é ameaça, já estão partindo para ação, são os "Bolsonarinhos."

Giovana Moreira Sanches

É uma dificuldade nos organizarmos porque teremos que mudar. Estamos ainda assim porque não sabemos o que fazer, as nossas estratégias precisam mudar. O policial já estava preparado para levar a galera presa no ônibus, o governo aprendeu que não podem nos deixar livre. Teremos de reinventar outra estratégia, acho que essa dificuldade que estamos enfrentando é de se organizar para pensar no novo.

Renan César Leite Costa

Essa ação que estávamos democraticamente exercendo ficará mais complicada. A institucionalidade vai dar à polícia esse papel de arrancar, levar, prender e os efeitos colaterais vem depois. Isso é um pouco assustador de pensar, mas eu queria voltar para a questão dos afetos. Acho que este é um momento particular, importante. Reunir-nos com os pares, e trocar angústias. Quem está atuando na clínica, vê que as pessoas estão com essas demandas de angústia e sofrimento, incertezas com estas mudanças. Subjetivamente não pode se deixar tragado por essa situação, então é importante isso. Portanto, vejo o momento da ocupação da Unesp com muito carinho por diversas razões. Estava voltando para Bauru, acho que peguei a ocupação no final. Eu havia terminado de trancar o mestrado e vim para Bauru, a galera estava ocupando o Restaurante Universitário, já tinha participado, do segundo ano até o último ano, do Centro Acadêmico, Diretório Acadêmico de uma vivência, eu procurei ter o cuidado de observar. Primeiro foi muito legal, aquela galera que chegava nas rodas de discussões, completamente imatura, ver que cresceu, era bacana de ver a organicidade que tiveram na ocupação. Não chegamos a ter nenhum outro movimento que se comparou ao acontecido. Eu passei por isso, eu os vi passando por isso, quem vive um movimento assim, começa tomar conta da realidade e aquilo vai mexendo com você. É um salto qualitativo de mudança muito importante. Não só o movimento estudantil, também a militância tem um pouco disso: sacode, dá uma "porrada" e você sai do lugar. É uma experiência bem forte que marca mesmo!

Maria Orlene Daré

A lara nos dizia o significado que tem as relações afetivas e que elas não podem ser abandonadas nunca. Ela não entendia "Que revolucionário é esse que despreza as relações afetivas? O que é isso?" Quando você despreza, está desprezando toda sua vivência com o outro. A dissertação de mestrado do Guilherme Boulos é sobre uma vinculação entre os efeitos terapêuticos, que no caso dele foi o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), ele fez especificamente na dissertação esse enfoque "Estudo sobre a variação de sintomas depressivos relacionada à participação coletiva em ocupações de sem-teto em São Paulo"²⁰.

O quanto para nós enquanto Psicologia, como nós pensamos? Há efeitos terapêuticos? Que efeitos terapêuticos têm ou podem ter no engajamento, no coletivo, no movimento social que tem a vivência e potência de transformação social. Será que tem efeito? Segundo Boulos, ele fez uma pesquisa brilhante, quantitativa e qualitativa, trouxe claramente a redução do sintoma depressivo em todos aqueles que participaram, e que estão engajados. Ele focalizou no Movimento dos Sem Teto, mas nós enquanto coletivo ou com nossa experiência de participação acreditamos em um efeito terapêutico também? Queria dizer que, sem dúvida nenhuma, é superimportante o que você fala, porque a gente tem de resgatar a história e conhecer a história, é nossa identidade. Além da lara que foi assassinada, nós temos ainda outros psicólogos/os que foram assassinados, a Aurora Maria do Nascimento Furtado, Marilena Vilas Boas, Paulinho, Felipe, Liliana Gomes Goldenberg, Idalício Soares, José Dalvo Ribeiro Ribas, Luis Celso entre outros na Ditadura. A psicologia se aliou muito ao poder vigente da ditadura e fez uma aliança horrível porque ela se manteve neutra. E afirmou a Psicologia como uma ciência neutra, que não tinha nada a ver com o que estava acontecendo, negando as torturas, deu título de psicólogo para o Garrastazu Médici (Presidente da ditadura de 1964, Emilio Garrastazu Médici). A Psicologia nasceu da aliança com a ditadura, e ganhou em termos de se oficializar, porque ela tinha realmente muita compatibilidade com que estava acontecendo, não se opôs, aceitou o que estava acontecendo, estava compatível. Depois, felizmente entrou no cumprimento e se fez presente. Ainda nós temos chance, chance em função desta história de conseguir, nos colocarmos politicamente, nos posicionar politicamente enquanto Ciência e Profissão, enquanto projeto político. Acho que isso nós temos que garantir, são vocês que vão garantir.

²⁰ Pode ser encontra no endereço: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-06062017-084608/pt-br.php>

Realização:



Conselho
Regional de
PSICOLOGIA SP